OI: OS DETALHES DO NOVO PLANO DE REESTRUTURAÇÃO DA SUPERTELE

O OCASO DE EIKE BATISTA: DE BILIONÁRIO A PRESIDIÁRIO

EUA: COMEÇA A ERA PROTECIONISTA LIDERADA POR DONALD TRUMP

ISTOÉ Dinheiro

TRES

www.istoedinheiro.com.br
ISSN 1415-7446
01 FEV/2017 – ANO 19 – Nº 1003 R$ 15,90

ILAN GOLDFAJN: "COLOCA A AUTONOMIA DO BC NA LEI, QUE O RISCO BRASIL CAI"

O guardião do Real

Sob o comando de Ilan Goldfajn, o Banco Central reassumiu o controle da inflação, passou a atuar diretamente na retomada do PIB e agora traça uma estratégia para baratear o crédito. Ele detalha seus planos com exclusividade à DINHEIRO

■ *E MAIS: a visão do presidente do BC sobre Donald Trump, câmbio, crédito direcionado, cartão de crédito, spread bancário, endividamento das empresas, grau de investimento e independência formal do órgão*

DinheirodaRedação

O que é isso, Mr. Trump?

Dito e feito. Da eleição à posse, Donald Trump não deixou de lado sequer um minuto seu figurino belicista, de mal com o mundo, que adotou ainda em campanha. Na semana passada, após vários outros lances de confronto aberto, o chefe da nação mais rica do planeta passou a rasgar contratos. Os EUA assumiram com ele um protecionismo exacerbado após oito décadas de liberalização contínua de mercado. Ninguém acreditava de fato que Trump cumprisse as ameaças. Mas a julgar pelo que fez com o maior acordo global de negócios, a Parceria Transpacífico (TPP), que reunia ao menos 11 países da Europa à América Latina, e que foi parar na lata do lixo, muito mais pode estar por vir. Trump foi Trump ao dizer com todas as letras que além de rejeitar e refazer acordos comerciais "falidos" irá reprimir com todos os instrumentos os "abusos" de nações até então parceiras. Acha pouco? O acordo do Nafta está na mira. México e Canadá, tradicionais aliados, sofrem como nunca na história do relacionamento com os americanos. Trump confirmou o muro da vergonha na fronteira, ao custo de US$ 40 bilhões, e ainda exigiu que os mexicanos paguem pela obra. Como não teve, obviamente, receptividade à demanda, sugeriu o cancelamento do encontro que teria nos próximos dias com o presidente daquele país. Trump, em poucas horas de Casa Branca, foi capaz de armar o caos nas relações comerciais do mundo. Todos estão ainda a discutir como proceder daqui para frente.

Trump faz do retrocesso sua marca e os reflexos negativos, por ironia do destino, podem recair justamente sobre seus conterrâneos. Analistas apontam que, no médio e longo prazo, o fim de acordos como o TPP e o Nafta deve provocar o aumento do desemprego e dos preços no mercado americano. Justamente o problema que Trump diz combater. Como num reality show, repleto de pirotecnias, o novo líder do mundo livre atua sem script. Muitos acham que de um momento para o outro ele descerá do palco. Demitido. Mas, no momento, Trump segue como a mais tenebrosa e inesperada realidade. Mesmo os concidadãos estão estupefatos com tantas derrapagens logo de saída e começam a exprimir preocupação na forma de protestos nas ruas. Trump ameaça empresas,

EXCLUSIVO ONLINE **istoedinheiro.com.br**

ECONOMIA | MERCADO DIGITAL | NEGÓCIOS | ESTILO | FINANÇAS | INVESTIDOR | BLOGS E COLUNAS | MULTIMÍDIA

Portal

DINHEIRO estreia novo site

O portal da DINHEIRO lançou uma nova versão de seu site. Agora, ele exibe visual mais limpo. O novo sistema traz ainda agilidade na edição de notícias. Com design responsivo, o conteúdo pode ser acessado por computador, smartphone ou tablet, adaptando-se à tela preferida do leitor. Além disso, a nova versão conta com uma navegação mais amigável, com destaque para a produção multimídia, como vídeos e galerias de fotos. O time de blogueiros da DINHEIRO traz análises sobre os principais temas corporativos, como economia, negócios, finanças pessoais, investimento, luxo, vinho, entre outros assuntos.

DINHEIRO 90"

Como construir uma imagem poderosa na internet

A internet tornou-se responsável por grande parte do sucesso das marcas, dos negócios e das pessoas. Aprenda quais são as atitudes para construir uma imagem poderosa na web com o empresário **Rafa Prado**, que também é escritor e palestrante.

FOTOS: SAUL LOEB / AFP | DIVULGAÇÃO

ameaça à imprensa, ameaça países. Ameaça qualquer um que se interponha a seus objetivos.

Nessa toada, logo poderá se ver isolado e, o que é pior, empurrando os EUA para um novo e sofrido período de trevas, como aconteceu nos idos de 2008. O Brasil, paradoxalmente, tem chances até de se beneficiar nessa escalada revisionista de Trump. Por não participar de nenhum dos acordos comerciais alvos da fúria do presidente americano, viu abrir na sua frente uma avenida de oportunidades. Autoridades locais já alinhavam futuros entendimentos para avançar sobre os espaços deixados pelos demais. De todo modo, não é nada alvissareira a hipótese do atual ocupante da Casa Branca travar a globalização para atender a seus caprichos nacionalistas, pseudo-patrióticos, de caráter meramente revanchista. Muitos estão agora a se indagar: o que é isso, Mr. Trump?

Carlos José Marques,
diretor editorial

Índice

ESTADOS UNIDOS: o agitado começo de Donald Trump... pág. 34

EIKE BATISTA: como o empresário passou de bilionário a presidiário... pág. 38

OI: conheça o plano de reestruturação da supertele brasileira... pág. 46

CAPA: sob o comando de Ilan Goldfajn, o BC reassumiu o controle da inflação, passou a atuar diretamente na retomada do PIB e agora traça uma estratégia para baratear o crédito... pág. 22

SEMANA – Uma nova Odebrecht?... pág. 10

MOEDA FORTE – Peugeot abandona a Stock Car... pág. 12

SUSTENTABILIDADE – Batalha naval para salvar os corais da Amazônia... pág. 14

ENTREVISTA – Roberto Leoncini, vice-presidente da Mercedes-Benz do Brasil... pág.16

DINHEIRO E TECNOLOGIA – Sob investigação da SEC, Yahoo! adia negócio com a Verizon... pág. 50

COBIÇA – A mansão americana mais cara da história... pág. 54

DINHEIRO DO INVESTIDOR – As novas estratégias dos gestores de grandes fortunas... pág. 59

ARTIGO – Precisamos falar de sexo também na economia... pág. 66

CAPA – Wenderson Araujo

Vídeo

O guardião do real

O presidente do Banco Central, Ilan Goldfajn, detalha seus planos com exclusividade à DINHEIRO. Conheça também a visão do economista sobre Donald Trump, câmbio, crédito direcionado, cartão de crédito, spread bancário, endividamento das empresas, grau de investimento e independência formal do órgão. Confira uma análise da reportagem com **Luís Artur Nogueira.**

BLOGS E COLUNAS

Nossos blogueiros e colunistas analisam a economia, os negócios, o consumo e muito mais! Confira no site da DINHEIRO:

O mundo dos vinhos
Por Suzana Barelli

Moeda Forte
Por Carlos Sambrana

República do automóvel
Por Sergio Quintanilha

Tecnologia

PSafe terá versão paga de seu aplicativo de segurança

Desde que surgiu, em novembro de 2010, a start-up brasileira PSafe tem uma regra pétrea: seu aplicativo de segurança, chamado de PSafe Total, é gratuito. A partir de abril, essa regra começa a ser flexibilizada. A PSafe terá uma versão paga de seu aplicativo. Leia o artigo de Ralphe Manzoni Jr., no blog BASTIDORES DAS EMPRESAS: **http://bit.ly/2kpImVS**

FOTOS: WERTHER SANTANA | MARCOS D'PAULA | MASAO GOTO FILHO/AG.ISTOÉ | SHEILA OLIVEIRA | FELIPE GABRIEL

EDITOR E DIRETOR RESPONSÁVEL
DOMINGO ALZUGARAY

EDITORA
CÁTIA ALZUGARAY

PRESIDENTE EXECUTIVO
CACO ALZUGARAY

Dinheiro

DIRETOR EDITORIAL
CARLOS JOSÉ MARQUES

DIRETOR DE NÚCLEO
MILTON GAMEZ

TEXTO
Redator-Chefe: Carlos Sambrana
Editores: Cláudio Gradilone, Hugo Cilo, Luís Artur Nogueira, Márcio Kroehn e Ralphe Manzoni Jr.
Editores-Assistentes: Gabriel Baldocchi, Flávia Galembeck e Rodrigo Caetano
Reportagem: Carlos Eduardo Valim, Moacir Drska , Paula Bezerra e Roger Marzochi

ARTE
Diretor de Núcleo: Paulo Roberto Aloe
Chefe de Arte: Cinthia Behr
Diagramadores: Iara Spina, Jefferson Barbato e Christiane Pinho
Ilustração: Evandro Rodrigues **(chefe)** e Ricardo Alonso
CTI: Daniel Costa **(chefe)**
Projeto Gráfico: Ricardo van Steen **(colaborou** Bruno Pugens)

ISTOÉ DINHEIRO ONLINE
Editores: Carlos Dias e Geovana Pagel **Reportagem:** André Jankavski
Webdesign: Marianne Braack

FOTOGRAFIA
Pesquisa: Bruno de Los Santos Fortuna **Arquivo:** Eduardo A. Conceição Cruz

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello. **Secretária**: Terezinha Scarparo
Assistente: Cláudio Monteiro. **Auxiliar:** Lucio Fasan
Secretária em Brasília: Suely Melo

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala
Diretor de Vendas Pessoais: Wanderlei Quirino
Gerente OnLine e Projetos Especiais: Solange Chiarioni
Gerente de Venda Avulsa e Logística: Luciano Sinhorini
Gerente Geral de Planejamento: Reginaldo Marques

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566 de 2ª a 6ª feira das 9h às 20h30.
Outras Capitais: 4002-7334
Outras Localidades: 0800-888-2111 (exceto ligações de celulares)
Assine! www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

MARKETING – **Diretor:** Rui Miguel. **Assistente de Marketing:** Andréia Silva

PUBLICIDADE – **Diretor Nacional:** Maurício Arbex
Diretoras de Publicidade: Ana Diniz, Tida Cunha. **Secretária de Diretoria:** Regina Oliveira.
Executivos de Negócios: Andréa Perzuto, Batista Foloni Neto, Eduardo Nogueira, Elisângela Simões, João Fernandes, Luciano Tomaz, Luiz Marcos Perazza, Luiz Sérgio Siqueira, Regiane Valente e Tânia Macena. **Assistentes:** Valéria Esbano
Executiva de Negócios Mídias Digitais: Carla Dubinskas **Coordenador:** Gilberto di Santo Filho. **MARKETING PUBLICITÁRIO E EVENTOS – Diretora:** Isabel Povineli.
Gerente: Maria Bernadete Machado **Assistentes de Marketing Publicitário e Eventos:** Marília Gambaro e Marília Trindade. **Criação – Redator:** Bruno Modolo, **Arte:** Victor Forjaz
RIO DE JANEIRO-RJ: Gerente-Executiva: Felipe Drummond. **Coordenadora de Publicidade:** Dilse Dumar. Tel.: 21 2107 6667 - Fax: 21 2107 6669 – **BRASÍLIA-DF: Gerente:** Marcelo Strufaldi. Tel.: 61 3223 1205 / 3223 1207 - Fax: 61 3223 7732 – **ARACAJU-SE:** Pedro Amarante - Gabinete de Mídia - Tel.: 79 3246 4139 / 9978 8962 – **BELÉM-PA:** Gilcia Diocesano - Diandara Representações - Tel.: 91 3242 3367 / 8125 2751 – **BELO HORIZONTE-MG:** Celia Maria de Oliveira - Nº Página Publicidade Ltda. Tel./fax: 31 3291 6751 / 9983 1783 – **CAMPINAS-SP:** Wagner Medeiros - Parlare Comunicação Integrada - Tel.: 19 8238 8808 /3579 8808 – **CURITIBA-PR:** Maria Marta Graco - M2C Representações - Tel./fax: 41 3223 0060 / 9962 9554 – **FLORIANÓPOLIS-SC:** Anuar Pedro Junior e Paulo Velloso - Comtato Negócios - Tel.: 48 9986 7640 / 9989 3345 – **FORTALEZA-CE:** Leonardo Holanda - Nordeste MKT Empresarial - Tel.: 85 9724 4912/ 8832 2367 / 3038 2038 – **GOIÂNIA-GO:** Paula Centini - Centini Comunicação - Tel./fax: 62 9221 5575 / 3624 5570 – **PORTO ALEGRE-RS:** Roberto Gianoni e Thiago Soll - RS Gianoni Comércio & Representações Ltda. - Tel./fax: 51 3388 7712 **RECIFE-PE:** André Nicéas e Eduardo Nicéas - Nova Representações Ltda. - Tel./fax: 81 3227 3433 / 9164 1043 / 9964 8231 – **RIBEIRÃO PRETO-SP:** Andréa Gebin - Parlare Comunicação Integrada - Tel.: 16 3236 0016 / 8144 1155 – **VILA VELHA-ES:** Didimo Effgen - Dicape Representações e Serviços Ltda. - Tel./fax: 27 3229 1986 / 8846 4493 – **INTERNACIONAL:** Gilmar de Souza Faria - GSF Representações de Veículos de Comunicações Ltda. - Tel.: 55 11 99163 3062

Dinheiro (ISSN 1414-7645) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda. **Redação e administração:** Rua William Speers, nº 1088. São Paulo-SP, CEP 05067-900. Tel.: 11 3618 4200 - Fax da redação: 11 3618 4109
Sucursais: Rio de Janeiro: Av. Almirante Barroso nº 63, sala 1510, tel.: 21 2107 6650 e fax 21 2107-6661, Brasília: SCS, Quadra 2, Bl. D, Ed. Oscar Niemeyer, sala 201 a 203, tel.: 61 3321 1212 e fax 61 3225 4062.
Dinheiro não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados.
Comercialização e Distribuição: Três Comércio de Publicações Ltda.
Rua William Speers, 1212 – São Paulo-SP.
Distribuição exclusiva em bancas para todo o Brasil: FC Comercial e Distribuidora S.A.,
Rua Dr. Kenkiti Shimomoto, 1678, sala A – Osasco-SP. Tel.: 11 3789 3000
Impressão: OCEANO INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA. Rodovia Anhanguera, Km 33, Rua Osasco, nº 644 – Parque Empresarial – CEP 07750-000 – Cajamar – SP.

ANER

CARTAS, E-MAILS E MENSAGENS

A economia na era Trump

Os Estados Unidos vão barrar a entrada de produtos estrangeiros e o Brasil pode perder um grande parceiro comercial. Seja quem for que ganhe por lá, os americanos sempre irão valorizar a produção local. Ao contrário dos brasileiros, que adoram bajular e valorizar tudo o que vem de fora.

Carlos Roberto de Sousa
Comentário via Facebook

Para o Brasil, será um sucinto convite a retirar-se. A austera política americana não inclui países como o nosso. Segundo as palavras do próprio Donald Trump, "até aqui, nosso dinheiro virou dinheiro no bolso de outros países". Ora, um dos locais onde as multinacionais americanas mais investiram é o Brasil. O recado já foi dado.

Luiz dos Santos
Comentário via Facebook

A entrada de brasileiros nos Estados Unidos poderá ser simplificada com Donald Trump, segundo análise do embaixador do Brasil em Washington, Sergio Amaral. Será?

Joabe de Lima
Comentário via Facebook

Lava Jato à deriva

Infelizmente, pessoas de caráter, honestidade e que trabalham pelo bem maior, que é a Justiça, vão embora cedo e em um momento tão importante para o Brasil. Todos os dias, somam-se à crise econômica, problemas em várias áreas administrativas do País, acrescentando custos que deveriam ir para setores como saúde e educação. Fica muito difícil acreditar que algo realmente positivo possa acontecer em prol da população, que está muito cansada e lesada em sua vida pessoal e profissional.

Tereza Rodrigues
Comentário via LinkedIn

O povo e a Lava Jato vencerão. A Justiça ainda será feita. Vai demorar mais do que necessitamos, mas a operação vai conseguir acabar com essa classe de políticos corruptos.

Oswaldo Luiz Contiero
Comentário via Facebook

Já era a Lava Jato. Os corruptos vão ficar livres.

Marco Mendes
Comentário via Facebook

Nada abala a Samsung

Na minha opinião, isso acontece porque eles trabalham bem e são profissionais em tudo o que produzem.

José Amparo de Souza
Comentário via LinkedIn

Com um pé fora da crise

No início de 2016, o CDS do Brasil (que expressa o risco de calote da dívida, na avaliação dos investidores) estava em 600 pontos e o dólar em R$ 4,10. A situação fiscal era horrível e a inflação foi a quase 11%. A economia já tinha caído 3,8% em 2015, e as estimativas do PIB para 2016 eram de -4%. Hoje, o CDS está perto de 350 pontos. O câmbio saiu de R$ 4,10 para R$ 3,20. A valorização do real ajudou a reduzir a inflação, que terminou 2016 abaixo do topo da meta do governo (6,5%) e está convergindo rapidamente para 4,5%. 2017 será muito melhor.

Clovis Faleiro
Comentário via LinkedIn

Fale conosco

Cartas para esta seção, com endereço, RG e telefone, devem ser remetidas para: Diretor de Redação, DINHEIRO, Rua William Speers, 1.088, Lapa, São Paulo - SP, CEP 05067-900. Fax: (011) 3618-4109. Internet: Acesse o portal www.istoedinheiro.com.br, escreva mensagens nas páginas da revista nas redes sociais ou mande e-mail para faleconosco@istoedinheiro.com.br. As cartas e mensagens poderão ser editadas em razão de seu tamanho ou incompreensão.

Dinheiro na semana

POR MÁRCIO KROEHN E PAULA BEZERRA

Construção

Uma nova Odebrecht?

REESTRUTURAÇÃO: novos tempos na Odebrecht devem afastar a família do negócio. Na imagem, Marcelo (à esq.), Norberto (ao fundo) e Emílio (à dir.)

O Grupo Odebrecht, fundado por Norberto Odebrecht (1920-2014), está em franca reestruturação de seus negócios. Assim que o Supremo Tribunal Federal homologar a delação premiada de seus 77 executivos, a tendência é que Emílio Odebrecht deixe a presidência do Conselho de Administração. Ele seria o último membro da família a ocupar um cargo executivo nas empresas do conglomerado. Marcelo Odebrecht, preso desde junho de 2015, deixou a função de presidente executivo em dezembro de 2015. A saída do clã seria parte da estratégia de aumentar a transparência, reconquistar credibilidade e deixar para trás as manchas causadas pelos casos de corrupção.

Fortuna

Bill Gates na corrida pelo primeiro trilhão

O bilionário Bill Gates, que detém uma fortuna estimada em US$ 84,4 bilhões, pode ser o primeiro trilionário do mundo. Segundo cálculos da ONG Oxfam, a multiplicação da fortuna do criador da Microsoft atingirá US$ 1 trilhão em 2042. O relatório da ONG aponta que existiam 793 bilionários em 2009. O patrimônio líquido deles somava US$ 2,4 trilhões. Em 2016, os mesmos bilionários passaram a ter US$ 5 trilhões, um crescimento anual de 11%.

Aquisição

Johnson compra maior biofarmacêutica da Europa

A Johnson & Johnson, gigante americana do setor de farmácias e produtos de higiene, anunciou a compra do laboratório suíço Actelion, a maior empresa biofarmacêutica da Europa. O negócio de US$ 30 bilhões, assinado por Joaquim Duarte, vice-presidente da J&J, pelo CEO Jean-Paul Clozel e pelo diretor científico da Actelion, Paul Stoffels *(da esq. à dir.)* terá um impacto imediato nos resultados da empresa americana, que projeta um aumento de 1% nas receitas.

Finanças

Citi paga multa milionária

O Citigroup foi multado em US$ 18 milhões pela Securities and Exchange Commission (SEC) por erros de cobrança de taxas. Segundo o órgão que fiscaliza o mercado de capitais nos Estados Unidos, 60 mil clientes foram prejudicados pela instituição financeira, entre 2000 e 2015. Além disso, o Citi perdeu milhares de documentos dessas contas, que provariam o valor desses contratos.

Justiça

Caso CSN e Usiminas perto do desfecho

O julgamento da apelação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) contra a Usiminas está marcado para acontecer em 8 de fevereiro. A CSN tenta provar que houve troca de controle na Usiminas, em 2012, quando o grupo Ternium/Techint ingressou no capital da siderúrgica. Sendo assim, a empresa quer seu direito ao tag along, ou seja, receber 80% do valor de R$ 36 por ação, pago pela Usiminas no momento da aquisição. Além de acionar a Justiça por meio da Lei das S/As, a CSN também notificou a Usiminas na CVM.

PARA REAQUECER AS FUSÕES

O total de fusões e aquisições no Brasil recuou em 2016. Os 740 negócios (ante 773 no ano anterior) demonstram como o conturbado ambiente político e a redução da atividade econômica afastaram os investidores. No segundo trimestre, o auge do processo de impeachment, houve uma queda de quase 20% sobre o ano anterior. O alento é que houve uma aceleração importante no quarto trimestre, um crescimento de 32% sobre o mesmo período de 2015. "Isso pode ser decorrente de negócios que tenham se desenvolvido de forma mais cautelosa e lenta em 2016 devido ao atual contexto de incertezas", analisa Luis Motta, sócio da KPMG.

Fonte: KPMG

FOTOS: ODEBRECHT DIVULGAÇÃO | FELIPE GABRIEL | DIVULGAÇÃO

Por isso, a empresa analisa a possibilidade de adotar uma nova marca. Outra alternativa estudada seria a abertura de capital da construtora na bolsa de valores. Os executivos acreditam que essa é uma das maneiras de provar que a Odebrecht elevou seus níveis de governança corporativa. "Estamos passando por um processo de revisão da forma de nos organizar, de conceitos, de políticas e diretrizes", disse Newton de Souza, diretor-presidente do Grupo Odebrecht, em comunicado. "Já vivemos outras crises, que resultaram na revisão das nossas áreas de atuação. Certamente, após concluída esta etapa, virada esta página, estaremos preparados para enfrentar os desafios do futuro."

Alimentos

Marfrig retoma projeto de IPO da Keystone

Nas próximas semanas, a Marfrig Global Foods anunciará seu plano estratégico para os próximos cinco anos. A principal expectativa é com a definição sobre a Keystone, a subsidiária internacional com sede nos EUA, que responde por metade das receitas do grupo. O CEO Martin Secco tem dois caminhos a escolher: a abertura de capital ou a entrada de um acionista minoritário. Os recursos dessa operação serão usados para reduzir o endividamento de R$ 11,5 bilhões. Na semana passada, o BNDES converteu empréstimo de R$ 2,5 bilhões em ações, e passou a deter 32,5% do capital da Marfrig. O fundador Marcos Molina, porém, continua majoritário com 40%.

Internacional

Brexit ou não, eis a questão

A saída do Reino Unido da União Europeia, o chamado Brexit, sofreu nova reviravolta. O processo pode ser cancelado depois que a primeira-ministra Theresa May anunciou que os britânicos deixarão, também, o mercado comum do bloco europeu. Na semana passada, a Suprema Corte do Reino Unido decidiu que o Parlamento terá de validar e aprovar o Brexit. A medida invalida o plebiscito realizado em junho de 2016, no qual a maioria dos britânicos escolheu que o Reino Unido deveria sair do bloco.

NÚMEROS

R$ 182 bilhões
FOI O TOTAL investido pelo Brasil, entre 1995 e 2014, para amenizar os efeitos de secas e enchentes, segundo o Banco Mundial.

US$ 14,5 bilhões
FOI O GASTO dos brasileiros no exterior em 2016, uma queda de 16,5% ante os US$ 17,4 bilhões de 2015.

US$ 64,9 milhões
É O VALOR que o Banco Safra alega ter perdido em títulos da dívida da mineradora Samarco. A instituição abriu processo nos EUA.

14,2 mil
FOI O NÚMERO de beneficiários suspensos do programa Bolsa Família na cidade de São Paulo. A medida foi aconselhada pelo Ministério Público Federal, que encontrou irregularidades nas inscrições.

8,9%
FOI A PARCELA dos endividados inadimplentes sem condições de quitar seus débitos em 2016, segundo a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo. O número foi o maior dos últimos seis anos.

MOEDA FORTE

Por **Carlos Sambrana**
COM ANDRÉ JANKAVSKI, HUGO CILO E MÁRCIO KROEHN

XP AMEAÇADA

Às vésperas de dar início ao seu processo de abertura de capital na bolsa de valores, a XP Investimentos, a maior empresa independente de serviços financeiros do País, foi surpreendida com o vazamento da informação de que foi vítima de um roubo de 29 mil dados cadastrais de clientes, entre 2013 e 2014. Os *hackers* tentaram extorquir R$ 22,5 milhões do sócio-fundador, **Guilherme Benchimol**, "para evitar o caos no Grupo XP e a manutenção intacta da credibilidade de seus investidores". O pagamento deveria ser feito em bitcoins. Desde dezembro do ano passado, a Polícia Federal, em São Paulo, abriu inquérito para investigar o crime, que corre em segredo de Justiça.

O BRASIL NA MIRA

Diversos rankings de vulnerabilidade a ciberataques colocam o Brasil como o preferido dos criminosos na América Latina. No ano passado, houve um crescimento de 190% nas ameaças no País, ante uma expansão média global de 40%. Mas, poucas empresas buscam um seguro para se proteger desse possível problema. "Os executivos preferem investir na prevenção do risco, com o melhor antivírus, a dividi-lo com a seguradora", diz Rodrigo Medeiros, sócio da Pyxis Corretora de Seguros. "Mas a compra de um sistema sofisticado de R$ 1 milhão só protege contra 10% dos ataques." A característica de uma apólice de Cyber Risks é ampla. Ela inclui proteção contra a quebra de confidencialidade por invasão de *hackers*; roubo, destruição e transmissão de códigos maliciosos; custos com gerenciamento de crise de imagem; demandas contra extorsão; reposição por perdas de dados, entre outras.

MAIS UM COMPETIDOR

No País, a AIG e a XL Catlin são as duas únicas seguradoras a oferecer esse produto. A Allianz já tem o seu aprovado, mas ainda não disponibilizou para o mercado. Há menos de 100 apólices emitidas e o maior valor assegurado é de R$ 10 milhões. No exterior, a garantia é 10 vezes maior. Uma das principais reclamações é o custo, que pode chegar a 6% do capital assegurado. Ele, de fato, ainda é alto, pela falta de experiência do setor sobre os tipos de ataques e sinistros. Para se ter uma ideia, uma apólice de responsabilidade civil profissional, que é bastante utilizada pelas empresas, tem custo máximo de 1,2% do capital assegurado.

ALÍVIO NA **LAVA JATO**

Um dos maiores escritórios de advocacia do País, que defende duas empreiteiras que fizeram delação na Operação Lava Jato, recebeu com alívio a decisão da presidente do Supremo Tribunal Federal, Cármen Lúcia, em autorizar os juízes assessores do ministro **Teori Zavascki** a continuar ouvindo os executivos da Odebrecht para acelerar a homologação dos depoimentos. Desde a morte de Zavascki, os clientes se revezam em longas reuniões, no período da manhã e da tarde. Havia muita apreensão sobre o destino dos acordos. "Antes era uma incógnita geral, por mais pressão que o Rodrigo Janot estivesse fazendo", diz um dos sócios. O procurador-geral da República tem cobrado urgência na definição do novo relator do processo.

"Se não quiser pagar o muro, melhor cancelar"

Donald Trump, presidente dos EUA, a respeito de reunião que teria com o presidente do México Enrique Peña Nieto

FOTOS: JOÃO CASTELLANO (AG. ISTOÉ) | FELIPE SAMPAIO (SCO/STF) | SAMUEL CHAVES (54 PHOTOPRESS) | ILUSTRAÇÕES: EVANDRO RODRIGUES

AGILIDADE NA **CRISE**

Enquanto o setor de motocicletas derrapou no ano passado, com uma queda de 27,9% nas vendas, uma marca conseguiu desviar da crise com, digamos, agilidade. Trata-se da italiana Ducati, que cresceu quase 30%, com 1,2 mil unidades vendidas. Mas, ao contrário do que se imagina, não foi uma tarefa fácil. "O ano passado foi ruim para todo mundo", diz Diego Borghi, presidente da Ducati no Brasil. "Trabalhamos numa reestruturação completa do time, das concessionárias e brigamos com a matriz para não aumentar os preços das motos."

ACELERAR COM **CAUTELA**

Atualmente, a marca conta com dez concessionárias e três delas fecharão neste primeiro trimestre: as do Rio de Janeiro, de Ribeirão Preto e de Porto Alegre. "Mas a meta é abrir novos pontos, reabrir a de Porto Alegre com um novo representante e terminar 2017 com 12 lojas", diz Borghi. O crescimento de vendas, porém, não será tão arrojado. "A nossa meta é 10%. O consumidor ainda não está confiante na economia." Para isso, a marca aposta no modelo Multistrada e em máquinas exclusivas como a **1299 Superleggera.** Feita em fibra de carbono, apenas 500 unidades serão fabricadas no mundo e três delas – uma já encomendada – virão para o Brasil. Seu preço? R$ 550 mil.

MINEIRÃO QUER SER EXCEÇÃO

Enquanto diversas arenas construídas para a Copa do Mundo estão envolvidas em escândalos de corrupção ou até mesmo apresentando falhas estruturais, o Mineirão procura ficar alheio a esses problemas. Administrado por meio de uma parceira-público-privada (PPP), o estádio localizado em Belo Horizonte vem buscando alternativas para preencher a ociosidade do espaço. Não por acaso, 35% da receita da arena já vêm de shows de música e eventos corporativos. Com isso, o faturamento do estádio em 2016 subiu cerca de 40%. "Tivemos 90 dias de eventos no estádio e a meta para 2017 é superar os 150", diz Samuel Lloyd, diretor comercial da Minas Arena, consórcio responsável pela gestão formado pelas empresas HAP, Egesa e Construcap. Segundo o executivo, o estádio conseguirá cumprir a meta de recuperar o dinheiro investido no espaço, cerca de R$ 695 milhões, até 2024.

PEUGEOT ABANDONA A STOCK CAR

A francesa Peugeot deixará de ser uma das montadoras oficiais da StockCar, uma das cinco maiores categorias de carros de turismo do mundo. A decisão da empresa, comandada por Ana Theresa Borsari no Brasil, já vinha sendo comentada na última etapa do ano passado, realizada no autódromo paulista de Interlagos. Na ocasião, o jovem Felipe Fraga conquistou o título pela equipe Cimed Racing pilotando um Peugeot. A saída da categoria foi confirmada pela montadora à coluna: "Em 2016, a Peugeot encerrou um ciclo vitorioso na Stock Car, iniciado em 2007 com o 307 Sedã. Mesmo fora da competição, a Peugeot reforça sua atuação ofensiva nos esportes com o Rali Dakar, onde foi bicampeã esse ano com o 3008 DKR conquistando os três primeiros lugares do pódio, e o patrocínio nos tradicionais torneios de tênis nacionais e internacionais". Por enquanto, apenas a GM aparece como apoiadora da categoria.

CHARGE

PARTIU **ESTADOS UNIDOS**

O grupo hoteleiro português Pestana vai agradar o presidente americano Donald Trump. A companhia investirá cerca de R$ 700 milhões (€ 200 milhões), até 2020, para turbinar seus negócios em todo o mundo, principalmente nos Estados Unidos. No mercado americano, além dos já existentes Pestana South Beach Miami, Pestana Newark e Pestana CR7 New York, será inaugurado nos próximos anos o Pestana NY East Side. Segundo o executivo responsável pelo plano de expansão do Pestana Hotel Group, José Roquette, o plano de investimentos garantirá o maior ciclo de crescimento da empresa, alcançando um recorde de 3 mil novos quartos nos próximos cinco anos. No ano passado, a empresa faturou € 400 milhões.

Sustentabilidade

POR RODRIGO CAETANO

GREENPEACE TRAZ ESPERANÇA

O Greenpeace trouxe ao Brasil seu maior navio, o Esperanza. A embarcação atracou no porto de Santana, no Amapá, na terça-feira 24, e seguirá em direção à Foz do Rio Amazonas. Seu objetivo: fazer as primeiras imagens dos chamados corais ocultos da Amazônia. Em abril do ano passado, um grupo de cientistas de 11 instituições, sob a liderança da Universidade Federal do Rio de Janeiro, descobriu um sistema de recifes formado por corais, esponjas e algas calcárias que se estende por 9,5 mil quilômetros, do Maranhão até a fronteira entre Brasil e Guiana Francesa. Mas o que a ONG quer, na verdade, é pressionar o governo brasileiro a desistir de autorizar duas petroleiras, a francesa Total e a britânica BP, a explorarem petróleo na região, o que colocaria em risco os corais. A bacia da foz do Rio Amazonas é considerada a próxima fronteira da exploração petrolífera nos mares brasileiros. "Queremos defender os corais da Amazônia e toda a região da foz do Amazonas da ganância corporativa, que coloca o lucro na frente do meio ambiente", diz Thiago Almeida, integrante da Campanha de Energia do Greenpeace. O Esperanza traz, além da equipe, um submarino para captar ajudar a captar as imagens. A exploração de petróleo também prejudica a vida marinha da região, que conta com espécies ameaçadas de extinção, como o peixe-boi-marinho, o tracajá e a ariranha.

MARINHA VERDE

Conheça o Esperanza, o maior navio da ONG, que está no Brasil

- Tem **72 metros de comprimento** e foi construído na Polônia, em 1984, sob encomenda da Rússia
- Sua função inicial era **combater incêndios**
- Foi comissionado pelo **Greenpeace em 2000**
- A velocidade da embarcação é de **16 nós**, o equivalente a **cerca de 30 km/h**
- Sua **tripulação** é de **40 pessoas**

Petróleo

CHEVRON EM APUROS

Uma comunidade indígena do Equador está processando a Chevron em um caso que pode chegar a US$ 12 bilhões. No começo de janeiro, os habitantes da região do Lago Agrio obtiveram uma importante vitória, quando a corte superior de Ontário, no Canadá, aceitou prosseguir com o pleito. Os indígenas acusam a petroleira de, deliberadamente, derramar 18 bilhões de galões de lixo tóxico em suas águas, e depois se recusar a limpar a sujeira. Em 2011, a justiça equatoriana deu ganho de causa à comunidade, estabelecendo indenização de US$ 9,5 bilhões – o valor atual é corrigido. A empresa, no entanto, entrou com uma ação nos Estados Unidos alegando fraude processual. Os indígenas contra-atacaram no Canadá e, agora, querem convencer a Justiça a permitir que ativos da petroleira no país sejam leiloados.

O PROCESSO

Indígenas equatorianos alegam que a Chevron despejou 18 bilhões de lixo tóxico nas águas

Em 2011, uma corte do país condenou a **petroleira** a pagar US$ 9,5 **bilhões**

O valor, atualizado, está em cerca de **US$ 12 bilhões**

Cultura

REALIDADE **AMBIENTAL**

O festival de cinema de Sundance, em Utah, nos Estados Unidos, apresentou uma série de filmes ambientais produzidos em realidade virtual. Esse tipo de película utiliza equipamentos como o da foto para oferecer a experiência de fazer parte da ação. Entre as obras estão "Under the Canopy", criado pela ONG Conservation International, que mostra um tour pela Selva Amazônica, guiado pelo índio Kamanja, da tribo Trio, do Suriname. O cineasta americano-cingapuriano Dafunq Dennis apresentou o "Melting Ice", filmado nas geleiras polares. A obra é uma peça complementar de uma das grandes estrelas do festival: "An Inconvenient Sequel: truth to Power", a continuação do aclamado "Uma verdade inconveniente", do ex-vice-presidente americano Al Gore. O filme permite que o espectador vivencie a experiência de ver o derretimento das geleiras e a subida dos mares.

Empresas do Bem

Meio ambiente

CIÊNCIA A FAVOR DA **BIODIVERSIDADE**

O Instituto Ecofuturo, mantido pela fabricante de papel e celulose Suzano, realizou um levantamento de todas as pesquisas conduzidas no Parque das Neblinas, localizado em Mogi das Cruzes, na região metropolitana de São Paulo. Os 58 estudos analisados identificaram 1.253 espécies de fauna e flora, número que representa um aumento de 24% da riqueza de biodiversidade conhecida pela equipe do Parque das Neblinas, entre 2002 e 2016. Entre as espécies mais representativas estão o muriqui, a onça-parda, a anta e o veado. O objetivo da iniciativa é fomentar e direcionar novas pesquisas no local.

Estados Unidos

UMA **DERRADEIRA AJUDA**

Antes de deixar o poder, o ex-presidente americano Barack Obama conseguiu dar uma última ajudinha aos ambientalistas. Ele aprovou o direcionamento de US$ 500 milhões em recursos para o Green Climate Fund, um fundo de investimento global, que conta com a participação de 200 países, voltado para o combate às mudanças climáticas. Seu sucessor, Donald Trump, já disse que vai barrar esse tipo de iniciativa.

Alimentos

MENOS EMBALAGEM, MENOS SUJEIRA

A fornecedora de vegetais holandesa Nature & More e a rede de supermercados sueca ICA fizeram uma acordo para substituir os rótulos adesivos dos produtos por gravações a laser. A técnica, que não interfere na qualidade do vegetal, será utilizada, experimentalmente, em abacates e batatas doces. A iniciativa irá economizar, em um ano, ao menos 200 quilômetros de adesivos.

FOTOS: DIVULGACAO GREENPEACE | ICA SUPERMARKET SWEDEN | SUNDANCE AFP | DIVULGAÇÃO

"Um ano ruim como o de 2016 não se repetirá"

Por Hugo CILO

Depois de 26 anos na Scania, o executivo paulistano Roberto Leoncini foi convidado, no ápice do setor, em 2014, a comandar as operações de caminhões e ônibus da concorrente Mercedes-Benz no País. O desafio, naquela época, era garantir as entregas em um mercado fervilhante. Mas tudo mudou. A troca de emprego coincidiu com o início de um dos mais agudos ciclos de queda da história da indústria brasileira. O setor de veículos pesados, que vendia aproximadamente 170 mil unidades por ano, fechou 2016 em um patamar de 47 mil. "O volume de vendas regrediu a níveis de 20 anos atrás, mas com os custos de 2017", afirma. O cenário apocalíptico para as montadoras, no entanto, é apenas uma imagem no retrovisor, na opinião do executivo. "As coisas ainda não melhoraram, mas o ambiente de negócios está mais positivo", diz Leoncini. Acompanhe, a seguir, sua entrevista.

DINHEIRO – A crise que atingiu em cheio o setor de caminhões deve se repetir neste ano?

ROBERTO LEONCINI – *O ano de 2016 foi terrível. Um ano para gente esquecer, rasgar da folhinha e não usar como base de planejamento para os próximos anos. Eu não acredito em algo assim de novo. Um ano ruim como o de 2016 não se repetirá. Olhando para trás, creio que o que mais prejudicou o setor de caminhões foi o baixo ritmo da agricultura. O setor de veículos pesados tem uma relação carnal com o desempenho do campo, que é o maior gerador de carga do País. O setor de grãos registrou entre 30% e 40% de queda. Com uma quebra de safra desse tamanho, em meio a um cenário econômico desanimador, todo mundo recuou na compra de novos caminhões porque já tinha capacidade de transporte. O empresário só decide comprar um novo caminhão quando tem um novo contrato assinado. Isso não aconteceu. Então, muitos decidiram adiar a compra e esticar a manutenção.*

DINHEIRO – Suas projeções de recuperação estão baseadas em quê?
LEONCINI – *Se a gente olhar para as características do País, para o tamanho da economia, para a idade avançada da frota, para o modelo de logística, em que 62% do transporte está em cima do caminhão, não temos como imaginar a repetição de um ano igual ao de 2016. Além disso, o empresário que vive do transporte sabe que não pode ficar rodando com um caminhão de dez ou quinze anos de uso. O negócio se torna economicamente inviável diante dos custos de manutenção.*

DINHEIRO – Qual é a sua projeção de crescimento para este ano?
LEONCINI – *Imagino algo entre 6% e 10%. Mas acredito que teremos surpresas boas em alguns segmentos.*

DINHEIRO – De onde virão essas surpresas?
LEONCINI – *Estou confiante que o plano do governo de acelerar a infraestrutura e as concessões vai gerar uma onda de novos investimentos. A empresa que vence uma licitação quer sua frota pronta para operar no dia seguinte. Então, há boas perspectivas.*

DINHEIRO – Mas as altas taxas de juros não podem frustrar essas perspectivas?
LEONCINI – *Pode ser que sim. Os empresários saíram de uma taxa de juros de 6% pelo Finame, para 15% ao ano. Esse foi o primeiro susto. Depois, os bancos se mostraram muito mais seletivos na concessão de financiamentos. O medo da inadimplência inibiu novos negócios. O funil ficou muito estreito. Mas existe uma situação que prejudicou ainda mais. Na outra ponta do mercado, o gerador de carga passou a espremer os donos de caminhão, com fretes muitos baixos. Como havia um cenário de excesso de oferta de transporte, o preço caiu demais. Todos esses fatores levaram os grandes empresários do ramo de logística a recuar.*

DINHEIRO – As medidas econômicas adotadas pelo governo Temer estão agradando?
LEONCINI – *Todas as medidas que o governo vem tomando estão no caminho de melhorar o ambiente de negócios e de restaurar a confiança perdida. Temos hoje uma clareza maior do BNDES em relação aos critérios de liberação de financiamento. Então, mesmo que não exista uma taxa de juros nos níveis de alguns anos atrás, agora está mais fácil para o empresário fazer as contas e tomar sua decisão. É evidente que quem pagava juros de 6% ao ano, não quer pagar 13%. Mas, pelo menos, o jogo está claro.*

DINHEIRO – Como a matriz da Mercedes-Benz, na Alemanha, encarou essa reviravolta da economia brasileira?
LEONCINI – *A matriz tem acompanhado com naturalidade e confiança na recuperação. Tanto é que o plano de investimento de R$ 1,4 bilhão no País, entre 2015 e 2018, em nenhum momento foi alterado. Uma parte desse dinheiro está sendo investida na construção de uma pista de testes de veículos comerciais em Iracemápolis, no interior de São Paulo, e a outra na modernização da fábrica em São Bernardo do Campo. Se estamos investindo é porque acreditamos na recuperação.*

DINHEIRO – Por que a política de incentivos dos governos Lula e Dilma, que funcionou durante um tempo, se mostrou equivocada?
LEONCINI – *Porque não adianta o governo eleger um setor para dar apoio irrestrito, como foi feito, sem atacar as questões essenciais da economia. O investidor de fora precisa olhar para o Brasil e ter previsibilidade para trinta anos. Antes, o governo empurrava alguns setores para uma realidade que não existia. Para esses setores crescerem, o País tinha que crescer junto. Deu no que deu.*

> "Veremos o surgimento de bolhas de prosperidade em alguns segmentos da economia, como no agronegócio"

Colheita de soja em Rondonópolis, no Mato Grosso

DINHEIRO – Qual foi o peso da operação Lava Jato no desempenho ruim do setor de caminhões?
LEONCINI – *Prejudicou bastante. A construção civil, principalmente a construção pesada, parou. Além disso, estamos na expectativa para saber qual empreiteira está em condições de assumir grandes obras no ciclo de concessões que está no horizonte. Quem vai construir? A construtora de médio porte vai entrar em um segmento que não é o dela? Haverá 'players' de fora? Então, há várias questões que ainda precisam ser respondidas.*

DINHEIRO – Como a Mercedes-Benz conseguiu ampliar a participação de mercado no ano passado?
LEONCINI – *O ano de 2016 foi o pior em volume para o mercado de caminhões em 20 anos. O que a Mercedes-Benz conseguiu tirar de bom nesse cenário tão ruim foi o aumento de participação de mercado. Nosso market share passou de 26,2%, em 2015, para 29,6%, no ano passado. Isso mostra que nossa estratégia em relação a produto estava na direção correta. Lançamos alguns modelos e fizemos melhorias nos caminhões que já tínhamos. Além disso, intensificamos o trabalho de aproximação com os nossos clientes, com o mote 'as estradas falam, a Mercedes ouve'. Pode até parecer uma frase de efeito, uma ação de marketing, mas se trata de uma nova postura da companhia e das concessionárias.*

DINHEIRO – Além da frase de efeito, o que isso significa?
LEONCINI – *Ampliamos nossa atuação no mercado de caminhões usados, um segmento que não era uma prioridade antes, quando o mercado estava superaquecido. Antes, o cliente vendia seu caminhão da forma como ele achava melhor, anunciava nos classificados ou deixava nas mãos de algum garagista. O problema é que, com a crise, os garagistas também sofreram. Os preços caíram e muitos fecharam. Aí percebemos que, de alguma forma, poderíamos ser um porto seguro para os donos de caminhão. Abrimos uma loja chamada Select Trucks em Mauá, na Grande São Paulo, e outra em Betim, Minas Gerais, mais recentemente. Então passamos a atuar tanto na operação de compra e venda, como na inter-*

mediação, com qualquer marca. Além disso, estreamos no mercado de exportação de usados. Foi inédito para nós. Tínhamos um cliente no Sul com uma frota específica, de 80 caminhões da marca voltados à mineração e à construção pesada. Com nossa rede de contatos em todo o mundo, encontramos compradores em diversos países. Uma parte foi para a Holanda, outra para a África. Ou seja, ajudamos o cliente a fazer algo que ele, provavelmente, não seria capaz de fazer sozinho. Essa foi uma forma de diversificar o escopo dos negócios durante a crise.

DINHEIRO – O empresário do setor ficou mal acostumado com os juros subsidiados?
LEONCINI – *Não acho que a melhor definição seja mal acostumado. Acho que a política de juros baixos para o setor de transporte gerou um excesso de oferta de frete, que se somou a uma baixa demanda causada pela retração econômica. Agora, a conta não fecha. Qualquer pessoa poderia se tornar um transportador. Era só ir a uma concessionária, comprar três caminhões e sair por aí oferecendo frete como transportador. O juro incentivado para o setor, feito para ajudar, acabou atraindo muita gente de fora. Essa pouca barreira de entrada trouxe aventureiros para um ramo complexo. O resultado é que os bancos estão fazendo apreensão de caminhões que foram comprados com juros de 2,5% ao ano. Como pode alguém que paga juros tão baixos ter de devolver o caminhão? Eu não consigo entender.*

DINHEIRO – Qual setor se saiu melhor?
LEONCINI – *Cada segmento teve um comportamento diferente, e cada região do País apresentou comportamentos distintos. Tivemos que aprender a enxergar com mais clareza esses vários cenários e, dentro de cada atividade, saber identificar o potencial de surgimento de bolhas de prosperidade.*

DINHEIRO – Quais seriam essas bolhas de prosperidade?
LEONCINI – *Veremos o surgimento de bolhas de prosperidade em alguns segmentos da economia, como no agronegócio. Existem outras apostas. A logística voltada a transporte de valores é uma delas. Por conta da expansão do comércio eletrônico, há um aumento da demanda por transporte urbano. O ramo de bebidas é outro. Mesmo na crise, as distribuidoras mantiveram seus ritmos de vendas. Isso também acontece com o transporte de combustível, de químicos e fertilizantes.*

DINHEIRO – Mas não era previsível o bom desempenho desses setores?
LEONCINI – *Isso estava no radar, mas o crescimento tem sido muito acima da expectativa. O Brasil nunca esteve tão conectado. Somos o País do smartphone. Todo mundo, antes de comprar, compara preços no celular. Isso gera uma demanda extra por transportes.*

DINHEIRO – Como a Mercedes-Benz está se preparando para 2017?
LEONCINI – *Estamos monitorando o mercado e, junto com a minha equipe de inteligência, conversamos todos os dias sobre os possíveis rumos do País. Por enquanto, 2017 está muito parecido com 2016, mas com um ambiente de negócios mais propício, mais positivo. Existe uma tendência de mais otimismo porque todos estão vendo que o governo está empenhado, conseguiu a aprovação da PEC do teto dos gastos, está seguindo adiante com a reforma da Previdência, discutindo a reforma trabalhista, falando de desburocratizar algumas coisas da economia. Então, tudo isso está criando um ambiente que, pelo menos, está gerando um aumento do nível de consulta, algo que acontece antes de se efetivar uma venda.*

"Existe uma tendência de mais otimismo porque todos estão vendo que o governo está empenhado"

Presidente Michel Temer durante anúncio de ações de estímulo à economia

DINHEIRO – As projeções para o agronegócio são boas neste ano...
LEONCINI – *Excelentes. A perspectiva de colher uma safra de 215 milhões de toneladas é fantástica, mas precisamos levar em conta qual é a capacidade de transporte dos empresários do agronegócio atualmente. Esses caminhões começarão a rodar em breve, e poderão ter o apoio de caminhões que estão parados em outros segmentos. O transporte de soja, por exemplo, pode facilmente ser feito por caminhões que operavam em outra área. De qualquer forma, uma safra desse tamanho vai injetar muito dinheiro na economia, principalmente nos grandes cinturões agrícolas do País.*

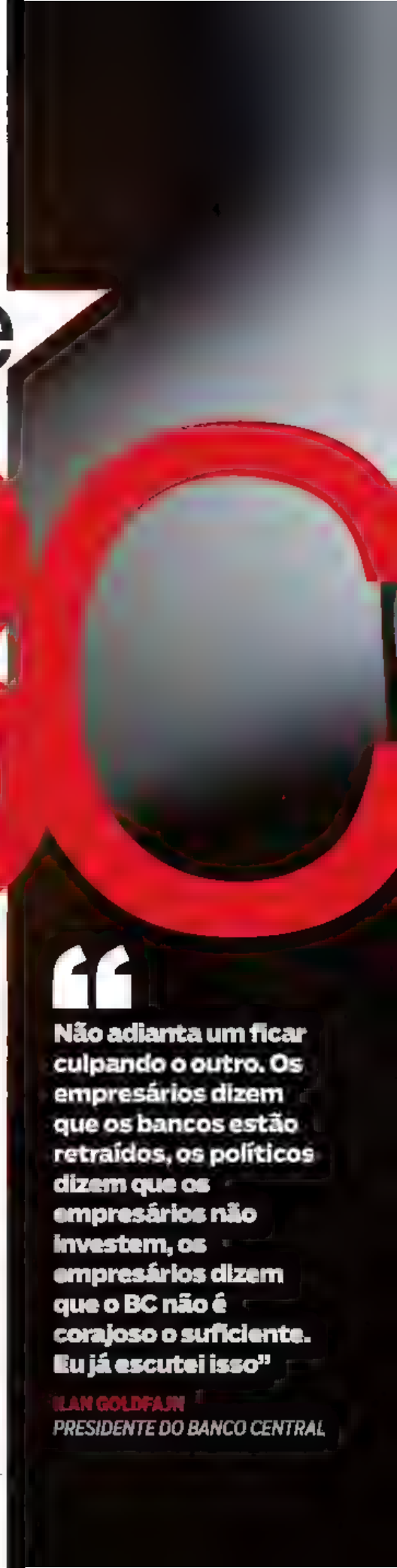
DINHEIRO – O dólar mais caro favorece ou prejudica a Mercedes-Benz?
LEONCINI – *Eu escuto tanta teoria sobre o dólar caro ou o dólar barato que já não podemos nos preocupar demais com isso. Existem agricultores que não estão querendo vender a safra porque o dólar estava a R$ 3,70 no ano passado, e agora está a R$ 3,15 Evidentemente, para o nosso custo de produção de caminhões, a cotação da moeda americana influencia. Agora, no final das contas, tudo depende de cada momento, de cada contrato, de cada situação. A gente tem de se virar. O volume de vendas regrediu a níveis de 20 anos atrás, mas com os custos de 2017, como mão-de-obra.*

DINHEIRO – Se o crescimento das vendas voltar neste ano, a empresa estará pronta?
LEONCINI – *Hoje, diferentemente de uma década atrás, qualquer reação repentina do mercado consegue ser facilmente suprida. Não existe a menor possibilidade de o consumidor ficar desassistido. Mesmo porque há nove montadoras no Brasil, com grande capacidade e tecnologia para se ajustar às necessidades. O que pode acontecer, o que não acredito nesse momento, é surgir uma eventual dificuldade por parte dos pequenos fornecedores. Todos estão atravessando o mesmo manguezal que nós.*

A mão firme do BC

APÓS VENCER UMA BATALHA CONTRA A INFLAÇÃO E INICIAR UM CICLO DE QUEDA DE JUROS, ***O PRESIDENTE DO BANCO CENTRAL, ILAN GOLDFAJN, DETALHA À DINHEIRO A SUA AGENDA AMBICIOSA*** *DE MUDANÇAS ESTRUTURAIS*

Luís Artur NOGUEIRA



"Não adianta um ficar culpando o outro. Os empresários dizem que os bancos estão retraídos, os políticos dizem que os empresários não investem, os empresários dizem que o BC não é corajoso o suficiente. Eu já escutei isso"

ILAN GOLDFAJN
PRESIDENTE DO BANCO CENTRAL

No dia 7 de abril do ano passado, o Banco Itaú BBA promoveu o seu encontro anual *Macrovision*, restrito a investidores convidados, no Hotel Unique, em São Paulo. Ao longo de quatro horas, autoridades e especialistas debateram as perspectivas para o Brasil e o mundo. Escalado para participar do penúltimo painel do dia, o então economista-chefe e sócio do Itaú, Ilan Goldfajn, apresentou 14 slides. Em um deles, projetou para 2017 expansão de 0,3% do PIB, taxa Selic em 10%, IPCA em 5% e dólar a R$ 3,25. Quase um ano depois, é possível constatar que, com exceção do dólar, ele estava equivocado nas previsões – felizmente para o Brasil e para ele mesmo. Ao traçar seus prognósticos, Ilan, como é conhecido no mercado, não imaginava que, dois meses depois, assumiria o comando do Banco

Central (BC) a convite do ministro da Fazenda, Henrique Meirelles. De lá para cá, ele retomou o controle da inflação, que está convergindo para o centro da meta (4,5%), acalmou o câmbio (o dólar está em R$ 3,15) e passou a reduzir os juros básicos, que devem encerrar o ano em apenas um dígito. Conclusão: a ação eficiente de Ilan no BC "derrubou" as projeções do economista Ilan.

Após sete meses no cargo, o presidente do BC dá sinais de alívio, embora tenha pela frente uma ambiciosa lista de metas, batizada de BC+ *(leia quadro na pág. 25)*. O início do trabalho foi muito difícil, a começar pela decisão de trocar o emprego em São Paulo pela missão em Brasília. Em entrevista à DINHEIRO no fim do ano passado, o ministro Meirelles contou que foi preciso gastar muita saliva para convencer nomes qualificados do setor privado a embarcar num projeto de curta duração (o presidente Michel Temer terá, no total, pouco mais de dois anos de mandato). "Quando eu convidei e eles aceitaram, éramos um governo interino, que só foi efetivado em 31 de agosto", salientou Meirelles, se referindo aos integrantes de sua equipe econômica. Ilan era um deles. "Houve vários encontros e telefonemas [com Meirelles]", admite o presidente do BC, que, na quarta-feira 25, recebeu a DINHEIRO por quase uma hora na sala de reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), no 20º andar do edifício-sede, em Brasília, onde é decidida a taxa básica de juros.

Aceito o convite, Ilan desembarcou em Brasília com um currículo sólido em formação teórica e em conhecimento prático, que incluía a experiência de três anos como diretor de política econômica do BC, entre 2000 e 2003. Embora tenha trabalhado a maior parte do tempo com o então presidente Armínio Fraga, ainda no governo FHC, ele participou de seis reuniões do Copom na gestão de Henrique Meirelles, que comandou o BC durante o governo Lula. Sua primeira missão, em junho do ano passado, era reconquistar a credibilidade perdida pela autoridade monetária nos cinco anos anteriores, período em que o alvo central da meta de inflação passou, virtualmente, de 4,5% para 6,5%. Cortês no trato e polido na fala, Ilan jamais cita o nome de seu antecessor, Alexandre Tombini, ao criticar medidas que deram errado. Sequer menciona o nome da ex-presidente Dilma Rousseff, que também cometeu inúmeros equívocos. Aos poucos, o novo guardião do real foi ganhando a confiança dos analistas e melhorando a comunicação com o mercado financeiro. Nas duas primeiras reuniões do Copom, Ilan e os demais diretores optaram por manter a taxa Selic em 14,25% ao ano, num contexto em que a inflação continuava alta, apesar da grave recessão econômica. Naquele instante, os economistas cravavam o estouro da meta em 2016, o que obrigaria o presidente do BC a encaminhar uma carta ao ministro da Fazenda com as devidas explicações. "Eu achava que era possível [não estourar a meta]", afirma Ilan, que nunca digeriu a sugestão de alguns especialistas para que a meta fosse ajustada para cima. "Hoje já não se fala mais disso, de meta ajustada. Agora, eu diria que é a meta justa [de 4,5%]."

NOVAS FONTES DE CRÉDITO: a regulamentação da Letra Imobiliária Garantida (LIG) vai aumentar e baratear o funding para o financiamento de imóveis

"A LIG, por ter um benefício fiscal, vai ganhar relevância com o passar do tempo, principalmente se a Selic continuar caindo"
Gilberto Duarte de Abreu
Presidente da Abecip

"Quanto mais informações de mais pessoas [no cadastro positivo], melhor será a concessão do crédito, resultando em juros"
Hilgo Gonçalves
Presidente da Acrefi

Vencida a batalha de 2016, o desafio seguinte foi ancorar as expectativas para este ano. Na segunda-feira 23, a mediana das expectativas do Boletim Focus, que colhe as previsões de cem instituições financeiras, indicou IPCA de 4,71%. No grupo dos TOP 5, as instituições que mais acertam as projeções, o índice é de 4,48%. Para Ilan, essa ancoragem é fundamental para demonstrar que a política monetária está no caminho certo. "Esses últimos números de inflação estão compatíveis com esse novo cenário [de queda acelerada dos juros] que a gente vislumbrou." Nas últimas três reuniões, a partir de outubro, o Copom reduziu os juros básicos. A len-

As ações* já executadas por Ilan...

- Ancorar as expectativas para o centro da meta *(4,5%)* em 2017 e 2018
- Reduzir o estoque de swap cambial de US$ 110 bilhões para US$ 27 bilhões
- Melhorar a comunicação com o mercado
- Permitir a cobrança de valores diferentes em cada meio de pagamento
- Limitar o crédito rotativo ao prazo de 30 dias, transformando a dívida em crédito pessoal
- Simplificação das regras do compulsório

Fonte: Banco Central

 FOTOS: TIAGO QUEIROZ/AE E RUBENS CAVALLARI/FOLHAPRESS

CRÉDITO AO BOM PAGADOR: a ampliação do cadastro positivo vai melhorar a qualidade das informações necessárias para a concessão de financiamentos

tidão, num primeiro momento, gerou críticas. "O Copom deveria ter sido mais ousado no ano passado", diz Carlos Thadeu de Freitas, ex-diretor do BC e economista-chefe da Confederação Nacional do Comércio (CNC). No encontro mais recente, em janeiro, o ritmo de corte da Selic aumentou de 0,25 para 0,75 ponto percentual, gerando elogios do setor produtivo. "A queda mais rápida dos juros aumenta o otimismo dos empresários e vai se refletir nos índices de confiança", afirma José Augusto Coelho Fernandes, diretor de políticas e estratégia da Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Superadas as questões mais urgentes, Ilan passou a estabelecer metas para a agenda estrutural BC+, dividida em quatro pilares, que inclui temas que vão desde a revisão do modelo de relacionamento do órgão com o Tesouro Nacional até o aprimoramento da regulação do mercado de câmbio e ações de educação financeira. O prazo máximo para todas as ações é de 36 meses. Um dos pilares, batizado de "Crédito mais barato", poderá afetar o dia a dia de empresas e consumidores. Trata-se de uma tentativa do BC de reduzir o *spread* bancário. A primeira ação foi a simplificação das regras do compulsório, anunciada na terça-feira 24, em Brasília. Embora não signifique a liberação de mais recursos no curto prazo, a mudança pode resultar, segundo o BC, em custos mais baixos para os bancos, reduzindo o *spread*.

"A queda mais rápida dos juros aumenta o otimismo dos empresários e vai se refletir nos índices de confiança"
José Augusto Coelho Fernandes
Diretor da CNI

"A independência formal do Banco Central e um aperfeiçoamento institucional relevante"
Gustavo Loyola
Ex-presidente do Banco Central

Outro ponto é o aperfeiçoamento da legislação do cadastro positivo, que passa a incluir automaticamente todos os brasileiros no sistema. "Quanto mais informações de mais pessoas, melhor será a concessão do crédito, reduzindo os juros", afirma Hílgo Gonçalves, presidente da Associação Nacional das Instituições de Crédito, Financiamento e Investimento (Acrefi). Mais uma iniciativa que deve reduzir os calotes é a criação da duplicata eletrônica, um sistema que unifica as informações sobre os recebíveis já utilizados em operações de crédito. Isso, na visão do BC, fortalece as garantias e reduz o *spread*. No caso específico do setor da construção civil, a regulamentação da Letra Imobiliária Garantida (LIG) é aguardada com muita expectativa. Trata-se de um instrumento de captação de recursos alternativo aos *fundings* atuais, que são a caderneta de poupança, o FGTS e a Letra de Crédito Imobiliário (LCI). "A LIG, por ter um benefício fiscal, vai ganhar relevância com o passar do tempo, principalmente se a Selic continuar caindo", diz Gilberto Duarte de Abreu, presidente a Associação Brasileira das Entidades de Crédito Imobiliário e Poupança (Abecip). Na entrevista à DINHEIRO, Ilan disse que a regulamentação "vai sair logo".

Um dos pontos mais populares – e polêmicos – envolve o cartão de crédito, um segmento que cobra juros de 15,3% ao mês ou 453,7% ao ano no crédito rotativo, segundo levantamento da Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac). Na quinta-feira 26, o Conselho Monetário Nacional (CMN), do qual fazem parte o presidente do BC e os ministros da Fazenda e do Planejamento, oficializou o limite de 30 dias para o uso do crédito rotativo. Após esse período, a dívida do cliente que não paga o valor total da fatura será automaticamente transformada numa linha de crédito pessoal, com juros menores. Outra medida que mexeu com o setor foi a autorização para que os comerciantes possam cobrar valores diferentes para quem pagar à vista ou no cartão. A Associação Brasileira das Empresas de Cartões de Crédito e Serviços (Abecs) apóia as medidas tomadas até agora e se coloca à disposição do governo para debater outras questões espinhosas como a redução do prazo de 30 dias que as operadoras têm para pagar os lojistas. "É preciso discutir

... e os seus próximos desafios*

- Reduzir o prazo *(atualmente 30 dias)* que as bandeiras de cartão de crédito têm para repassar aos comerciantes
- **Regulamentar a Letra Imobiliária Garantida *(LIG)* para ampliar o crédito imobiliário**
- Criar uma central de duplicatas para reduzir o risco do crédito
- **Concluir a adesão automática de todos os brasileiros ao cadastro positivo**
- Aumentar o nível de educação financeira dos brasileiros
- **Revisar o modelo de relacionamento do BC com o Tesouro Nacional**
- Criar o depósito remunerado no BC como instrumento auxiliar
- **Aprimorara regulação do mercado de câmbio**
- Propor independência formal do BC, com mandatos para os diretores

*algumas medidas passam pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), do qual fazem parte o Banco Central e os Ministérios da Fazenda e do Planejamento

a indústria de cartões como um todo por conta dos diversos subsídios cruzados", diz Ricardo Vieira, diretor-executivo da Abecs. "No Brasil, ao contrário dos Estados Unidos, 65% das compras parceladas no cartão não têm cobrança de juros."

Ainda como parte da agenda BC+, há um tema que claramente deixa o presidente Ilan angustiado. Trata-se da participação elevada do crédito direcionado na economia, o que, na prática, reduz a potência da política monetária. "No Brasil, a gente tem o que eu tenho chamado de meia entrada. Metade do crédito é direcionado", diz Ilan. "Significa que o resto que toma emprestado, que atua na economia, inclusive a Selic, acaba tendo de compensar a meia entrada." Com esse conjunto de medidas do BC+, Ilan acredita que o *spread* bancário cairá gradativamente. "Não há milagre".

Embora o peso da sua cadeira exija cautela em algumas posições, o presidente do BC é enfático ao dizer que o Brasil pode almejar ter, no futuro, uma meta de inflação menor do que a atual de 4,5%, e que o País lidera o ranking mundial dos juros reais por erros cometidos pelos próprios governantes (excesso de gastos públicos, impostos, compulsórios e crédito direcionado). Ele também se coloca contra a criação de linhas especiais de crédito para empresas muito endividadas. "Já cometemos esses erros no passado recente, e não foi o suficiente para fazer a gente sair da crise." São posições firmes de quem tem autonomia operacional para trabalhar – o ministro Meirelles, que foi presidente do BC, faz questão de garantir essa liberdade. Ao contrário de sua colega do Federal Reserve, Janet Yellen, que continua no cargo até o ano que vem mesmo com a posse de Donald Trump, Ilan pode deixar a função no fim de 2018, quando o presidente Michel Temer descer a rampa do Palácio do Planalto. Até lá, no entanto, ele pretende empunhar a bandeira da independência formal do órgão *(leia entrevista a seguir)*. Para quem já ocupou o cargo, a medida seria extremamente bem-vinda. "É um aperfeiçoamento institucional relevante", diz Gustavo Loyola, ex-presidente do BC. "É importante e deveria ser feito." Se Ilan vencer essa batalha, deixará um importante legado aos futuros guardiões do real.

"Coloca a autonomia do BC na lei, que o risco Brasil cai"

O presidente do Banco Central, Ilan Goldfajn, concedeu entrevista à DINHEIRO na quarta-feira 25, na sala do Copom, em Brasília:

Por que temos de praticar o maior juro real do mundo?
Eu acho que a gente não tem de ter. Acho que as nossas idiossincrasias geraram isso. Não acho que a taxa de juros é um evento do destino, nem que basta você ter vontade para, de um dia para o outro, por voluntarismo, baixá-la. A [taxa de juros] do BC só vai baixar quando a inflação cair. Os juros mais altos no Brasil refletem décadas de crescimento de gastos muito acima da inflação. Existem várias coisas que puxam [os juros]. A gente encarece o crédito através de mais imposto, mais compulsório, mais direcionamento. Tudo isso encarece e depois a gente fica surpreendido com que vê.

É mais difícil combater a inflação com metade do crédito sendo direcionado, ou seja, imune à Selic?
Tenho a impressão de que a gente poderia ter uma taxa de juros da economia de mercado menor se tivesse com todos os aspectos de crédito a mercado. Hoje em dia, há o que eu tenho chamado de meia entrada. Tem meia entrada para metade do crédito no Brasil. Significa que o resto, todo o resto que toma emprestado, que atua na economia, inclusive a própria Selic, acaba tendo que compensar a meia entrada

O Brasil pode almejar, no futuro, ter metas de inflação menores, compatíveis com o primeiro mundo?
Eu diria que o Brasil pode ter metas de inflação compatíveis no longo prazo, não estou dizendo agora, em 2019, mas compatíveis com outras economias emergentes. Isso a gente vai ver, qual a velocidade, quando chegar lá

Que mensagem o sr. trouxe de Davos?
O que a gente observou foi um ânimo maior do que eu imaginava. Isso não significa que não tem desânimo, mas apenas uma sensação de que o Brasil já esteja num ponto de inflexão, que a gente comece a ter um 2017 bem melhor que 2016, um 2018 melhor que 2017 e assim por diante

A queda do CDS é um termômetro dessa melhora?
O CDS cai pela metade, o risco que tinha subido, dobrado, vai voltando, isso é um sinal importante, sinal da confiança voltando. Quando você vê a política monetária atuan

do para flexibilizar, você vê uma queda dos juros mais curtos, mas também uma queda dos juros mais longos. Essa consistência mostra que estamos no caminho certo.

Resgataremos o grau de investimento?
Acho que leva tempo. As agências têm o seu tempo. Os preços no mercado financeiro, dos ativos, vão reagir antes das agências.

As empresas estão muito endividadas. Essa desalavancagem ocorre num ritmo adequado?
Nós estamos nos desvencilhando dos excessos do passado. Excessos no setor público, na política fiscal, déficit primário, dívida subindo, seja no governo federal, seja no governo estadual. Tudo isso é um esforço de a gente desfazer os excessos do passado. No setor privado também houve alguns excessos que também estão se desfazendo. Você pergunta se foi em um ritmo adequado. É o ritmo que a economia pode e esse ritmo já gerou uma desaceleração significativa. Tenho impressão de que estamos caminhando a passos largos para um ponto de inflexão. Acho que a partir deste ano, a gente já pode começar a ver a economia retomando.

Os empresários reclamam muito de que, no momento de crise, os bancos ficam muito cautelosos...
Eu acho interessante que, num período em que a incerteza aumentou, com os excessos cometidos, quando a incerteza subiu muito, uma parte da sociedade culpa a outra de estar muito retraída. Eu vejo, de fato, que o crédito está mais retraído, mas também vejo as empresas retraídas no investimento. Não adianta um ficar culpando o outro. Os empresários dizem que os bancos estão retraídos, os políticos dizem que os empresários não investem, os empresários dizem que o BC não é corajoso o suficiente. Eu já escutei isso. Quando estava aquela inércia, a inflação não caía, falavam assim "ah, está faltando coragem". Ou seja, tem de fazer as coisas corretas.

Isso significa que não vai ter nenhuma linha especial, nenhum destino de crédito compulsório para as empresas endividadas?
Já cometemos esses erros no passado recente e não foi o suficiente para fazer a gente sair [da crise]. Ao contrário, aprofundou a recessão.

O que esperar da gestão Donald Trump e qual será o impacto no Fed?
É uma incerteza grande. Tem gente que fala que o Trump vai aquecer [a economia], mas só gerar inflação, aumento de juros e dólar mais forte, e isso pode pressionar os fluxos de capital para sair e encarecer os custos de financiamento externo. E tem gente que acha que o impacto disso no Brasil pode ser menor, na medida em que isso gera crescimento, não só inflação, aumentando os preços das commodities, o que beneficia o Brasil. Então há uma dúvida aí.

Um debate polêmico é em sobre o nosso tamanho de reservas internacionais. É uma boa proteção, mas cara?
Minha avaliação é como se fosse um seguro saúde que, quando a gente paga, reclama,

> **"A partir deste ano, a gente já começa a ver a economia retomando"**

mas quando a gente tem um incidente, a gente adora. O que não dá é para questionar o seguro quando a gente ainda está no meio do momento mais turbulento.

Alguma chance de encaminhar o debate sobre uma autonomia formal do BC?
É, no Brasil, a gente tem algumas anomalias. Uma das anomalias é essa. É você outorgar uma autonomia de facto (na prática) ao BC, mas não de jure (pela lei). Eu acho que é como se tivesse já, de uma certa forma, todos os custos e benefícios de uma autonomia, mas não tendo o benefício total. Coloca a autonomia do BC na lei, que o risco Brasil cai e você não gasta um centavo com isso.

Com a ampliação do cadastro positivo, os bons pagadores vão conseguir taxas mais atraentes?
Toda a ideia do cadastro positivo é isso. Só que estamos fazendo esforços para que o cadastro positivo seja mais eficaz. A gente quer que todos os bons pagadores estejam lá. O pagador não se incomoda de estar na lista do bom pagador.

No segmento de cartões de crédito, o sr. mencionou que há subsídios cruzados, com venda parcelada sem juros. A ideia é mexer nisso?
Eu não queria falar que vou mexer no parcelamento, não é isso. Mas todo o sistema tem uma parte que paga pelos outros. Então vamos sentar e tentar [conversar]. Isso vai ser feito de uma forma estruturada, de uma forma serena, ao longo do tempo. O que vai ser feito mais rápido, o que já foi anunciado, é a questão do rotativo.

Depois de 30 dias a dívida vira uma crédito pessoal...
Isso permite a redução dos riscos, a redução dos juros.

E a redução do prazo de 30 dias que a operadora de cartão de crédito tem para pagar o comerciante?
A gente tinha falado que ou ia mexer no rotativo ou mexer no prazo. Achamos melhor, na questão do prazo, mexer num debate mais amplo com todo o sistema.

A agenda BC+ quer reduzir o spread bancário. Os juros são elevados porque a inadimplência é alta ou o contrário?
Acho que, na medida em que a economia começar a sair dessa crise, eu acho que as duas coisas vão acontecer ao mesmo tempo. A inadimplência vai cair, aí o risco cai, os juros também caem, vão vir juntos. Da mesma forma que as duas coisas pioram juntas, as duas coisas vão melhorar juntas.

Nós não deveríamos oferecer educação financeira nas escolas?
Temos de ter inclusão financeira com educação financeira. Você tem toda a razão que ela tem de entrar no ensino. A gente está tentando no ensino médio convênios com as escolas e com o Sebrae.

Leia integra da entrevista no site da DINHEIRO: istoedinheiro.com.br

POSTO COBIÇADO: presidente da Câmara é o responsável por definir a pauta e o ritmo das votações

A CADEIRA DAS REFORMAS

Com uma pauta extensa de ajuste no Legislativo, **a disputa pela presidência da Câmara é peça fundamental** no processo de recuperação da economia

Gabriel BALDOCCHI

Desde o impeachment da petista Dilma Rousseff, a presidência da Câmara dos Deputados subiu um degrau de importância na burocracia hierárquica da República, ao tornar-se o posto imediato na linha de sucessão do País. Seu peso político, portanto, é inquestionável. Neste ano, seu ocupante terá também um papel central na economia: a responsabilidade de conduzir reformas vistas como essenciais para a retomada do crescimento. Isso porque cabe a ele o papel estratégico de definir o que vai a plenário e o ritmo das votações. A corrida para as eleições ao comando da Casa, nesta quinta-feira 2, é acompanhada de perto por economistas, analistas, investidores e até empresários. Eles tentam avaliar em que medida o resultado pode afetar o cronograma de ajustes no Legislativo e como incorporá-lo nas previsões.

A disputa vai se fechando em torno de três candidatos principais. O atual presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), mesmo com a candidatura ainda não oficializada, desponta como favorito. Ele conta com o apoio velado do Palácio do Planalto e é visto como o mais alinhado às ideias do presidente

FOTOS: ANDRÉ COELHO / AG. O GLOBO E MARCELO CAMARGO/AG. BRASIL

CANDIDATOS DO PODER

Quem são os deputados que buscam a presidência da Câmara

Rodrigo Maia (DEM-RJ)

PERFIL: Filho do ex-prefeito do Rio de Janeiro, Cesar Maia, trabalhou nos bancos BMG e Icatu. Está no quinto mandato de deputado federal e há sete meses na presidência da Câmara

Jovair Arantes (PTB-GO)

PERFIL: Dentista de Goiás, está no sexto mandato de deputado federal e é reconhecido como representante do "centrão" Foi relator do processo de impeachment de Dilma Rousseff

André Figueiredo (PDT-CE)

PERFIL: Economista e ex-presidente de sindicato, está no terceiro mandato de deputado federal e é o candidato da oposição. Foi Ministro das Comunicações no segundo mandato de Dilma Rousseff

Michel Temer. Em seguida, o adversário com mais chances é Jovair Arantes (PTB-GO), identificado como um representante do "centrão", bloco com mais de 200 parlamentares, de dez partidos, que se formou na gestão do ex-deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ). André Figueiredo (PDT-CE) é o nome de oposição ao atual governo, mas com menor probabilidade de vencer. Inicialmente no páreo, Rogério Rosso (PSD-DF) anunciou na quarta-feira 25 a suspensão da sua candidatura. Em julho de 2016, eram ao menos dez candidatos no pleito que elegeu Maia para um mandato tampão – Cunha, que havia renunciado ao cargo, seria posteriormente cassado.

Em questionário enviado aos três principais postulantes, DINHEIRO perguntou sobre a visão deles acerca das principais reformas, projetos prioritários para a economia e o papel da Câmara na retomada do crescimento. Maia não respondeu as questões alegando não ser ainda candidato. Arantes se diz favorável à aprovação das reformas econômicas em curso no Legislativo. "A Câmara deve apreciar rapidamente a reforma trabalhista, sobre a qual há acordo, e deve lapidar a reforma da Previdência", afirma o deputado petebista. Na sua avaliação, a Câmara pode contribuir ainda com a atualização do pacto federativo e com a reforma tributária.

VOTO DE CONFIANÇA: favorito na disputa, Maia (DEM-RJ) é considerado o mais alinhado com o governo de Michel Temer

Figueiredo reforça a necessidade de uma postura de independência por parte da Câmara. O pedetista questiona o ritmo acelerado de tramitação proposto pelo Executivo nas reformas e cobra um debate mais aprofundado sobre os temas. Na sua avaliação, o governo erra em pontos como a proposta de uma idade mínima única para todo o Brasil e nas mudanças das regras para a pensão por morte. Na questão trabalhista, ele vê uma precarização com o projeto. "A economia precisa de estímulos, sem dúvida, mas não às custas de retrocessos para o trabalhador", afirma o deputado. "Um Estado que tenha como foco somente o avanço na economia, sem inclusão social, não garante um ciclo virtuoso para o país." Entre os projetos prioritários para a recuperação economia, ele destaca a auditoria da dívida pública.

Em declarações recentes, o atual presidente da Câmara vem deixando claro a sua intenção de acelerar a tramitação das duas reformas propostas pelo governo. O democrata chegou a prever que ambas serão aprovadas ainda no primeiro semestre e avaliou que, sem elas, o crescimento não será retomado. Dia a dia, sua candidatura vem ganhando apoio de mais partidos, um cenário visto como positivo pelos analistas em relação ao andamento da pauta. "É o candidato com mais proximidade com a cúpula do Executivo e o mais afinado com a pauta de votações", afirma Ricardo Ribeiro, analista político na MCM Consultores. Embora Arantes não seja considerado um opositor, a relação com o Planalto seria um pouco mais difícil, na avaliação de Ribeiro.

Mais do que a ascensão de um deputado ou de outro, o risco no pleito era o de uma fragmentação da base aliada, que poderia complicar a coesão nas votações. **"A eleição era um risco, mas está se transformando num evento positivo para a relação entre o governo e o Congresso."** Enquanto Eunício Oliveira (PMDB-CE) é quase um consenso para o comando do Senado, a decisão sobre a Câmara deve ficar a cargo do Supremo Tribunal Federal (STF). Adversários de Maia questionam sua candidatura sob a justificativa de que a Constituição veda reeleição dentro de uma mesma legislatura. O deputado carioca alega que a regra não valeria para um mandato tampão. Ao que tudo indica, mais uma vez é a Justiça que dará a voz final na política.

A COLHEITA DO PIB

A safra recorde de grãos gera otimismo no campo e movimenta a cadeia de fornecimento dos produtores rurais. Não fosse o agronegócio, a atividade econômica estaria ainda mais lenta neste ano

Ivan RYNGELBLUM

Para explicar a queda das vendas no Brasil a investidores globais, a fabricante americana de tratores AGCO se viu obrigada a repetir, ao longo de suas divulgações de resultado em 2016, uma frase padrão atribuindo o desempenho negativo às incertezas políticas e econômicas no País. Foi só no terceiro trimestre, último dado disponível, que a mensagem pôde ser acompanhada de uma constatação de leve melhora no ambiente local, num sinal de otimismo com a recuperação do setor. Mais do que as movimentações em Brasília, é a previsão de uma safra recorde de grãos que permite ao grupo projetar uma expansão de até 10% no País em 2017, após dois anos seguidos de retração. Crescer a um ritmo de dois dígitos é um privilégio numa economia que ainda se recupera de forma gradual. Um benefício quase que exclusivo para quem tem como alavanca o agronegócio, que desponta, mais uma vez, como a grande boa notícia para a atividade econômica.

Nos cálculos do banco Bradesco, o PIB do campo deve avançar 6% em 2017, bem acima dos investimentos (2,5%), a segunda maior expansão entre as demais categorias medidas pelo IBGE

consumo e serviços, por exemplo, devem ficar estáveis. Para o Brasil como um todo, a expectativa do banco é de alta de apenas 0,3%. "Ano passado, nós tivemos quebra de safra", afirma Regina Helena Couto Silva, economista do Bradesco. "Neste ano, um clima mais chuvoso, aumento de área e produtores mais capitalizados fundamentam uma boa safra." As projeções do banco Santander reforçam o otimismo com o setor, com uma alta prevista de até 5% do PIB agropecuário neste ano. A agroindústria, que inclui o desempenho de empresas como BRF e JBS, deve representar 65% do avanço de 0,7% do PIB brasileiro, segundo o banco espanhol. "A salvação da economia brasileira deve vir da lavoura", diz Rodolfo Margato, economista do Santander. "Não fosse pelo agronegócio, o PIB estaria deprimido, próximo de zero." Embora represente diretamente uma fatia de 6% do PIB, cerca de R$ 380 bilhões, a agropecuária é vista pelos analistas como um propulsor relevante da atividade, pela capacidade de puxar serviços e a demanda por equipamentos, como os tratores, colheitadeiras e caminhões, por exemplo. Considerando os impactos ao longo da cadeia de produção, o peso estimado do agronegócio no PIB chega a 22%, equivalente a R$ 1,42 trilhão, segundo cálculos da Confederação da Agricultura e da Pecuária do Brasil (CNA).

O Brasil é o quinto maior país do mundo em território, com um total de 8,516 milhões de quilômetros quadrados. Desse total, 9,1% é considerado como arável. Cerca de um terço já é utilizado para a produção de alimentos. Após a quebra na safra do ano passado, a expectativa é de que a produção de grãos totalize um volume recorde de 215,3 milhões de toneladas na temporada 2016/2017, que começou em 1º de julho de 2016 e se estenderá até 30 de junho. A projeção da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) representa um aumento de 15,3% em relação à temporada passada e está sendo influenciada pela melhora da produtividade, que foi prejudicada no ano passado por condições climáticas ruins, junto com a ampliação da área plantada em 1,3%, para 745,6 mil hectares. A soja e o milho são as principais culturas do País – representam 90% da produção. No caso da soja, a expectativa é de uma colheita recorde de 103,8 milhões de toneladas, aumento de 8,7%. O milho deve ter um forte aumento na comparação anual (26,9%), para 84,5 milhões de toneladas, diante da perspectiva de que a primeira semeadura registrará aumento de produção depois de três anos consecutivos de queda, e a segunda safra baterá recorde.

"Estamos iniciando uma retomada. Tivemos queda em 2016, mas vimos uma recuperação no segundo semestre"

Ana Helena de Andrade, *Vice-presidente da Anfavea*

Da porteira até o porto, todos os setores envolvidos com o agronegócio devem

Fontes: Conab, IBGE e Bradesco *Estimativa

registrar ganhos. No segmento de tratores e colheitadeiras, a expectativa é de que as vendas subam 13%, para 49.5 mil unidades, na comparação com o ano passado, e a produção, 10,7%, a 59,6 mil unidades. Em 2016, ambas registraram queda de 4,8% e 4,1%, para 42,8 mil e 53 mil unidades, respectivamente. "Estamos iniciando uma retomada. Tivemos queda em 2016, mas começamos a ver uma recuperação no segundo semestre", afirma Ana Helena de Andrade, vice-presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea). "Um conjunto de coisas está puxando o setor, como a expectativa de safra recorde e a estabilidade do crédito." Para a AGCO, dona das marcas Massey Fergunson e Valtra, a melhora da conjuntura deve se somar ao lançamento de produtos. "Estamos confiantes que, com as novidades, vamos melhorar a nossa participação de mercado", afirma Alfredo Jobke, diretor de marketing para a América do Sul. A empresa detém hoje cerca de 45% do mercado de tratores no Brasil, cujas vendas somaram 36 mil unidades no ano passado. Se confirmado o desempenho esperado, o País deve voltar a ser destaque nos resultados globais da companhia.

ALÉM DA SAFRA RECORDE, O AGRONEGÓCIO BRASILEIRO DEVE APROVEITAR A SAÍDA DOS EUA DO TPP PARA EXPANDIR OS MERCADOS NA ÁSIA

PROTECIONISMO Há um motivo extra do exterior para o otimismo neste ano. Com a política isolacionista do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e a reversão de acordos globais de comércio, o Brasil terá mais espaço para ampliar as vendas pelo mundo. Em apenas três dias no cargo, Trump anunciou a saída do Acordo Transpacífico de Cooperação Econômica (TPP, na sigla em inglês) e indicou que pretende rever a presença americana no Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (Nafta, em inglês), bloco que reúne os Estados Unidos, o Canadá e o México (leia reportagem na pág. 34). No ano passado, a balança comercial brasileira como um todo fechou com o maior superávit registrado da história, com saldo positivo de US$ 47,692 bilhões, e o agronegocio foi responsável por esse número. Com a Ásia como principal destino, o agronegócio foi responsável por um superávit de US$ 71,31 bilhões. Para avançar no vácuo de Trump, o governo terá de reforçar as negociações. "O que imaginamos é que o setor pode se beneficiar dessa situação e abocanhar alguns mercados do TPP, mas, para isso, o governo precisa ser pragmático", diz Renato Conchon, coordenador do Núcleo Econômico da CNA.

A contribuição do agronegócio para a economia poderia ser mais relevante não fossem travas históricas do setor. O presidente da Associação dos Produtores de Soja do Brasil (Aprosoja Brasil), Marcos da Rosa, cita três: crédito, infraestrutura e a capacidade de gerar continuidade no plantio. A burocracia na liberação dos financiamentos pelos bancos é considerada a mais urgente. O governo oferece crédito subsidiado aos produtores. No dia 19 de janeiro, o presidente Michel Temer anunciou a liberação de R$ 12 bilhões, por meio do Banco do Brasil, para o pré-custeio da safra 2017-2018, com juros subsidiados, mas há dificuldade na hora de acessar. "Atualmente o crédito chega em cima da hora, forçando o produtor a se financiar com fornecedores, o que acaba tornando tudo mais caro", diz. Na questão de infraestrutura, a cobrança é por investimentos em portos, rodovias e ferrovias. Rosa também alerta para necessidade de estimular a continuidade da atividade agrícola. Segundo ele, os custos elevados inibem a perpetuidade dos plantios e a entrada de novos produtores. "Se a atividade não tiver lucro, nossos filhos não vão querer continuar", afirma o dirigente, traumatizado pelas perdas da safra 2015-2016. "Será que nem nos Estados Unidos, onde os produtores são pessoas mais velhas". Os problemas, porém, ficam menores diante dos belos resultados do setor.

FARTURA: Para Alfredo Jobke diretor de marketing da AGCO para a América Latina, a possibilidade de safra boa puxará as vendas de tratores em 2017

Fonte: CNA

FOTO: RENAN COSTANTIN

DIA 20: assina decreto para flexibilizar as regras do Obamacare

DIA 23: retira os Estados Unidos da Parceria Transpacífico (TPP)

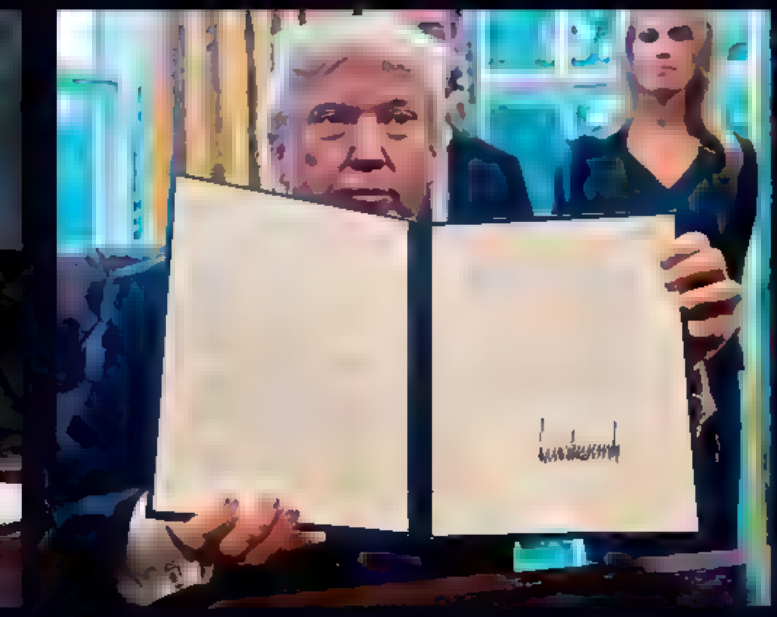
A caneta nervosa de TRUMP

Em seus primeiros dias na Casa Branca, **Donald Trump derruba medidas do antecessor**, cumpre promessas de campanha, inicia uma era protecionista **e gera uma crise diplomática com o México.** Onde ele vai parar?

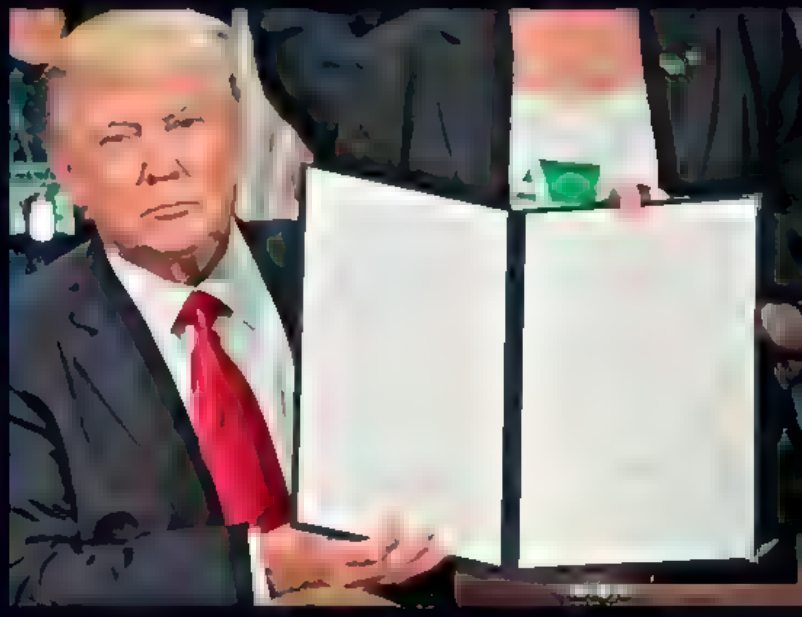
Paula BEZERRA

O magnata Donald Trump nunca escondeu o que faria ao assumir a presidência dos Estados Unidos. Em seu discurso de posse, deixou claro que implementaria novas políticas econômica, social e externa. Mesmo assim, havia dúvidas se ele seguiria em frente ou se era apenas mais uma performance de um personagem recém-chegado à Casa Branca. Para mostrar que suas promessas de campanha não eram jogo de cena, Trump deu início a uma série de medidas desde seu primeiro dia no Salão Oval. Ao terminar de assinar documentos, posa para fotos. O ritual se repetiu ao longo de sua primeira semana no poder. A caneta nervosa do presidente americano flexibilizou o programa de saúde Obamacare; retirou os Estados Unidos do que viria a ser o maior acordo comercial do mundo, a Parceria Transpacífico (TPP, na sigla em inglês), que contava com a participação de 40% do PIB do planeta; sinalizou uma renegociação com o Canadá e o México sobre o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta, na sigla em inglês); aprovou a construção de um oleoduto criticado por ambientalistas. E, seis dias após ser empossado, abriu uma crise diplomática com os mexicanos ao autorizar a construção do muro de separação entre os vizinhos. Detalhe: Trump afirmou que os mexicanos pagariam por ele. O presidente mexicano Enrique Peña Nieto cancelou a viagem oficial, agendada para 31 de janeiro, após mensagens hostis publicadas por Trump em sua conta pessoal no Twitter. "Se o México não quer pagar pelo muro, então seria melhor cancelar o próximo encontro", escreveu o presidente.

FOTOS: JIM WATSON/AFP | SAUL LOEB | NICOLAS KAMM/AFP



DIA 24: aprova projeto de construção de dois polêmicos oleodutos



DIA 26: autoriza a construção do muro na fronteira com o México

Trump não está para brincadeira. Nos primeiros sete dias, ele implementou ao menos nove novas medidas. Ele sugeriu, por exemplo, a criação de um imposto de 20% sobre os produtos que tenham o México como origem. O dinheiro deverá ser revertido para a construção do muro, uma obra estimada em US$ 15 bilhões. As medidas do novo presidente, por mais instabilidade que possam criar no âmbito global, têm agradado os investidores. **O índice Dow Jones, o principal da Bolsa de Nova York, ultrapassou a marca histórica de 20 mil pontos, em 25 de janeiro. A explicação é que a onda protecionista beneficia a economia doméstica americana.** Por isso, Trump tenta conquistar a simpatia e a confiança do setor privado. No dia 23, ele recebeu 12 empresários e executivos, entre eles Mary Barra, presidente da General Motors; Mark Fields, da Ford; Michael Dell, fundador da Dell; e Elon Musk, da Tesla Motors, para reforçar que dará incentivo às companhias que produzirem localmente. O presidente já havia conseguido que a Ford cancelasse um projeto no México e transferisse esse investimento para o país. Ele quer o mesmo compromisso das demais empresas. Nem as estrangeiras estão imunes a essa política. A chinesa Foxconn, responsável pela montagem dos produtos da Apple na China, sinalizou que pode investir US$ 7 bilhões para instalar novas unidades nos EUA. No longo prazo, porém, os especialistas enxergam que essas decisões trarão prejuízo para a economia americana.

Uma análise enviada com exclusividade à DINHEIRO pela multinacional francesa Coface, seguradora de crédito especialista em riscos globais, mostra que o fraco desenvolvimento do comércio mundial, com projeção de crescimento de 1,7% para 2017, ante 2,8% previstos no início de 2016, poderá se agravar. Segundo o relatório, as medidas protecionistas de Donald Trump terão um impacto importante nos países que dependem da exportação para os EUA, como Honduras, El Salvador, Vietnã, Tailândia e México. O risco para eles é a alta da inflação e a queda dos investimentos. "Claramente, o México é quem mais sofrerá com o governo Trump, que consegue jogar com o vizinho por ser a potência da

CRISE DIPLOMÁTICA: Trump sugere que México arque com os custos da construção do muro. Tensão fez o presidente Enrique Peña Nieto cancelar visita aos EUA

FOTOS: RONALDO SCHEMIDT/AFP | GUILLERMO ARIAS/AFP

O INÍCIO DE UMA NOVA ERA

Saiba quais são as promessas de campanha que Donald Trump começou a implementar nos Estados Unidos, em menos de 10 dias na Casa Branca

- ★ **Obamacare:** reduziu o peso econômico do programa de saúde, sem sugerir um projeto substituto
- ★ **Parceria Transpacífico (TPP, na sigla em inglês):** retirou o país do maior acordo de comércio do mundo, negociado entre 12 países
- ★ **Oleodutos:** assinou decretos autorizando a construção de dois oleodutos que haviam sido bloqueados pelo governo Obama, em 2015, devido aos riscos ambientais
- ★ **Aborto:** proibiu o país de financiar grupos que praticam ou apóiam o aborto no exterior
- ★ **Nafta:** anunciou que conversará com os líderes de Canadá e México para renegociar o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta, na sigla em inglês)
- ★ **Muro do México:** ordenou a construção do muro na fronteira entre os países e quer que o vizinho arque com a obra
- ★ **Questões climáticas e direitos LGBT:** retirou do site da Casa Branca as seções dedicadas a políticas para mudanças climáticas e direitos LGBT, bandeiras do governo Obama

PEDIDO EUROPEU: para evitar o avanço chinês, a primeira-ministra britânica Theresa May fez apelo para que o presidente americano não isole os EUA do mundo em visita à Washington

região", diz Fernanda Magnotta, coordenadora do curso de Relações Internacionais da Fundação Armando Álvares Penteado (Faap). "A relação entre os países irá se deteriorar. Fala-se muito sobre a construção do muro, mas ele já existe e agora se intensificará."

Essa postura de isolamento coloca Trump como o principal risco geopolítico para 2017, de acordo com a consultoria americana Eurásia. O comércio global, já prejudicado pela desaceleração chinesa e a crescente onda protecionista na Europa, deve ser reconfigurado. A nova posição do governo americano exigirá uma revisão de diversos acordos multilaterais. O TPP, por exemplo, passa a ser uma incógnita sem a participação de seu principal membro. A decisão de Trump mexe tanto com medidas comerciais como com influências regionais. Com o tratado, os EUA continham a expansão da China na Ásia, que agora tem caminho livre para dominar o Pacífico. Essa nova configuração foi tema do encontro do presidente americano com a primeira-ministra britânica, Theresa May, que visitou a Casa Branca no dia 27. "A eleição de Trump, provavelmente, resultará na retirada dos EUA de seu papel de líder de coalizões e permitirá que países como a China comecem a projetar suas próprias forças nesse vazio que se formará", diz Jonathan Lieber, diretor do grupo Eurásia, especialista em Estados Unidos, em entrevista à DINHEIRO *(leia mais na pág. ao lado)*.

Os países têm reagido às decisões de Trump. Para tentar salvar o TPP, Steve Ciobo, ministro do comércio da Austrália, sugeriu a entrada da China no acordo. Outro movimento na mesma direção veio da Alemanha. A

A VEZ A CHINA: o discurso pró globalização do presidente chinês Xi Jinping pode colocar o gigante asiático como substituto da hegemonia global dos Estados Unidos, que tem adotado uma política de isolamento comercial

FOTO: DOMINIC REUTER (AFP) | PETER KLAUNZER/AFP/POOL

BUSCA POR LEGITIMIDADE: Em reunião com executivos, Mary Barra, da GM, Donald Trump tenta ganhar a classe empresarial dos EUA com promessas de incentivos para quem investir no país

chanceler Angela Merkel e o vice-chanceler Sigmar Gabriel anunciaram que a indústria alemã aproveitará todas as oportunidades de comércio na Ásia e na América do Sul. "Todo protecionismo é negativo para o comércio", afirma Welber Barral, sócio da consultoria Barral M Jorge e ex-secretário de Comércio Exterior. "Mas ele é pior quando vem de uma grande potência como os EUA, pois transforma a situação num jogo de soma zero."

As primeiras assinaturas de Trump tendem a beneficiar indiretamente o Brasil. **Com o fim do TPP, especialistas veem espaço para o avanço das commodities brasileiras, como carne, soja, milho e trigo, além do minério de ferro, tanto no mercado europeu como no asiático.** Mas esses sinais devem ser vistos apenas como positivos no curto prazo. A fragilidade da economia brasileira exige uma estabilidade global para uma rápida recuperação. Mas, o fechamento comercial dos EUA, a intensificação de tensões geopolíticas, o possível aumento da taxa de juros pelo Banco Central americano e o enfraquecimento do modelo democrático no mundo são negativos para o País. Ainda não se sabe se o protecionismo americano vai esfriar ou aproximar o Mercosul da União Europeia. "A política comercial brasileira não pode ser pautada apenas por resultados da balança comercial", diz Regis Arslanian, ex-embaixador do Brasil no Mercosul e sócio da GO Associados. "Precisamos estar presentes nas discussões comerciais, sair do foco Mercosul e intensificar a integração com o mundo globalizado." Mas, dependendo das próximas decisões de Trump, o Brasil terá de rever suas prioridades comerciais.

DE PORTAS ABERTAS: o vice-chanceler alemão Sigmar Gabriel e a chanceler Angela Merkel (à esq.) querem aproveitar o espaço deixado pelos EUA na Ásia e na América Latina. O ministro da Austrália, Steven Ciobo (à dir.), quer incluir a China no TPP

> "Os riscos estão aumentando para as empresas que dependem de exportações"
>
> **JONATHAN LEBED**
> DIRETOR DO GRUPO EURASIA, ESPECIALISTA EM ESTADOS UNIDOS

Quais serão os impactos dos decretos para a economia global?
Se bem sucedida, a substituição da produção estrangeira pela doméstica aumenta o potencial de emprego nos EUA. Mas traz preços mais elevados. Por outro lado, países como o México serão gravemente afetados, por serem dependentes da parceria com o vizinho. A equipe de Trump avalia isso e planeja usar essa estratégia para criar termos de trocas comerciais mais favoráveis aos americanos.

Existe o "risco Trump" e o avanço de uma instabilidade geopolítica?
Para os EUA entrarem em uma guerra o pedido deve ser autorizado pelo Congresso. Na ausência de um ato de terror, esse risco fica mais remoto. O verdadeiro perigo que Trump causa é o de um conflito com um país como a China, com a questão de Taiwan, por exemplo. O atrito entre eles é por falta de comunicação e uma série de mal-entendidos. Isso traz riscos também para os países aliados, o que poderia desencadear tensões crescentes sem que realmente tenha havido qualquer intenção de provocar um conflito.

A globalização está em perigo?
De um modo geral, a globalização trouxe paz e prosperidade às elites e países ricos que se beneficiaram amplamente dela. Porém, fez com que parte da população desses países perdesse o emprego. Até o momento, não vimos um verdadeiro líder protecionista se manifestar com políticas que prejudiquem o mundo globalizado, mas os riscos estão aumentando para as empresas que dependem de exportações. Trump irá retirar os EUA de seu papel de líder de coalizões e permitirá que países como a China avancem nesse vazio.

FOTOS: SAUL LOEB/AFP | DIMITRIOS KAMBOURIS/AFP/GETTY IMAGES

FIM DA LINHA: *Eike Batista acumula frustração nos novos negócios. Agora terá de encarar a cadeia*

E AGORA, EIKE?

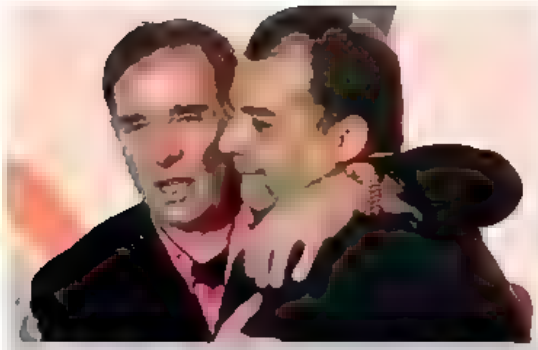
A Operação Lava Jato **pede a prisão preventiva do empresário,** que tentava criar negócios para recuperar a fortuna esfacelada pela ruína de seus projetos megalomaníacos

Márcio KROEHN

Nos últimos dois anos, o empresário Eike Batista ocupou-se de tentativas frustradas de criar novos negócios que pudessem recolocá-lo na lista de bilionários. Há cinco anos, ele estava entre os sete homens mais ricos do mundo, com um patrimônio de US$ 34,5 bilhões, e projetava ser o primeiro, assim que acumulasse US$ 100 bilhões. Aos que se espantavam, ele costumava dizer, acompanhado de um sorriso maroto: "Estou com sorte, o que eu posso fazer". O tempo de bonança, porém, virou e a fortuna de Eike se esfacelou. O empreendedor-modelo do Brasil viu seus negócios desaparecerem, um a um, como num efeito dominó. Mas ele tentou retornar aos holofotes com estranhas e diversificadas apostas, que iam da área de clonagem de animais e produção de um Viagra genérico, que se dissolve embaixo da língua, à exportação de biomassa de cana-de-açúcar para a Europa. Nada vingou. Sua última e revolucionária tentativa é o creme dental Elysium, criado a partir da hidroxia patita, um mineral rico em cálcio. O principal diferencial é que a nova empresa de Eike, a Clean World Technologies, teria encontrado a fórmula que barateia o custo da matéria-prima. Sua promessa é conseguir produzir por US$ 2 a mesma quantidade que o mundo gasta US$ 20 mil. A comercialização deveria começar neste primeiro semestre, mas o empresário terá um problema mais urgente a resolver: defender-se das acusações da Operação Lava Jato de lavagem de dinheiro e ocultação de recursos no exterior.

Na quinta-feira 26, a Polícia Federal deflagrou a operação Eficiência, que tinha Eike como principal alvo. Ele é acusado de ser o operador intelectual e de esconder US$ 16,5 milhões em propinas repassadas ao governador Sérgio Cabral (PMDB-RJ) no exterior. O dinheiro teria passado pela conta do empresário no Panamá antes de ir para o Uruguai. Segundo os procuradores, a

FOTOS: MARCOS D'PAULA (AE) | DANILO VERPA (FOLHAPRESS) | TÂNIA RÊGO (AGÊNCIA BRASIL)



AMIGOS PARA SEMPRE: *o empresário Eike Batista recebe um abraço do então governador Sérgio Cabral em evento que marcou a ancoragem de um barco na Marina da Glória, em 2007 Segundo o Polícia Federal, que fez buscas na casa de Eike, a relação entre eles envolvia propinas, lavagem de dinheiro e ocultação de bens no exterior*

organização criminosa liderada por Cabral teria movimentado US$ 100 milhões, sendo US$ 39,7 milhões entre 2014 e 2015. Com um mandado de prisão preventiva expedido contra Eike, os investigadores foram até a casa do empresário, no Jardim Botânico, zona sul do Rio de Janeiro, mas descobriram que ele tinha viajado, dois dias antes. Do aeroporto do Galeão, Eike ocupou um assento na classe executiva do vôo 974 da American Airlines com destino a Nova York, onde teria reuniões de negócios. O passaporte alemão, supostamente usado pelo empresário para deixar o País, é motivo de controvérsia. As autoridades investigam se houve vazamento da operação que facilitaram a fuga de Eike. Seus advogados, porém, disseram que ele não tentou escapar das autoridades e que ele voltaria ao País para colaborar com a Justiça (até o fechamento desta edição, isso não tinha ocorrido). "O que pesa contra ele são os crimes de corrupção e lavagem de dinheiro, o que comporta, sim, a prisão", diz Bruno Giusto, sócio da área penal do Siqueira Castro Advogados. "Por ser uma pessoa pública conhecida, ele deveria evitar a situação vexatória de uma prisão internacional."

Considerado foragido, o nome de Eike Batista entrou na lista vermelha da Interpol, com alerta em quase 200 países. Assim que se entregar às autoridades ou for capturado, o empresário, que não possui diploma universitário, poderá aguardar o julgamento em uma cela comum em um dos presídios do Rio de Janeiro, o Bangu 10. **Esse mesmo desfecho poderia ter acontecido há alguns anos, se os direitos dos acionistas minoritários fossem preservados no Brasil. Eike responde por quase duas dezenas de processos administrativos na Comissão de Valores Mobiliários. Há desde manipulação do mercado de capitais a uso de informação privilegiada.** Assim como o presidente dos EUA, Donald Trump, Eike era um assíduo usuário do Twitter, que muitas vezes era o primeiro destino de notícias ligadas às empresas do Grupo EBX, que formavam o Império X *(acompanhe a atual situação delas no quadro abaixo)*. A petroleira OGX é um caso clássico. O empresário fazia festa a cada poço perfurado, mesmo que as chances de encontrar e extrair petróleo fossem mínimas. Era como se pedisse para que os pequenos acionistas comprassem ações enquanto ele vendia as dele. Aquele que um dia foi chamado de "Midas", como o Deus grego que transforma o que toca em ouro, virou latão.

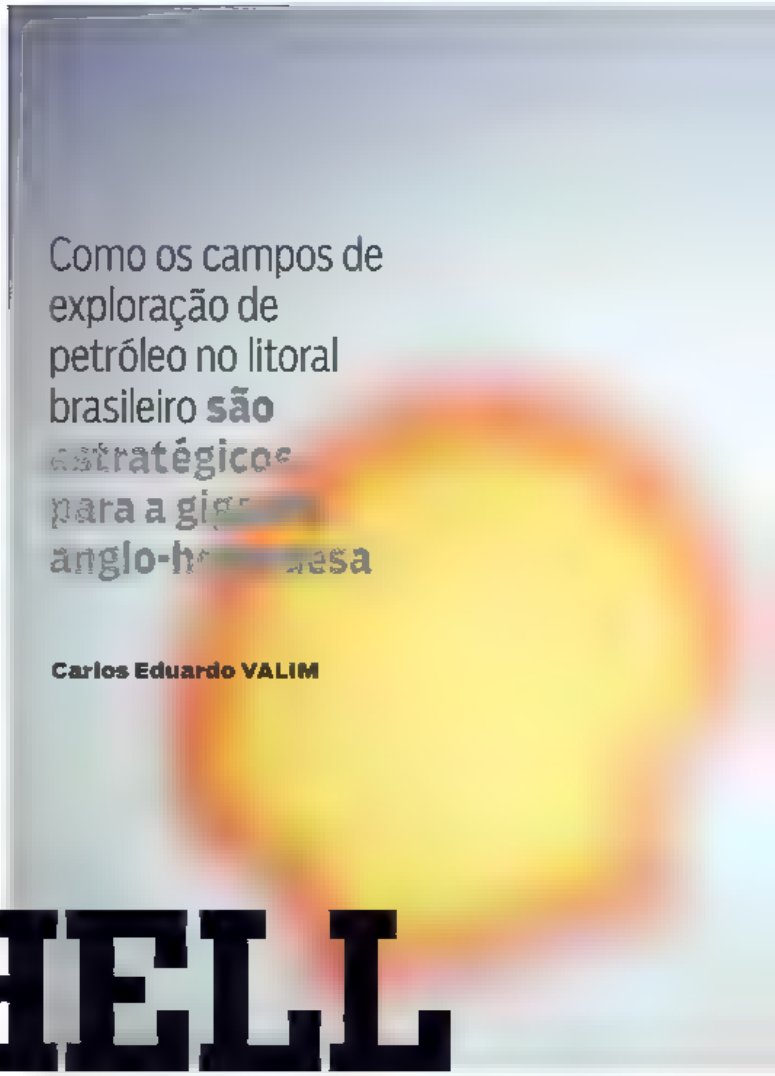
PARA ONDE FOI O IMPÉRIO X

Saiba como estão os principais negócios criados por Eike Batista, que chegou a ser o sétimo homem mais rico do mundo, com uma fortuna estimada em US$ 34,5 bilhões

Empresa	Situação
MPX (energia)	Vendida para a Eneva (alemã)
LLX (logística)	Vendida para a EIG (americana)
OGX (óleo e gás)	Em recuperação judicial
OSX (naval)	Em recuperação judicial
MMX (mineração)	Em recuperação judicial
IMX (entretenimento)	Vendida para o Mubadala*
AUX (ouro)	Vendida para o Mubadala*
Hotel Glória	Vendida para o Mubadala*

Fonte: *pesquisa o fundo soberano de Abu Dhabi tem participação minoritária na OGX, OSX e MMX

ILUSTRAÇÃO: EVANDRO RODRIGUES



Como os campos de exploração de petróleo no litoral brasileiro **são estratégicos para a gigante anglo-holandesa**

Carlos Eduardo VALIM

POR QUE A SHELL NÃO DESISTE DO PRÉ-SAL

No calendário de grandes tacadas do mundo corporativo, pode-se prever alguns grandes negócios no setor petrolífero neste ano. Pelo menos, para as empresas que arrematarem os blocos de exploração nos dois leilões do pré-sal que o governo federal promete lançar ainda em 2017. Na primeira rodada de licitações, realizada em 2013, ainda sob o regime de partilha de produção, que caiu após mudança regulatória no ano passado, o campo de Libra, na Bacia de Santos, acabou nas mãos de um consórcio formado por Petrobras (40%), Royal Dutch Shell (20%), Total (20%) e as chinesas CNPC (10%) e CNOOC (10%). Todas essas gigantes estão entre as favoritas, ao lado da norueguesa Statoil e das americanas ExxonMobil e Chevron – que ainda não mostraram grande apetite pelo pré-sal brasileiro –, para a segunda e a terceira rodadas. Segundo informações divulgadas pelo Ministério de Minas e Energia, na terça-feira 17, a segunda rodada está prevista para o primeiro semestre e vai licitar áreas na Bacia de Santos e na Bacia de Campos. Dentre todas essas companhias, uma atenção especial deve ser dispensada à anglo-holandesa Shell, a terceira maior petrolífera do mundo, com US$ 265 bilhões de faturamento e lucro de US$ 2,2 bilhões em 2015, que pode ser a grande estrela do pré-sal. Ben van Beurden, CEO da companhia desde 2014, esteve no Brasil em setembro passado, para um encontro com o presidente Michel Temer, e na ocasião deixou claras as suas intenções.

Em conversa com os jornalistas após o compromisso, destacou que, depois de ter consolidado a presença na Europa, com a aquisição da inglesa BG Group, por US$ 54 bilhões, o Brasil havia se tornado um dos três países prioritários para a companhia. Atualmente, o País responde por 15% dos seus investimentos globais e 15% de sua produção total. Com os ativos da BG, a Shell, além de deter participação importante no campo de Libra, passou a ser dona de 25% do campo de Lula. Com isso, também se tornou a maior sócia da Petrobras. "Mas é importante notar que nossa posição no Brasil está em campos de exploração jovens, então requer muito capital futuro para expandir o seu valor total", disse van Beurden.

US$ 10 BILHÕES
é o valor que a companhia promete investir até 2020 nos projetos já existentes no Brasil

A intenção não deve ficar só no discurso. O CEO anunciou que vai injetar US$ 10 bilhões nas operações brasileiras, entre 2017 e 2020. Isso considerando apenas os projetos já existentes, sem contabilizar áreas que pode adquirir nas novas rodadas de licitação. "Estamos cientes de que precisaremos repor nossas reservas aqui no Brasil para os anos 2020", afirmou. "Vamos acompanhar também a possibilidade de expandir nosso portfólio na área de *downstream* (refinamento de petróleo cru e processamento de gás natural)." O que chama a atenção é que essas

 FOTOS: TULIO VIDAL | DIVULGAÇÃO

AJUSTE DE FOCO: *para liderar a empresa num momento após a aquisição da BG Group, o CEO, van Beurden, abandona as apostas menos rentáveis*

DO FUNDO DO MAR ÀS RUAS: *no Brasil, a empresa tem participação nos campos de Libra e Lula, e a joint venture Raízen, em postos de combustível*

afirmações aconteceram enquanto a companhia revê investimentos em todo mundo. A empresa reduziu o investimento planejado até 2020 para não mais do que US$ 30 bilhões por ano, cerca de US$ 5 bilhões a menos do que o plano anterior. E também anunciou que pode sair de até 10 países em que atua. Dessa forma, o foco está voltado aos projetos em águas profundas no Brasil e no Golfo do México. "A Shell é uma empresa que conhece muito bem o País. Está aqui há um século", diz Adriano Pires, consultor do Centro Brasileiro de Infraestrutura. "O pré-sal é uma área muito boa e a extração atual indica que tem mais produtividade do que se imaginava."

E isso é especialmente importante num momento em que os preços do petróleo estão depreciados. Apesar de uma expectativa de alta este ano para uma cotação média de US$ 57 por barril de petróleo Brent, em comparação com os US$ 45 do ano passado, segundo a empresa de pesquisas britânica *The Economist Intelligence Unit*, o valor permaneceria bastante abaixo dos US$ 109 registrados em 2013. A Shell, uma das pioneiras da exploração offshore, sabe que em poucas áreas do mundo conseguirá boa rentabilidade com esse patamar de preços. Em maio deste ano, a exploração nos campos de exploração em Brent, no Mar do Norte, na costa escocesa – área que deu o nome ao petróleo cru mais comercializado do mundo – completará 40 anos. E, numa comemoração às avessas, a terceira das quatro plataformas da região será descontinuada. Os novos campos no local têm, em média, potencial de 20 milhões de barris, em comparação com os 500 milhões dos descobertos no início dos anos 1970. Segundo a University of Aberdeen Business School, com tamanhos tão reduzidos, esses novos campos podem ficar inviáveis comercialmente sempre que a cotação baixar dos US$ 50.

A Shell ainda desistiu de encontrar petróleo no Ártico, depois de nove anos e US$ 7 bilhões gastos. A exploração no Norte também esbarrava em críticas de ambientalistas. Outras apostas se mostraram arriscadas. A promessa americana de extração do gás de xisto sofreu um baque, nos últimos anos. Um acordo entre os países produtores de petróleo da Opep para aumentar a produção depreciou a cotação da commodity, colocando em apuros as empresas que buscavam inovar nesse tipo de extração, incluindo a Shell. Como se não bastasse esses reveses, no Brasil, o CEO anterior da Shell, Peter Voser, desembolsou US$ 2,2 bilhões, apenas em 2012, em projetos de energias alternativas, especialmente em biocombustíveis, que resultaram na criação da Raízen, em sociedade com Rubens Ometto, da Cosan. A aposta na energia limpa, no entanto, sofreu com a política de congelamento de preços da gasolina pela Petrobras, praticada por ordem da então presidente Dilma Rousseff para conter a inflação, o que estrangulou o mercado de etanol. Com poucas alternativas, resta à Shell acreditar que, desta vez, o Brasil lhe dará todo o potencial que promete. Procurada pela reportagem, a Shell não concedeu entrevista.

PASSAREDO VOA MAIS LEVE

brasileiro de voos regionais

Rodrigo CAETANO

PARA CIMA: *a empresa opera, atualmente, com uma frota de oito aeronaves ATR 72. Os planos são de adicionar mais duas até o final do ano*

A trajetória da Passaredo, única companhia aérea brasileira a apostar exclusivamente na aviação regional, apresenta um retrato fiel dos altos e baixos desse setor. No auge do crescimento das viagens, há pouco mais de oito anos, a empresa operava com uma moderna frota de jatos ERJ 145, da Embraer, e voava para quase todo o País. Ela chegou a contar com quase 20 aeronaves. Em 2012, os ventos começaram a mudar. A queda na demanda por voos e a alta do preço do petróleo, que batia na casa dos US$ 100 o barril, quase levaram a Passaredo à bancarrota. Com dificuldades para honrar cerca de R$ 100 milhões em dívidas, a companhia entrou em recuperação judicial. Quatro anos depois, o cenário é mais animador. A Passaredo se prepara para sair dessa condição, o que deve ocorrer até o final do ano, e, com uma nova gestão, quer fazer decolar o mercado de voos para o interior. "A aviação regional ainda está engatinhando no Brasil", afirma Adalberto Bogsan, que assumiu o comando da companhia em janeiro, substituindo José Felício Filho, que estava há 15 anos no cargo e seguirá como conselheiro. "Acredito nesse mercado."

Ex-diretor de operações da Azul Linhas Aéreas, Bogsan tem um plano elaborado para aproveitar a demanda reprimida por transporte aéreo no interior do País. Ele envolve fazer parcerias com as grandes companhias e servir como "alimentador" de passageiros dos pequenos para os grandes centros econômicos. "Esse é o papel das empresas regionais nos Estados Unidos", diz o executivo. A ideia é identificar *hubs* industriais ou comerciais e conectá-los às capitais, onde as empresas interioranas podem alavancar seus negócios. Hoje, a Passaredo opera em 18 destinos, sendo apenas seis capitais estaduais, além de Brasília. "Um passageiro nosso pode embarcar em Rondonópolis (MT), por exemplo, e desembarcar em Nova York", afirma Bogsan. Isso é possível graças às parcerias de *code share* mantidas com Latam e Gol. Com o mesmo número de bilhete, o viajante utiliza duas empresas.

O agronegócio aparece como o grande mercado para a Passaredo. Sua sede, por sinal, fica em Ribeirão Preto, cidade paulista que se autointitula a "capital brasileira do agronegócio". Mas Bogsan diz que não é só isso.

FORÇA LOCAL: *para Adalberto Bogsan, presidente da Passaredo, a aviação regional está engatinhando no Brasil*

"Estamos olhando para centros tecnológicos e industriais. Até o final do ano, vamos adicionar dois destinos", diz o executivo, sem revelar quais. Um estudo feito pela Associação Brasileira das Empresas Aéreas (Abear) mostra que a estratégia tem fundamento. Ele aponta que a contribuição da aviação para a economia do País, em 2015, foi de R$ 312 bilhões, o equivalente a 3,1% do PIB. Isso mostra que a aviação tem o potencial de elevar a produção econômica. "Somos parte de um sistema de criação e distribuição de valor", afirma Eduardo Sanovicz, presidente da Abear. Para que a aviação regional se fortaleça, no entanto, é preciso que os Estados aprimorem suas condições econômicas, o que leva tempo. Uma alternativa mais rápida é apostar em polos de desenvolvimento, diz a Abear.

Se tudo der certo, Bogsan espera que a Passaredo passe a operar no azul já no meio deste ano. A receita da companhia, em 2016, foi de R$ 300 milhões. Sua dívida líquida total é de R$ 400 milhões, sendo administrável, segundo o executivo. Hoje, ela opera com uma frota de oito aeronaves turboélice modelo ATR 72, de fabricação francesa. A expectativa é adicionar mais dois aviões, em 2017. No ano passado, o número de passageiros pagos transportados pela empresa caiu 22,47%, para cerca de 930 mil, segundo dados da Agência Nacional de Aviação Civil.

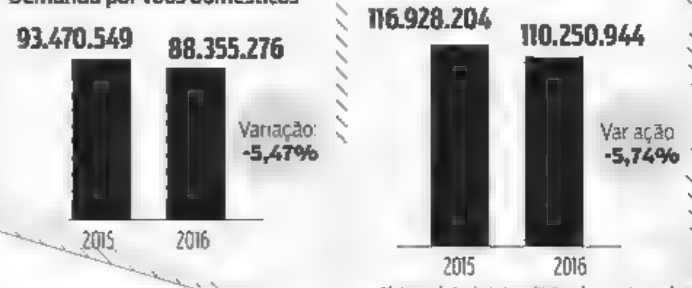
O governo pode atrapalhar essa recuperação. A ex-presidente Dilma Rousseff anunciou, no final de 2012, um plano para reformar 270 aeroportos, com investimentos de R$ 7 bilhões. Havia, ainda, a ideia de conceder subsídios para os voos regionais. Com a chegada de Michel Temer ao poder, o projeto foi adiado e deverá ser reduzido. Agora, o objetivo é reformar 170 aeroportos e os subsídios saíram de pauta – o novo investimento não foi divulgado. O plano anterior era considerado exagerado. A demanda por viagens domésticas caiu 5,47% e as companhias aéreas deixaram de atender nove cidades, em 2016.

Mesmo assim, Bogsan se mantém otimista. "Não queremos competir com as grandes. A Passaredo sempre será uma empresa regional", diz o executivo. "Pelo tamanho do Brasil, temos espaço para crescer." $

AEROPORTOS VAZIOS

O mercado de viagens aéreas nacionais enfrenta mau tempo:

Fonte: Abear



*A demanda é calculada multiplicando-se o número de passageiros pagantes pela distância percorrida
** A oferta é calculada multiplicando-se o número de assentos disponíveis pela distância percorrida

FOTOS: DIVULGAÇÃO PASSAREDO

HUGO BARRA AGORA POSTA NO FACEBOOK

Considerado o brasileiro mais influente do mercado de tecnologia, **o executivo deixou a chinesa Xiaomi para liderar os negócios de realidade virtual** da rede social de Mark Zuckerberg

Moacir DRSKA

Aos 40 anos, Hugo Barra alcançou um status raro para um brasileiro no mercado global de tecnologia. Formado em Ciência da Computação pelo Massachussetts Institute of Technology (MIT), o mineiro de Belo Horizonte construiu uma trajetória invejável em pouco mais de duas décadas no setor. Depois de passagens por empresas como o banco de investimento Merril Lynch, a consultoria McKinsey & Co e a pioneira da internet Netscape, o executivo chegou ao Google, em 2008. Na gigante de buscas, entre outras posições-chave, foi o vice-presidente responsável pelo desenvolvimento do sistema operacional Android. Em 2013, ele surpreendeu a todos quando trocou o emprego dos sonhos de muitos profissionais para liderar a expansão global da Xiaomi, fabricante chinesa de smartphones, que iniciava uma ascensão meteórica na categoria.

Passados pouco mais de três anos, Barra segue justificando o título de brasileiro mais influente do mundo de tecnologia, concedido pela revista americana *Wired*. Na quinta-feira 26, três dias após anunciar sua saída da Xiaomi, o executivo foi nomeado vice-presidente global de realidade virtual do Facebook. "Estou entusiasmado em compartilhar minha próxima aventura em meu retorno ao Vale do Silício", afirmou ele, na rede social, em resposta à postagem feita minutos antes por Mark Zuckerberg, CEO e fundador do Facebook. "Hugo compartilha da minha crença de que a realidade virtual será a próxima grande plataforma de computação", escreveu Zuckerberg. "Ele vai nos ajudar a construir o futuro e estou ansioso para tê-lo em nossa equipe."

De olho em um mercado que, segundo a consultoria americana IDC, vai movimentar US$ 162 bilhões em 2020, gigantes do setor como Samsung, Google, Intel, Microsoft e o próprio Facebook não têm economizado esforços e recursos para ocupar espaço na

DESAFIO: *vice-presidente sênior da Xiaomi, Xiang Wang terá a missão de substituir Hugo Barra e comandar a expansão internacional da fabricante chinesa de smartphones*

FOTOS: BI XIAOYANG | DIVULGAÇÃO

NOVOS ARES: *para analistas, além da chance de trabalhar com Mark Zuckerberg, a mudança de Hugo Barra para o Facebook foi motivada pelo desempenho aquém das expectativas da Xiaomi*

FENÔMENO: *com modelos sofisticados, como o Redmi 4 (abaixo), vendidos exclusivamente via internet, a Xiaomi assumiu a liderança no mercado chinês, em 2014*

realidade virtual. Há duas semanas, Zuckerberg afirmou que a rede social irá destinar US$ 3 bilhões a essa vertente na próxima década. O grande passo da empresa nessa direção foi dado em 2014, com a compra da Oculus VR, por US$ 2 bilhões. É justamente a divisão originada desse acordo que será comandada por Barra.

Analista da consultoria Counterpoint, de Hong Kong, Tina Lu observa que a experiência de Barra lhe dá uma boa base para liderar o Facebook nesse segmento. "A própria Xiaomi tem uma iniciativa de realidade virtual e o Hugo estava muito envolvido com o projeto", afirma. "A relação com uma tecnologia em alta vai permitir que ele volte ao centro das atenções na indústria." Alberto Moel, analista do banco americano Bernstein Research, acrescenta: "Tenho certeza que Zuckeberg vendeu uma bela imagem do que eles podem alcançar nesse mercado", diz. "E, provavelmente, é uma aposta muito melhor do que a expansão global da Xiaomi."

US$ 162 BILHÕES
É a projeção de receita global do mercado de realidade virtual em 2020

Hugo Barra anunciou sua saída da Xiaomi na segunda feira 23. Em postagem no Facebook, ele afirmou que a empresa está bem posicionada globalmente e que era a hora certa de voltar para "casa". "Meus amigos, o que eu considero meu lar e a minha vida estão no Vale do Silício", escreveu o executivo, que será substituído por Xiang Wang, vice-presidente da Xiaomi.

Para analistas ouvidos pela DINHEIRO, outros fatores explicam a decisão. Fundada em 2010, a Xiaomi chamou a atenção do mercado em 2014, quando assumiu a liderança das vendas de smartphones na China. Com a façanha, que lhe rendeu a alcunha de "Apple Chinesa", a companhia ingressou no ranking global das principais fabricantes, faturou US$ 12,5 bilhões, em 2015, e foi avaliada em US$ 46 bilhões. O segredo do fenômeno foi combinar vendas diretas pela internet e aparelhos sofisticados, com preços mais acessíveis que os celulares rivais. Quando chegou ao Brasil, por exemplo, em junho de 2015, o aparelho Redmi 2, da marca, custava R$ 499. Modelos similares, como o Zen fone, da Asus, e o Moto G, da Motorola, tinham preços a partir de R$ 700.

Sob o comando de Barra, ao tentar replicar a estratégia fora da Grande Muralha, a Xiaomi teve sucesso na Índia, com uma receita de US$ 1 bilhão em 2016. Mas não decolou em mercados-chave, como os Estados Unidos, onde suas ofertas seguem restritas a acessórios. "Acredito que Barra se sentia frustrado com os avanços tímidos nos mercados maduros", diz Jan Dawson, analista da consultoria americana Jackdaw Research. Procurados, Barra e Xiaomi não comentaram.

Primeiro mercado ocidental a receber os smartphones da marca, **o Brasil é um exemplo dos percalços da Xiaomi. A empresa fechou sua operação local após pouco mais de um ano no País. "Em 2016, as vendas locais não chegaram a 10 mil unidades"**, diz Ivair Rodrigues, sócio da consultoria IT Data. Ele aponta erros como a falta de ações de marketing e as vendas exclusivas pela internet.

A Xiaomi também perdeu terreno "em casa" para as compatriotas Huawei, OPPO e vivo. No terceiro trimestre de 2016, as vendas no país caíram 42,3%, na comparação anual, segundo a IDC. Nesse intervalo, a empresa deixou ainda de figurar no ranking global. A queda motivou mudanças. Em 2016, a Xiaomi inaugurou 54 lojas na China e planeja abrir mais de 200 neste ano. Em comunicado recente, Lei Jun, CEO e fundador resumiu o momento da companhia: "Nós sofremos os impactos por avançar tão rápido", escreveu. "Agora temos que desacelerar e fazer ajustes. Mas o pior já passou."

O NOVO PLANO DA Oi

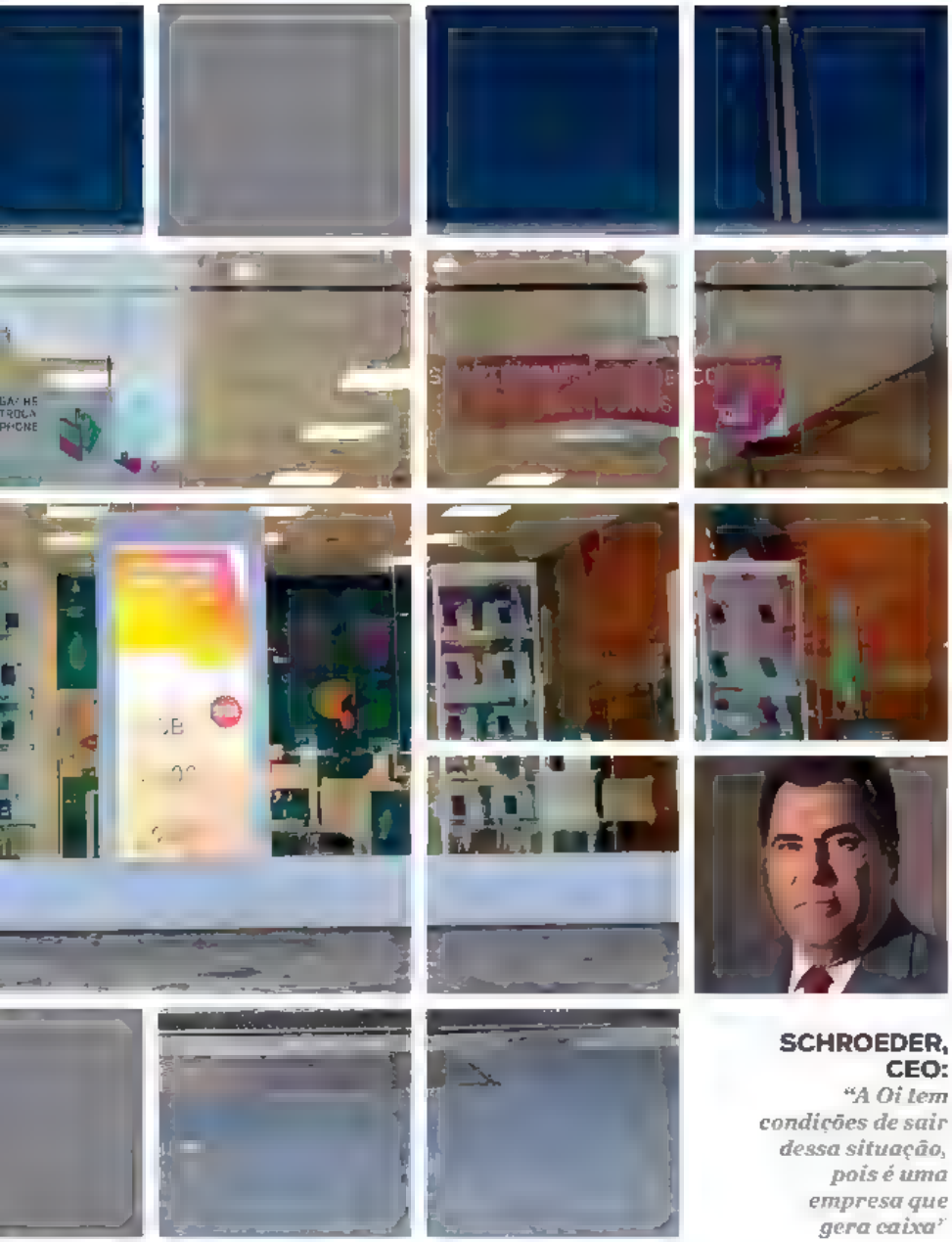
Sete meses depois de entrar em recuperação judicial, a operadora está prestes a ter um **novo projeto** *para tentar resolver sua bilionária dívida. Conseguirá convencer os credores?*

Ralphe MANZONI JR.

Quando a empresa de telefonia Oi entrou com um pedido de recuperação judicial, em junho de 2016, havia uma única certeza: não seria fácil chegar a um acordo, dada as proporções envolvidas no processo. A começar pelo valor da dívida de R$ 65,4 bilhoes com 67 mil credores. A lista inclui diversos fundos internacionais, bancos brasileiros, fornecedores de todos os tipos e tamanhos e a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), o órgão regulador do setor. Soma-se a isso o fato de que os dois principais acionistas da operadora, a Pharol (ex-Portugal Telecom) e a Societé Generalé, do empresário Nelson Tanure, brigam para não diluírem demais suas participações na renegociação da dívida. É, sob qualquer ângulo, um rolo e tanto.

O responsável por resolver esse imbróglio é o executivo Marco Schroeder, que assumiu o comando da Oi em junho, dez dias antes da empresa que já foi considerada a supertele nacional entrar com o maior pedido de recuperação judicial da história brasileira. Quatro meses depois de seu primeiro plano, que foi muito criticado pelos credores, Schroeder acredita que, agora, tem projeto viável para começar a tirar a operadora do buraco. "Ninguém, nem os acionistas, nem os credores, tem interesse que a Oi quebre", diz Schroeder à DINHEIRO. "A Oi tem condições de sair dessa situação, pois é uma empresa que gera caixa."

FOTOS: WERTHER SANTANA/ESTADÃO E DIVULGAÇÃO



SCHROEDER, CEO: *"A Oi tem condições de sair dessa situação, pois é uma empresa que gera caixa"*

A TRÊS PASSOS DO ACORDO

Quais os principais pontos do novo plano de recuperação judicial da Oi:

1

Pagamento de R$ 5 bilhões em dinheiro e R$ 5 bilhões em ações para os detentores de "bondholders" da companhia. Eles, atualmente, detêm dívidas de R$ 32 bilhões. A participação precisa ser negociada entre os atuais acionistas e os credores. É o principal ponto de conflito para se chegar a um acordo

2

Caso exista venda de ativos, 50% do dinheiro ficará com a Oi e os outros 50% serão usados para amortização antecipada da dívida. No primeiro plano, todos os recursos ficavam com a companhia

3

Plano prevê restrição ao pagamento de dividendos. A posição foi defendida publicamente por Nelson Tanure, da Societé Generalé

O novo plano de recuperação da Oi será apresentado na quarta-feira, 1º de fevereiro, em reunião do Conselho da Oi. Ele introduz algumas novidades em relação à primeira versão, que foi mal recebida pelos chamados "bondholders", detentores de títulos da dívida internacional da Oi, que somam aproximadamente R$ 32 bilhões. Apresentado em setembro, ele propunha que parte dos créditos fossem convertidos em ações, até o limite de R$ 32 bilhões, ou fossem pagos a partir do 11º ano de recuperação, em parcelas semestrais corrigidas. Agora, a ideia de Schroeder é reduzir essa dívida para R$ 10 bilhões, um deságio de quase 70%, pagando R$ 5 bilhões imediatamente e transformando os outros R$ 5 bilhões em participação acionária.

A diluição dos acionistas atuais é o grande X da questão do novo plano de Schroeder. Hoje, a Oi vale R$ 2,6 bilhões na BM&FBovespa. **Até agora, os dois lados da negociação têm sido duros nesse ponto. Tanto a Pharol, que detém 22,2% do capital total da operadora, como a Societé Generalé, dona de 6,3%, lutam para não perder tanto poder na nova configuração acionária.** "Muita gente da companhia não quer largar o osso", afirma uma fonte, que negociou com a Oi, referindo-se a dificuldade dos atuais acionistas de abrirem mão de suas participações. Mas, dado o tamanho da dívida da Oi, será difícil chegar a um acordo sem que os credores assumam uma fatia considerável da empresa. Antes de entrar com o pedido de recuperação judicial, os bondholders queriam uma

DEVO, NÃO NEGO, PAGO ...

Quais são os principais credores da Oi:

Bondholders	R$ 32 bilhões
Bancos	R$ 14 bilhões
Anatel*	R$ 11 bilhões
BNDES	R$ 3 bilhões
Outros**	R$ 5 bilhões

* a Anatel diz que a dívida com a agência é de R$ 20,2 bilhões /** inclui fornecedores

Fonte: Oi dados aproximados

fatia de 90%, apurou a DINHEIRO. A Oi oferecia 60%. Não houve acordo, naquela ocasião. "Se ninguém ceder, a Oi vai quebrar ou o governo vai intervir", diz outra fonte, que acompanha de perto os desdobramentos da situação da Oi.

Outro ponto do plano de Schroeder são os ativos que devem ser colocados à venda. Na primeira proposta, 100% dos recursos arrecadados iriam para o caixa da Oi. Agora, a nova versão prevê que 50% fiquem com a operadora e a outra metade seja usada para amortização antecipada da dívida. A tele brasileira é dona de operações na África e no Timor Leste, cujo valor contábil é de R$ 4 bilhões. Além disso, a empresa pode ainda se desfazer de torres de celulares e espera a aprovação da polêmica nova Lei Geral de Telecomunicações, que pode abrir espaço para a venda de imóveis, os chamados bens reversíveis. Hoje, a Oi é dona de mais de sete mil imóveis que poderiam ser passados adiante, reforçando o caixa da companhia. Por fim, Schroeder quer incluir no plano uma política de restrição de pagamentos de dividendos. Essa medida já ganhou até um importante defensor. "Propomos que a companhia não distribua dividendos pelo período mínimo de cinco anos e que todo o caixa livre gerado seja investido na modernização e em melhorias de sua rede", afirmou Tanure, em uma entrevista à versão digital do Jornal do Brasil, do qual é dono.

No papel, o plano parece perfeito e de fácil execução. Mas a tarefa de colocá-lo em prática será difícil. Desde que entrou em recuperação judicial, diversos interesses, nem sempre convergentes, batalham pelo controle da Oi. Os credores estão organizados com diversos advogados e assessores jurídicos para olhar com lupa todas as vírgulas dos planos apresentados pela operadora.

TODOS OS INTERESSADOS NA OPERADORA

Quem pretende investir na Oi:

NAGUIB SAWARIS
O bilionário egípcio fez uma oferta para a Oi que prevê a injeção de até US$ 1,25 bilhão (cerca de R$ 4 bilhões) por meio de aumento de capital. Além disso, propõe converter um total de R$ 24,82 bilhões dos títulos de dívida em ações da companhia. Sawaris está atuando em conjunto com os detentores de títulos representados pela Moelis & Company.

É um fundo americano especializado em empresas com dificuldades financeiras, que está atuando em conjunto com **Ricardo K.**, ex-presidente da Brasil Telecom, dono da RK Partners. Até agora não fez nenhuma oferta. No mercado, comenta-se que tem bala na agulha para aportar até R$ 10 bilhões.

Assim como o Cerberus, é um fundo abutre do bilionário americano **Paul Singer**. Deve fazer uma oferta de aporte de R$ 9,2 bilhões à Oi, que será apresentada na assembleia do conselho da operadora na quarta-feira, 1º de fevereiro.

Uma parte dos detentores de títulos da dívida internacional é representada pela Moelis & Company. Esse grupo está unido ao egípcio Naguib Sawaris, que fez uma proposta alternativa para a recuperação judicial da Oi, que prevê aporte de US$ 1,2 bilhão. Outros bondholders estão com a G5, uma butique de investimentos, fundada por Corrado Varoli, ex-presidente da Goldman Sachs para a América Latina.

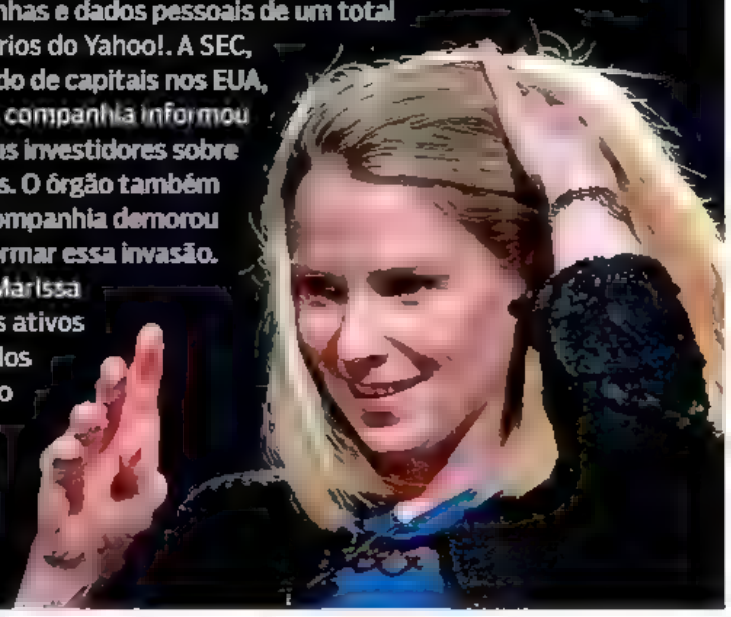
Além desse grupo, dois fundos abutres, especializados em comprar empresas com dificuldades financeiras, têm interesse na Oi. Ambos sinalizam com aportes de recursos para ficarem com uma fatia do capital da operadora brasileira. São eles o Elliot e o Cerberus. Este último está associado a Ricardo K., da RK Partners e ex-presidente da Brasil Telecom, que ajudou na reestruturação da dívida das empresas do enrolado Eike Batista (*saiba mais sobre o empresário na página 38*). Até agora, nenhum deles fez uma oferta formal. O Elliot, do bilionário americano Paul Singer, deve apresentar uma proposta de R$ 9,2 bilhões para ser apreciada pelos conselheiros da Oi, na quarta-feira 1º, na mesma reunião que terá a apresentação do plano de Schroeder. "Não há nenhum santo nessa negociação", afirma uma fonte do setor de telecomunicações. "Todos defendem até o limite os seus interesses, o que é legítimo."

Ao mesmo tempo em que negocia uma solução para sua gigantesca dívida, a Oi toca sua vida. **Quando entrou com pedido de recuperação judicial, em junho, a operadora contava com R$ 5,1 bilhões em caixa. Até dezembro, a estimativa do mercado é que tenha R$ 7,9 bilhões.** A companhia investiu R$ 4,7 bilhões em 2016. A meta é aumentar em 6% os investimentos neste ano, para aproximadamente R$ 5 bilhões. Como afirma um dito popular que todo mundo proclama: a vida continua na Oi. O que ninguém sabe ainda é como ela vai sair – e de que tamanho – desse rolo todo.

FOTOS: FRANCESCO GARUFI/GRAZIANERI | REGIS FILHO/VALOR/FOLHAPRESS E REMY STEINEGGER

SOB INVESTIGAÇÃO DA SEC, YAHOO! ADIA NEGÓCIO COM A VERIZON

O Yahoo! informou, na terça-feira 24, que adiou para o segundo trimestre a venda de seus ativos para a operadora de telefonia Verizon, uma transação avaliada em US$ 4,8 bilhões. O acordo, firmado no ano passado, considerava o fechamento do negócio no primeiro trimestre de 2017. Mas, após o acordo, a companhia comandada por Marissa Mayer revelou que, entre 2013 e 2014, hackers roubaram senhas e dados pessoais de um total de 1,5 milhão de usuários do Yahoo!. A SEC, que fiscaliza o mercado de capitais nos EUA, agora quer saber se a companhia informou antecipadamente seus investidores sobre os ataques de hackers. O órgão também investiga por que a companhia demorou tantos anos para informar essa invasão. Ao concluir a venda, Marissa deixará a empresa. Os ativos que não foram vendidos para a Verizon, como o Yahoo Japan, serão reunidos numa nova companhia, que se chamará Altaba.



ALSTOM INVESTE € 14 MILHÕES EM STARTUP DE VEÍCULO AUTÔNOMO

A Alstom, grupo francês que atua nas áreas de energia, transporte e infraestrutura, deu os primeiros passos para entrar de vez no mercado de veículos autônomos. A companhia anunciou, na terça-feira 24, a compra de participação minoritária na startup francesa EasyMile, que desenvolveu o carro autoguiado EZ10. Parecido com um vagão de trem, o veículo transporta 12 pessoas e já é testado na América do Norte, Ásia, Oriente Médio e Europa. O valor do investimento é de € 14 milhões. Com a aquisição e acordo firmados, a Alstom passa a fazer parte da diretoria da EasyMile.

ZUCKERBERG NEGA INTERESSE EM SER PRESIDENTE DOS EUA

O CEO do Facebook, Mark Zuckerberg, negou rumores de que teria interesse em disputar a Presidência dos EUA. Não estou concentrado na construção da nossa comunidade no Facebook e no trabalho na iniciativa Chan Zuckerberg, afirmou Zuckerberg ao ser questionado pelo site BuzzFeed News, na semana passada. Os boatos sobre os interesses políticos do criador da rede social cresceram neste ano, quando ele prometeu visitar 50 Estados do país para conhecer escritórios do Facebook e se reunir com expoentes de cada comunidade.

A CULPA É DA BATERIA

Seguindo o ditado popular, a Samsung tentou, na semana passada, matar dois coelhos com uma cajadada. Primeiro, divulgou um relatório, na segunda-feira 23, com o parecer de duas empresas americanas e uma consultoria alemã sobre o que motivou as explosões do Galaxy Note 7. De acordo com as perícias, a proximidade dos eletrodos negativo e positivo das baterias do equipamento foi responsável por curtos-circuitos que ocasionaram as explosões. E, mesmo com o fiasco do Note 7, na terça-feira 24, a empresa divulgou lucro operacional de US$ 7,5 bilhões no quarto trimestre do ano passado, 50,2% maior que no mesmo período de 2015.

Escritórios conectados

PESQUISA COM 3.800 PROFISSIONAIS DE TI DE COMPANHIAS, EM DEZ PAÍSES, INCLUINDO NO BRASIL, REVELA A EXPECTATIVA COM O USO DA INTERNET DAS COISAS (IOT) NO AMBIENTE DE TRABALHO.

Fonte: Penn Schoen Berland, Dell e Intel

FOTOS: AFP PHOTO/JIM WATSON E DIVULGAÇÃO

SPRINT VAI IMPULSIONAR PLATAFORMA DE STREAMING DE MÚSICA TIDAL

Desde 2015, a empresa de telefonia americana Sprint vinha negociando uma participação no Tidal, sistema de streaming de música comandado pelo rapper americano **Jay-Z**. O negócio foi concluído apenas na segunda-feira 23, quando a operadora anunciou a compra de 33% do serviço. Jay-z continuará com participação majoritária na operação. Com cerca de 3 milhões de assinantes, o serviço do rapper poderá ser acessado agora por 45 milhões de clientes da Sprint. Só o Spotify tem 40 milhões de assinantes pagos e a Apple Music, 20 milhões. O sucesso do Tidal vem da produção de músicas exclusivas para a plataforma, que reúne um total de 42,5 milhões de canções e personalidades como o próprio Jay-Z e artistas como Kanye West. O sistema, disponível em 52 países, oferece 140 mil vídeos de alta qualidade.

PORTAL DE SAÚDE PRACTO RECEBE US$ 55 MILHÕES

A Practo, uma das maiores plataformas on-line de saúde do mundo, recebeu na semana passada uma rodada de investimentos no valor de US$ 55 milhões. O aporte contou com três novos investidores: ru-Net RS Fund (controlado pela Recruit Holdings) e Thrive Capital. Outros investidores também participaram da operação: Sequoia Capital, Matrix Partners, Capital G (a antiga Google Capital) e Times Internet e Sofina. O sistema desenvolvido pela companhia conecta médicos a pacientes, que podem ter acesso a exames e comprar medicamentos. Anualmente, a companhia promove a realização de 45 milhões de consultas e o sistema está presente em 15 países. Os recursos serão investidos em novas funcionalidades da plataforma, que também atendem companhias privadas, como Max Healthcare, Manipal, Cloud9.

RESPOSTA INSTANTÂNEA

Diego Tamburini, *estrategista de manufatura e Internet das Coisas (IoT) da Autodesk, empresa de automação e impressão 3D*

Como a Indústria 4.0 está mudando processos, negócios e a estratégia das companhias?
A indústria 4.0 está possibilitando às companhias terem suas decisões e operações guiadas por dados. É como se a informação fosse o novo óleo do sistema. Ao saber exatamente o que está acontecendo no chão de fábrica os engenheiros podem fazer um ajuste fino dos parâmetros de produção para ser o mais eficiente possível.

Qual a principal revolução que esse conceito traz?
É possível melhorar a operação da indústria com uma menor intervenção humana. Um equipamento, por exemplo, pode avisar o momento certo de sua manutenção, com ajuda de inteligência artificial e IoT. Isso evita interrupções na linha de produção. Tanto os dados de fabricação quanto de uso do produto do cliente podem ser reinseridos no processo para melhorar ainda mais a produção.

81%
dos brasileiros acreditam que utilizarão IoT no trabalho em cinco anos

60%
dos entrevistados acreditam que a IoT ajudará no uso de tecnologias mais inovadoras nas empresas

57%
indicam que essas soluções devem facilitar a conexão de equipamentos sem fio para compartilhar informações

37%
[illegible] essas tecnologias devem permitir um uso mais eficiente do espaço

36%
creditam que haverá melhor aproveitamento dos espaços de trabalho

BERNIE ECCLESTONE SAI DA PISTA

O POLÊMICO CHEFÃO DA FÓRMULA 1 É AFASTADO DO COMANDO DA CATEGORIA. A ORDEM, AGORA, É MODERNIZAR O ESPORTE

André JANKAVSKI

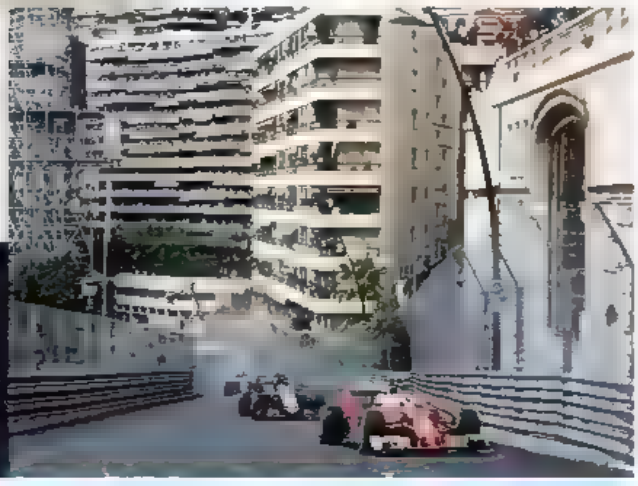
Existem duas certezas no mundo da Fórmula 1, divisão mais importante do automobilismo. A primeira é que a categoria jamais teria a importância atual se não fosse o comando do magnata inglês Bernie Ecclestone, 86 anos, demitido na segunda-feira 23 depois de quarenta anos no poder. Ex-piloto, ex-dono de equipes e com uma fortuna de US$ 3,1 bilhões, ele conduziu a F1 a receitas anuais que ultrapassam US$ 1 bilhão. A outra certeza é que ele jamais conseguiria esses resultados sem seu estilo de gestão mãos de ferro. O próprio chefão admitia isso. "O problema é que a Fórmula 1 de hoje é como uma democracia e eu sou um pouco contra a democracia", disse Ecclestone, quando travou uma queda de braço com a Federação Internacional de Automobilismo (FIA), em 2015, para fazer mudanças no regulamento. Seu reinado, no entanto, foi encerrado. A contragosto, o bilionário britânico foi dispensado pelo dono da marca Fórmula 1, o grupo americano Liberty Media, que, em setembro de 2015, comprou o controle da categoria por US$ 8,5 bilhões do fundo luxemburguês CVC Capital Partners.

Apesar de ter feito barulho no meio esportivo, a saída de Ecclestone não é vista como uma surpresa sob a ótica dos negócios. A Liberty Media investiu bilhões porque enxerga muito potencial na categoria. Afinal, é um campeonato que possui grande aceitação em diversos países, mas ainda engatinha

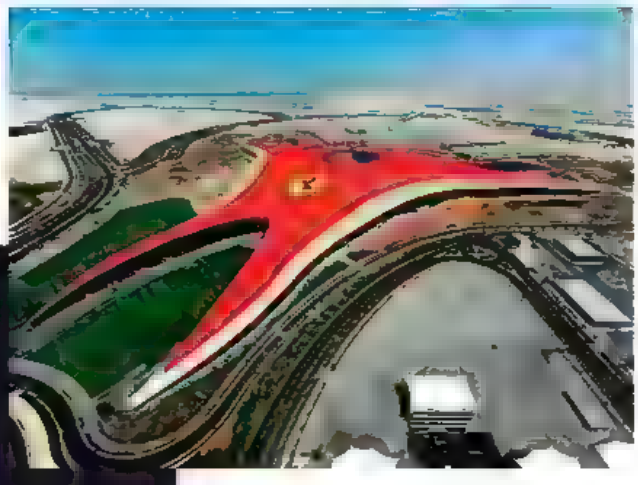
FIM DA LINHA: *Ecclestone, de 86 anos, não terá mais poder dentro da Fórmula 1*

no quesito entretenimento. Mais: apesar de ter obtido sucesso em mercados como os Emirados Árabes, a F1 não avançou nos EUA. Chase Carey, chairman após o negócio, sabia que Ecclestone não iria aceitar as mudanças que precisavam ser feitas. "Ele foi um ditador por muito tempo e fez da F1 um grande esporte, mas que pode ser melhorado", disse Casey em entrevista à BBC. "O que trazemos é um novo olhar e outra ambição, que é fazer um esporte fantástico para os fãs."

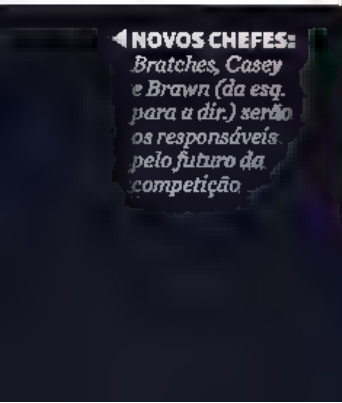
Os novos donos estão dispostos a investir US$ 4,4 bilhões para rapidamente ganhar espaço em mercados importantes. Eles apostam na criação de verdadeiros espetáculos durante as corridas, inspirados nas ligas americanas, como a de basquete NBA e a de futebol americano NFL. Outra meta é a profissionalização dos negócios para acelerar a expansão. Ecclestone tinha a fama de preferir apertos de mãos aos contratos, o que dificultava negociações e abria espaço para corrupção. Em 2014, depois de cinco anos de investigações, o executivo pagou US$ 100 milhões à Justiça alemã para encerrar um processo que provou a propina paga a um banqueiro local a fim de que a CVC mantivesse o controle das transmissões da F1. Desta forma, Ecclestone continuaria no comando. Em outros casos, corridas tradicionais, como os GPs da Alemanha e da França, foram canceladas por falta de acordos entre os organizadores e o ex-chefão. Principal alvo, os EUA também devem receber outro evento, além do realizado na cidade de Austin, no Texas. "Há muitas razões para ser otimista com a Liberty", diz Emanuele Venturoli, analista da consultoria britânica de marketing RTR Sports. "Eles estão colocando nomes conhecidos para posições-chave e mudando a F1 sem alterar a essência do esporte."



TRADICIONAL: *a corrida de Mônaco é um dos símbolos históricos da competição*



MODERNO: *britânico abriu mercados em regiões como os Emirados Árabes. Na foto, o circuito de Abu Dhabi*



NOVOS CHEFES: *Bratches, Casey e Brawn (da esq. para a dir.) serão os responsáveis pelo futuro da competição*

A partir de agora, a gestão será descentralizada. Ross Brawn, campeão do mundo da categoria como diretor técnico de equipes como McLaren, Mercedes e Ferrari, assume a parte esportiva. Sean Bratches, um dos responsáveis por transformar o canal ESPN numa potência, ficará com a parte comercial. O primeiro desafio do trio será digitalizar a Fórmula 1. Uma das críticas à Ecclestone é que ele não explorava as redes sociais para focar apenas nos contratos com emissoras de televisão, que pagavam US$ 50 milhões, cada uma, pelas transmissões.

O resultado da estratégia pode ser visto nos números. Enquanto a Fórmula 1 possui cerca de cinco milhões de usuários conectados às suas principais redes, a americana Nascar chega a oito milhões. "Os fãs querem estar mais próximos dos eventos e as redes sociais permitem isso", diz Pedro Daniel, responsável pela área de esporte da BDO Brazil. Outra solução a ser buscada é para a falta de competitividade na categoria. Nos últimos anos, foi comum ver uma equipe dominando as corridas por toda a temporada. "A Liberty também terá que desvincular a F1 de Ecclestone", diz Daniel, da BDO Brazil. "É um desafio similar ao que a Apple teve com a morte de Steve Jobs." S

FOTOS: GERO BREILOER | MARK THOMPSON/GETTY IMAGES E AFP PHOTO / FERRARI WORLD

SCHYMURA, DO SANTANDER: *ruptura cultural para tornar mais rápido o desenvolvimento dos produtos*

SANTANDER COM CARA DE STARTUP

O banco tem se inspirado nos **empreendedores digitais** para revolucionar processos e **ganhar agilidade**. A meta: concorrer com as *fintechs*

Cláudio GRADILONE

O cenário naquela tarde de quarta-feira era semelhante ao de outras maratonas tecnológicas em que programadores disputam para ver quem elabora o melhor programa para computador ou aplicativo para celular em um prazo exíguo, as chamadas *hackathons*. Estava tudo lá: camisetas de super-heróis, participantes digitando furiosamente em seus smartphones, recursos multimídia em profusão e uma disputa com direito a torcidas organizadas. Só havia duas notas destoantes dos eventos desse tipo. Uma delas era o endereço. Em vez de uma universidade ou incubadora, a competição foi realizada no quarto andar de um luxuoso edifício corporativo na Zona Sul de São Paulo, a sede do banco Santander Brasil. A outra eram os quatro executivos engravatados sentados na primeira fila, encarregados de escolher o vencedor, entre eles Sérgio Rial, presidente do banco. A

FOTOS: FELIPE GABRIEL

competição visava decidir quais dos aplicativos desenvolvidos por times internos seriam integrados aos sistemas do Santander, e é o aspecto mais visível de uma mudança na sua maneira de trabalhar **Nos últimos meses, o banco vem buscando adquirir a agilidade das startups para desenvolver novas ferramentas e ganhar rapidez para enfrentar os concorrentes, bancos ou não.** "Queremos melhorar a experiência do cliente", diz Cassius Schymura, diretor de Plataformas Multicanal do Santander.

A princípio, parece não haver nenhuma novidade nisso. Porém, o que o Santander quer, assim como os demais bancos de varejo, cada um à sua maneira, é encontrar uma forma de evitar a competição destrutiva das *fintechs*, empresas que prestam serviços financeiros e baseiam seus serviços principalmente em tecnologia móvel. "A possibilidade de as *fintechs* atuarem em parceria com os bancos é limitada", diz Schymura. "Elas operam em um ecossistema totalmente diferente, e têm um enorme potencial disruptivo." Tradução: com agilidade e libertas das amarras regulatórias e culturais do sistema financeiro, essas recém-chegadas podem arrancar fatias razoáveis dos ganhos dos banqueiros.

Evitar essa ameaça exige mudar profundamente a forma de pensar. Tecnologia sempre foi algo estratégico para os banqueiros. O Bradesco importou seu primeiro computador IBM em 1962. A máquina, com uma capacidade de processamento inferior ao smartphone que você tem no bolso, destinava-se a tornar mais ágil a conciliação dos movimentos das contas dos clientes. Desde então, os bancos brasileiros têm sido grandes entusiastas da inovação. Em 2015, os gastos consolidados do setor somaram R$ 19,2 bilhões, segundo a Federação Brasileira de Bancos, a Febraban. Essa conta inclui equipamentos, treinamento e desenvolvimento de sistemas e segurança. Apesar da desaceleração da economia e da contração do crédito no ano passado, os prognósticos são de que a cifra de 2016, ainda a ser divulgada, mostre um avanço acima da inflação.

A justificativa "oficial" para esses gastos sempre foi facilitar a vida do cliente, tornando os serviços mais ágeis. Na prática, porém, o objetivo é automatizar tarefas realizadas por bancários, gastando menos com salários e agências, e elevando os lucros. Mesmo assim, em comparação com seus concorrentes internacionais, os bancos brasileiros ainda são considerados pouco arrojados na hora de informatizar. "Em muitos casos, os bancos estão realizando uma digitalização da porta para fora", diz Wander Azevedo, diretor de serviços financeiros da consultoria Roland Berger no Brasil. "O que aparece para o cliente é um uso intenso de ferramentas digitais e tecnologia móvel, mas, na hora de processar essas informações, ainda valem os processos tradicionais."

O objetivo de Schymura, e dos 500 profissionais alocados em dois andares do edifício envidraçado ao lado do Rio Tietê, é mudar essa cultura. O primeiro fruto dessa mudança foi o

"É preciso avançar na liberalização"

A eleição de Donald Trump vai causar um retrocesso das políticas estatistas e intervencionistas, e isso é positivo, diz Sérgio Rial, presidente do Santander. Ele falou com a DINHEIRO:

Quais seus prognósticos para 2017?
Esperamos um ano com uma conjuntura mais sólida. Os prognósticos do banco são de um crescimento do Produto Interno Bruto de 0,5%, que a taxa Selic recue até 9,5%. Também esperamos um cenário menos volátil para o dólar e para a inflação, e também para as commodities, especialmente o petróleo.

O governo iniciou uma desregulamentação dos compulsórios. Como o senhor vê isso?
Esse processo ainda está no início. Se o que as autoridades indicaram que vão fazer for apenas o começo, é um bom começo. Porém, se essas forem as únicas mudanças adotadas, será algo insuficiente para o que o governo deseja.

Como o senhor vê um governo Donald Trump? Será ruim para o Brasil?
Penso que não, pois a economia brasileira é relativamente pouco exposta à americana. Mas há um ponto positivo. Depois da crise financeira de 2008, houve um grande avanço na regulamentação estatal, especialmente sobre o sistema financeiro. O presidente Trump indica que vai caminhar no sentido de liberalizar a economia, o que é bom. A iniciativa individual é sempre mais eficiente do que a atuação do Estado.

encurtamento do prazo das atualizações. Isso reduziu o período de desenvolvimento de um novo aplicativo de 180 dias para 30. Para fazer isso, o banco não recorreu a nenhuma ideia milagrosa. Apenas tomou providências simples, como reunir profissionais de diversas áreas, como tecnologia, produtos e jurídico, em grupos de mesas dispostas lado a lado, em ilhas dedicadas a cada tarefa. "Demorou um pouco, mas, depois de algum tempo, pessoas de departamentos diferentes começaram a conversar uns com os outros em vez de apenas enviar e-mails para o colega sentado ao lado, e isso acelerou os processos", diz Schymura. Segundo ele, o mais importante e trabalhoso foi romper a cultura de descarregar a responsabilidade pelo atraso em outro departamento, como ocorre em qualquer grande empresa.

A presença de Sérgio Rial na competição interna não foi uma deferência. Na quinta-feira 26, ao apresentar um lucro recorde de R$ 7,33 bilhões em 2016, o presidente enfatizou a importância da tecnologia na obtenção dos resultados. "Estamos buscando uma transformação comercial, para dar mais velocidade aos processos", diz ele. **"Quando olho a concorrência, quem me preocupa não são os maiores, mas os mais rápidos."** Segundo Rial, a ênfase na velocidade fez a divisão brasileira recuperar a liderança entre as subsidiárias do Santander, representando 21% dos lucros totais, apesar de responder por apenas 10% do total de empréstimos concedidos pelo grupo no mundo. Em 2014 e 2015, essa posição havia sido perdida para o Santander britânico. O banco também melhorou sua produtividade. As receitas totais, de juros e tarifas, avançaram 9% em 2016, para R$ 45,2 bilhões ante os R$ 41,5 bilhões de 2015. Nesse mesmo período, porém, as despesas gerais cresceram 5,7%, de R$ 17,3 bilhões em 2015 para R$ 18,3 bilhões no ano passado. No caso das tarifas, os maiores crescimentos ocorreram justamente nas operações mais massificadas. As tarifas de cartões avançaram 15,5%, para R$ 4,08 bilhões, e as de seguros cresceram quase 40%, para R$ 2,2 bilhões.

À MODA DO VALE DO SILÍCIO

Como o Santander pretende tornar a inovação mais ágil

	Antes	Depois
Equipes	Separadas	Unificadas
Processos	Paralelos	Simultâneos
Comunicação	E-mail	Verbal, e-mail, post-it
Prazo médio dos processos	180 dias	30 dias

OS RESULTADOS DIGITAIS

	2015	2016	Variação
Biometria	100 mil	6,3 milhões	6.200%
Transações com cartões	818 milhões	1,247 bilhão	52%
Clientes digitais*	4,4 milhões	6,4 milhões	45,1%
Transações digitais	66%	73%	7 pontos percentuais

*clientes com predominância de uso dos canais digitais | Fonte: Santander

ÊNFASE NA AGILIDADE ELEVOU A RECEITA DE SERVIÇOS E AMPLIOU OS LUCROS

Essa estratégia será suficiente para garantir a sobrevivência do Santander e de outros bancos no longo prazo? Disruptiva dentro do sistema financeiro, um dos setores da economia mais regulados e inflexíveis, a estratégia do Santander e de seus concorrentes não se compara em inovação ao que as fintechs estão fazendo, diz Azevedo, da Roland Berger. "O que será revolucionário é digitalizar os processos de ponta a ponta" diz ele. "O sistema terá mudado quando um cliente conseguir abrir uma conta, obtiver um limite de crédito e tomar um empréstimo usando apenas o celular, sem ter de ir a nenhuma agência, assinar nenhum papel ou conversar com um bancário." Ou, como comentam, reservadamente, os próprios executivos do Santander: em até dez anos, o cartão de plástico hoje nos bolsos de todos os clientes terá dado lugar a um aplicativo para o celular. "E nesse momento veremos a concorrência das *fintechs*", diz Azevedo.

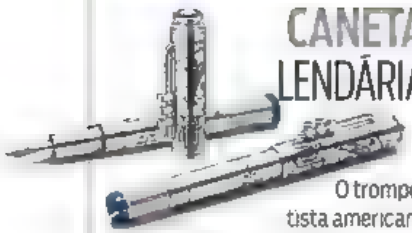
COBIÇA

POR ANDRÉ JANKAVSKI

A MAIS CARA DA HISTÓRIA

Um bilionário que esteja pensando em se mudar para a região de Bel Air, bairro nobre de Los Angeles, tem uma opção atraente no mercado imobiliário. Trata-se da mansão mais cara já colocada à venda nos EUA. O imóvel de 11,5 mil m² possui 12 quartos, 21 banheiros e três cozinhas. Mais: o comprador terá ambientes como pistas de boliche, uma sala de jogos para crianças, além de um cinema que comporta 50 pessoas. Um heliporto, com o seu devido helicóptero, e uma coleção de arte contemporânea também fazem parte do pacote. A propriedade foi criada pela incorporadora BAM Luxury Group, especializada em mansões para bilionários. Até agora, meia dúzia de endinheirados já entrou em contato com a BAM para saber mais detalhes do imóvel. Quanto eles estão dispostos a pagar por essa mansão? Nada menos do que US$ 250 milhões.

CANETA LENDÁRIA



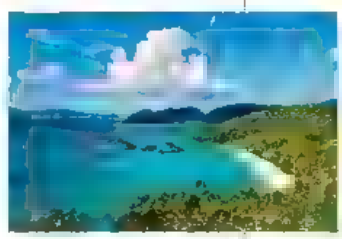
O trompetista americano Miles Davis, morto em 1991, é considerado um dos nomes mais influentes da música. Vencedor de nove Grammys e presente em diversos halls da fama, Davis agora é homenageado pela grife alemã Montblanc em sua coleção de canetas Grandes Personagens. Três modelos foram confeccionados, todos com gravuras que remetem às cinco fases do jazz americano que o artista ajudou a conduzir. A mais valiosa é a caneta Miles Davis Limited Edition 1926, revestida de platina e avaliada em US$ 905.

UM BRAÇO PARA O TRABALHO

Existem algumas companhias inseparáveis no dia a dia de trabalho. Computador, smartphones e, para muitas pessoas, o papel e caneta são sempre lembrados. A startup chinesa uFactory quer colocar um braço robótico entre os itens indispensáveis. Sim, um braço robótico. A ideia da empresa com o seu uArm é popularizar a ideia de que é possível ter um robô, mesmo que seja para pegar um copo d'água na sua mesa. A parte útil é que você pode ensinar a máquina alguns movimentos – o que pode ser a sua salvação daquele trabalho maçante. A versão profissional, que tem um motor mais potente, custa US$ 300.

TURISMO PAGO

Há cem anos, os EUA pagaram US$ 25 milhões à Dinamarca pelo controle do atual território das Ilhas Virgens Americanas. Como comemoração, o escritório de turismo da região está oferecendo US$ 300 em créditos para quaisquer turistas conhecerem as principais atrações da ilha. O mimo, que poderá ser utilizado até o fim do ano, é válido para atividades como passeios de caiaque e mergulho. Não faltam opções de resorts luxuosos para aproveitar, como o renomado Ritz-Carlton, em St. Thomas.



LEXUS NOS MARES

A montadora japonesa Lexus, controlada pela Toyota, vem investindo para rejuvenescer a sua marca e seus automóveis. A última ofensiva foi através da apresentação de sua primeira lancha, a Lexus Sports Yacht, que rasgou os mares da cidade americana de Miami no mês de janeiro. A máquina, que foi concebida em parceria com a italiana Marquis Yachts e pode alcançar 80 km/h com o seu motor V8 de 885 cavalos, ainda é um modelo conceito e por isso não está à venda, ao menos por enquanto. Segundo Akio Toyoda, CEO do grupo Toyota, a intenção é promover o "estilo de vida" da marca Lexus.

Investidor Dinheiro

À espera de mais LUZ

Estratégias de [illegible] muitas incertezas

Flavia GALEMBECK

FOTO: ISTOCK

MEIO TERMO: *Investidor que sair da renda fixa deve preferir fundos multimercados de baixo risco, menos voláteis, diz André Nascimento, da Rio Bravo*

Entre 2014 e o começo de 2016, investir dinheiro era fácil. Ganhou quem apostou em juro alto e dólar para cima, no aumento do Risco Brasil devido às barbeiragens de Dilma Rousseff e sua turma. Porém, o ano passado foi um divisor de águas. Diversas surpresas fizeram essa estratégia deixar de funcionar. Em junho, a decisão do Reino Unido de sair da Comunidade Europeia, o Brexit. Em agosto, o impeachment definitivo de Dilma. E, em novembro, a eleição de Donald Trump para a Presidência dos Estados Unidos. O resultado foi que o dólar depreciou 18% em relação ao real e os juros iniciaram uma trajetória descendente, que deve se alongar por 2018. Com isso, a multiplicação dos bilhões ficou bem mais difícil. Não por acaso, no ano passado, o resultado médio dos gestores de grandes fortunas foi de 103% dos juros de mercado medidos pelo CDI, um ganho pequeno, ainda mais quando comparado à alta de alguns fundos multimercados, superiores a 140% do CDI. O que esperar para 2017? DINHEIRO perguntou para eles quais suas estratégias para multiplicar o capital de seus clientes abonados neste ano, e explica as diferentes visões.

Antes, um aviso. "Fortuna", aqui, é algo tão variável quanto a metragem dos iates de milionários. Na gestora de recursos Rio Bravo, significa R$ 1 milhão ou menos, dependendo do perfil do investidor. Já na Aditus Consultoria Financeira, o patrimônio médios dos clientes é de R$ 400 milhões. Em geral, fazer parte desse clube exige pelo menos R$ 10 milhões em aplicações. Mas mesmo a menor dessas cifras garante o acesso às melhores estratégias para fazer seu dinheiro crescer, correndo mais ou menos riscos. **Os gestores são unânimes em afirmar que a dobradinha juros e dólar perdeu muito de sua mágica.** "Desde 2014, a indústria apostou na valorização do dólar e montou posições em fundos de investimentos indexados, em fundos de ações americanas e em renda fixa nos Estados Unidos, comprando títulos públicos e privados, ainda que de curto prazo", diz Leonardo Bortoloto, sócio da Aditus Consultoria Financeira, que administra R$ 25 bilhões. Essa aposta foi mantida durante boa parte do ano passado, e levou aos resultados modestos. A percepção de melhoria do risco-Brasil no segundo semestre atraiu investimentos estrangeiros e fez as ações subirem de preço, mas isso não se traduziu em lucros. "Muitos gestores perderam a alta da Bolsa", diz.

Para este ano, diz Bortoloto, a recomendação para os clientes é correr mais riscos, alocando dinheiro em fundos multimercados que investem em contratos futuros de juros e de câmbio, mas que evitam os solavancos mais abruptos das ações. Esses só são recomendados para quem pensa em um prazo mais longo de resgate, ou para os investidores que não se incomodam em ver seu dinheiro encolher, ainda que temporariamente.

Esse movimento começou nos primeiros dias de janeiro e vem se amplificando à medida que o ano avança. No caso da Rio Bravo, essa migração também já começou, e a recomendação é fazer o dinheiro seguir, em um primeiro momento, dos fundos de renda fixa para multimercados com baixa volatilidade. "Grandes oscilações nos fundos podem assustar o investidor que está acostumado com os ganhos altos e previsíveis da renda fixa", diz André Nascimento, consultor da área de grandes fortunas da Rio Bravo.

A MULTIPLICAÇÃO DOS SEUS MILHÕES

As aplicações que são tendência para a indústria de gestão de fortunas em 2017, na visão dos gestores

INVESTIMENTO	GANHA / PERDE	MOTIVO	ALOCAÇÃO	EXPECTATIVA
Multimercados	Ganha	Mix de juros, câmbio e ações lucra com Selic menor	20% a 30%	40% a 50%
		Selic menor e mais oferta de crédito		
Fundos imobiliários	Ganha	Ganha mais com Selic menor	ND	ND
		Selic menor reduz a rentabilidade	40% a 50%	20% a 30%

Fonte: Aditus, Rio Bravo, Tag Investimentos / ND = Não Definido

 FOTO: DIVULGAÇÃO

Quem não abre mão do conforto da renda fixa terá de ser mais seletivo. Ao longo dos últimos dois anos, qualquer aporte encorpado nos juros garantia ganhos reais de até dois dígitos. Agora, esses títulos se tornaram uma raridade no mercado. Um movimento de migração para aplicações isentas de imposto, como os fundos imobiliários, começou em julho do ano passado e deve continuar ao longo de 2017. Neste ano, as atenções se voltam aos papéis isentos de impostos, como as debêntures de infraestrutura e os Certificados de Recebíveis Imobiliários (CRI) e do Agronegócio (CRA). "Em um cenário de juros em queda, a ausência de impostos ganha, proporcionalmente, mais importância no cálculo final da rentabilidade", diz Marco Bismarchi, sócio e gestor da Tag Investimentos, que tem sob sua administração R$ 3,5 bilhões em recursos.

Outra alternativa são operações complexas montadas pelos gestores e que se servem de contratos futuros e opções, assim como outros derivativos. Chamados de Certificados de Operações Estruturadas (COE), esses investimentos são instrumentos financeiros sofisticados, destinados a investidores qualificados e cuja aplicação mínima é de R$ 250 mil. Na média, em 2016, a rentabilidade desses investimentos superou em dez pontos percentuais os juros de mercado medidos pelo CDI, o que, na ponta do lápis, representa 22% ao ano. Muitos profissionais estão de olho nos derivativos de energia, mirando na recomposição de tarifas e no aumento do consumo, com o reaquecimento da economia, a partir de 2018. Segundo Paulo Sayon, sócio-fundador da comercializadora de energia Compass, esses derivativos renderam 36% ao ano, em média, em 2016, e esse percentual deve ser mantido neste ano. "O consumo de energia cresce rápido quando a economia se aquece, mas elevar a capacidade instalada demora vários anos. Nesse meio tempo, os preços sobem e os investidores ganham", diz ele. Sua expectativa é que esse mercado, que movimentou cerca de R$ 1 bilhão no Brasil no ano passado, triplique de valor neste ano. "E essa é uma estimativa conservadora", diz ele.

PAPÉIS AVULSOS

O BANRISUL NA BERLINDA

As ações do Banrisul dispararam na quinta-feira 26, fechando com alta de 14,21%. O motivo para tanto alvoroço foi a expectativa de que o banco do estado do Rio Grande do Sul seja privatizado, como parte do esforço do governo gaúcho para sanear as contas. A venda é uma contrapartida exigida por Brasília para conceder um pacote de ajuda ao estado, que vem tendo dificuldades para pagar os servidores públicos. O processo, com conseqüências políticas catastróficas para o governador José Ivo Sartori, pode ser feito de duas formas. Em uma, o governo oferece ao mercado o excesso de controle e permanece com 50% mais uma ação, e levanta R$ 1,8 bilhão. Na outra, o controle é vendido por R$ 3,3 bilhões. Procurado, o Banrisul não comentou.

RAIO X

Cotação*	R$ 14,87
Preço máximo (52 semanas)	R$ 14,99
Preço mínimo (52 semanas)	R$ 3,87
Oscilação no mês:	44,1%
Oscilação no ano:	44,1%
Oscilação em 2016	89,0%
Volatilidade (21 dias)	50,21%

DESEMPENHO DAS EMPRESAS POR SETOR DE ATIVIDADE

MELHOR DESEMPENHO	% 30 DIAS	% 12 MESES
Siderúrgico	19,42	314,07
Mineração	25,84	303,72
Petróleo e Gás	10,56	248,06
Energia e Saneamento	9,87	165,04
Financeiro	13,93	113,82

PIOR DESEMPENHO	% 30 DIAS	% 12 MESES
Telecomunicações	-22,53	-40,58
Industrial	11,17	8,97
Imobiliário e Construção	60,77	20,15
Papel e Celulose	3,45	-9,29
Consumo e Varejo	8,67	28,12

Fonte: Austin Rating

TOURO X URSO

Superando a marca de 66 mil pontos, algo que não acontecia desde 2012, a bolsa brasileira negociou mais de R$ 8,8 bilhões no pregão da quinta-feira 26, impulsionada por papéis de bancos, que se beneficiaram da decisão do Banco Central de simplificar o compulsório. Também ajudou a alta do minério de ferro na China. Mesmo puxando as ações de siderúrgicas, a alta leva a questionamentos de o quanto mais essas ações podem subir sem dados concretos de crescimento.

QUEM VAI SAIR DE LÁ

BM&FBovespa dá ultimato a 16 empresas

Até o dia 6 de março, a BM&FBovespa pretende excluir do pregão 16 empresas, cujos nomes não revelou, caso elas não resolvam pendências, como o atraso no envio de documentos, a ausência de escriturador (que faz a custódia das ações), inadimplência à bolsa e cotações abaixo de R$ 1 por 30 dias consecutivos. A decisão reduziria as companhias listadas para 469.

BOLSAS NO MUNDO

20/01/2017

Mercado	Índice	Pontos	COTAÇÃO (MOEDA LOCAL) % mês	% ano	% 12 m.	VARIAÇÃO (US$) % mês	% ano
Brasil	Ibovespa	64.521	7,13%	7,13%	72,07%	4,92%	4,92%
Brasil	IBrX	26.505	6,93%	6,93%	68,21%	4,72%	4,72%
EUA	Dow Jones	19.827	0,33%	0,33%	24,82%	0,33%	0,33%
EUA	Nasdaq	5.555	3,20%	3,20%	22,95%	3,20%	3,20%
Japão	Nikkei	19.138	0,12%	0,12%	11,85%	-1,18%	-1,18%
China	CSI 300	3.355	1,35%	1,35%	7,22%	2,34%	2,34%
Alemanha	DAX 30	11.630	1,30%	1,30%	19,45%	0,26%	0,26%
França	CAC 40	4.851	-0,24%	-0,24%	12,51%	1,26%	1,26%
Reino Unido	UKX	7.198	0,78%	0,78%	22,48%	1,44%	1,44%

Fonte: Austin Rating

MERCADO

Aplicações isentas de IR decolam em 2016

As emissões de Certificados de Recebíveis do Agronegócio (CRAs) somaram R$ 12,9 bilhões em 2016. Isso corresponde a 11,8% da captação local e um salto de 193% ante 2015, segundo a Anbima, entidade que representa o setor. Também isentos, os Certificados de Recebíveis Imobiliários (CRIs) responderam por 15,6% das captações, com R$ 17,1 bilhões, e alta de 72,6% sobre 2015. Já as debêntures, com R$ 4,4 bilhões, encolheram 11,6%. No ano, as empresas captaram R$ 178,5 bilhões no Brasil e no exterior.

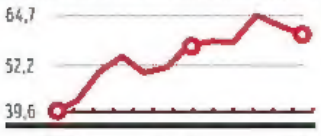
FOTOS: JULIA MORAES (BANCO VERPA/FOLHAPRESS) DIVULGAÇÃO

TERMÔMETRO DO MERCADO

O IBOVESPA EM UM ANO *	PONTOS
Ibovespa	66.190
Máxima	66.190
Mínima	37.497

Fonte: Economática * 26/01/2017

IBOVESPA em milhares de pontos



*26/01/2017

CONSTRUÇÃO

Cyrela estreita laços com fundo canadense

A Cyrela Commercial Properties (CCP), controlada pela Cyrela Realty fechou acordo para transferir 33% de seu portfólio de escritórios comerciais ao fundo de pensão estatal canadense Canada Pension Plan (CPP). Em troca, a Cyrela vai receber uma fatia de 25% dos ativos logísticos do CPP, que tem sete empreendimentos no Rio de Janeiro e em São Paulo. A negociação prevê ainda a criação de uma joint venture para investir até US$ 400 milhões em escritórios comerciais. No ano, as ações da Cyrela Realty subiram 22,2%.

DESTAQUE NO PREGÃO

Localiza denuncia a concorrência

A semana foi marcada pela polêmica entre empresas de locação de automóveis. Na segunda-feira 23, a Localiza, líder do setor, acusou um concorrente, cujo nome não revelou, de divulgar dados incorretos sobre sua receita líquida e do número de carros por agência. Os dados fariam parte de um prospecto de oferta inicial de ações, o que coloca tanto Movida quanto Unidas entre as suspeitas. A veterana, que abriu o capital em 2005, não marcou touca e realizou encontros com investidores, em São Paulo e no Rio de Janeiro, onde o Chief Financial Office (CFO) Roberto Mendes as acusou de não contabilizar o tempo de transferências dos carros às lojas de seminovos, o que causa "distorções". Procurada, a Localiza não comentou até a data do fechamento.

PALAVRA DO ANALISTA:
Com a recomendação de compra dos papéis da Localiza, o time de analistas da Citi Corretora enxergam um potencial de valorização de 11,7%, ao preço alvo de R$ 42. Nos últimos 12 meses, as ações acumulam alta de 87,50%.

AS 10 MAIS NEGOCIADAS DO IBOVESPA

Ação	Cotação (R$)*	% mês	% ano	% 12 M	% Índice
Itaú Unibanco PN	38,25	13,0	13,0	89,1	10.905
Bradesco PN	32,84	13,3	13,3	120,9	7.847
Petrobras PN	15,80	6,3	6,3	276,2	5.933
Vale PNA	31,88	36,6	36,6	370,5	5.771
Vale ON	33,60	30,8	30,8	277,6	4.594
Petrobras ON	17,39	2,7	2,7	191,8	4.400
Brasil ON	32,00	13,9	13,9	159,8	3.380
Itaúsa PN	9,29	12,2	12,2	70,2	3.220
BM&FBovespa ON	18,30	10,9	10,9	89,7	2.955
Gerdau PN	12,49	15,6	15,6	282,5	0.986

Fonte: Economática *26/01/2017

MAIORES ALTAS DA SEMANA*

Ação	Setor	%
ROSSI RESID	Imobiliário	96,85
PDG REALT	Imobiliário	62,62
ADVANCED-DH	Varejo	57,75
SPRINGS	Varejo	52,94
J B DUARTE	Varejo	40,70

MAIORES BAIXAS DA SEMANA*

Ação	Setor	%
BR PHARMA	Saúde	-16,56
TECTOY	Industrial	-9,92
AES TIETE E	Energia	-9,77
RENOVA	Energia	-6,98
MERC INVEST	Financeiro	-6,67

Fonte: Austin Rating * 13/01 a 20/01

MN MERCADO EM NÚMEROS

EMBRAER

US$ 750 milhões

Foi o quanto a fabricante brasileira de aviões captou em sua nova emissão de bônus no exterior, que paga juros de 5,4% ao ano e tem vencimento em 2027

MRV

R$ 500 milhões

É o valor da nona emissão simples de debêntures da construtora, não conversíveis em ações, com esforços restritos de distribuição

DURATEX

21%

É a previsão de alta na venda de cavacos de madeira pela empresa de laminados, uma biomassa florestal que gera energia limpa, ao liberar vapor e gás quente

JBS

12%

Foi a alta nas exportações de sua subsidiária paraguaia, que embarca carne in natura para países como Chile, Rússia, Vietnã, Brasil, Israel, Alemanha, Holanda, Iraque e Kuwai, em 2016

OURO FINO

1,5 milhão

É o número de ações que a companhia de produtos veterinários pretende adquirir até janeiro de 2018, o que representa 6,3% do capital social

DinheiroemNúmeros

POR CLÁUDIO GRADILONE E FLAVIA GALEMBECK

COMENTÁRIOS

MENOS RENDA FIXA NOS FUNDOS DE AÇÕES

Os fundos de ações do tipo Livre estão menos conservadores. A fatia dos ativos de renda fixa em suas carteiras foi de 14,7% em dezembro, o menor nível desde os 14,1% de outubro de 2014. Desse total, segundo a empresa de informações financeiras Economatica, 59,7% estavam em títulos públicos, 34,8% em operações compromissadas e 5,5% em debêntures. A gestora Guepardo lidera a alocação em renda fixa, com 24,91% do patrimônio de cinco fundos concentrados neste investimento.

RIO BRAVO APOSTA NA BAIXA VOLATILIDADE

Criado há um ano, o fundo multimercado Rio Bravo Apollo, da Rio Bravo Investimentos, rendeu 145,01% do CDI em dez meses. Segundo o gestor Eduardo Levy, a meta é 130% do CDI ao ano, com volatilidade de até 4%. Para isso, Levy aposta em juros futuros e títulos do tesouro direto NTN-B. Fundos imobiliários e operações estruturadas completam o portfólio, limitados a 7,5% do total. O fundo zerou sua posição em ações.

FUNCESP GANHA EVITANDO RISCOS

A rentabilidade da Funcesp, maior fundo de pensão mantido por diversas empresas privadas, como o Grupo CPFL e a Duke Energy, foi de 18,5%, superando a meta de 12,9%. Com R$ 26,6 bilhões em ativos, o patrimônio se dividiu entre renda fixa (81,4%), renda variável (11,4%) e imóveis (2,8%). Os investimentos em renda fixa renderam 17,6%, e as ações, 45,3%. "Nossa estratégia foi conservadora", diz o diretor de investimentos da Funcesp, Jorge Simino.

FUNDOS DE INVESTIMENTO MAIS RENTÁVEIS

RENDA FIXA	% MÊS*	% ANO	% 12 MESES	%CDI MÊS	%CDI ANO	%CDI 12 MESES	TX. ADM. (% ANO)	APLIC. MÍN. (R$ MILHARES)	PL (R$ MILHÕES)
ICATU VANGUARDA PRÉ-FIXADO FI	2,80%	2,80%	35,64%	402,18%	402,18%	253,27%	0,35%	20	47,7
JPM BRASIL IMA-B5+ FIC	2,20%	2,20%	34,01%	316,08%	316,08%	241,66%	0,30%	10	44,1
ITAÚ IMA-B5+ FIC	2,13%	2,13%	32,99%	305,49%	305,49%	234,42%	0,40%	5	69,4
SANTANDER IRF-M 1+ TÍTULOS PÚBLICOS FI	2,26%	2,26%	31,57%	324,63%	324,63%	224,37%	0,10%	2.000	104,8
VOTORANTIM IRF-M 1+ FIC	2,19%	2,19%	30,11%	313,98%	313,98%	213,96%	0,35%	10	37,7
BRS INSTITUCIONAL IPCA FI	1,24%	1,24%	29,00%	178,66%	178,66%	206,06%	1,00%	1.000	35,2

REFERENCIADO DI	% MÊS*	% ANO	% 12 MESES	%CDI MÊS	%CDI ANO	%CDI 12 MESES	TX. ADM. (% ANO)	APLIC. MÍN. (R$ MILHARES)	PL (R$ MILHÕES)
BNP PARIBAS MATCH FI	0,70%	0,70%	14,28%	100,80%	100,80%	101,50%	0,35%	50	4.147,7
CAIXA TOP FIC	0,71%	0,71%	14,15%	102,44%	102,44%	100,58%	0,15%	3.000	1.780,8
ITAÚ INSTITUCIONAL FI	0,70%	0,70%	14,14%	100,35%	100,35%	100,50%	0,18%	0	1.362,9
WESTERN ASSET FI	0,66%	0,66%	13,90%	94,45%	94,45%	98,79%	0,15%	2.000	1.049,7
SUL AMÉRICA EXCLUSIVE FI	0,68%	0,68%	13,87%	97,90%	97,90%	98,55%	0,15%	50	504,4
BRADESCO CORPORATE FEDERAL FIC	0,68%	0,68%	13,71%	97,94%	97,94%	97,44%	0,15%	1.000	1.390,6

AÇÕES	% MÊS*	% ANO	% 12 MESES	S/IBOV. MÊS	S/IBOV. ANO	S/IBOV. 12 MESES	TX. ADM. (% ANO)	APLIC. MÍN. (R$ MILHARES)	PL (R$ MILHÕES)
BB SIDERURGIA FIC	10,10%	10,10%	191,11%	1449,50%		1.358,06%	1,00%	0	36,0
ALFA FI AÇÕES	12,42%	12,42%	82,51%	1.783,48%	1.783,48%	586,32%	0,80%	1	20,5
BLACKROCK INSTITUCIONAL IBOVESPA FI	6,66%	6,66%	69,03%	955,69%	955,69%	490,55%	0,02%	250	46,1
3G RADAR 1080 FIC	-1,34%	-1,34%	68,04%	-193,02%	-193,02%	483,49%	1,00%	100	63,4
BRADESCO INDEXADO IBOVESPA FIC	5,99%	5,99%	63,36%	860,20%	860,20%	450,25%	3,50%	1	21,3
BNP PARIBAS ACE IBRX FIC	4,25%	4,25%	61,87%	609,49%	609,49%	439,67%	0,50%	5	35,4

MULTIMERCADOS MULTIESTRATÉGIA	% MÊS*	% ANO	% 12 MESES	%CDI MÊS	%CDI ANO	%CDI 12 MESES	TX. ADM. (% ANO)	APLIC. MÍN. (R$ MILHARES)	PL (R$ MILHÕES)
BRASIL PLURAL SPECIAL SITUATIONS FI	0,11%	0,11%	113,91%	16,04%	16,04%	809,48%	2,00%	1.000	34,1
XP LONG BIASED FIC	5,07%	5,07%	94,61%	727,74%	727,74%	672,33%	2,00%	10	112,7
ITAÚ FDF RPI RETORNO TOTAL FIC	4,48%	4,48%	42,84%	643,09%	643,09%	304,40%	1,00%	1.000	39,8
MAUÁ IPCA HEDGE II FIC	3,60%	3,60%	37,49%	516,95%	516,95%	266,43%	1,50%	5	94,3
KAPITALO APOLLO FIC	2,19%	2,19%	35,07%	314,97%	314,97%	249,19%	0,16%	NE	57,2
CAPITÂNIA REIT FIC	2,51%	2,51%	34,03%	359,65%	359,65%	241,81%	0,55%	25	73,7

MULTIMERCADOS MACRO	% MÊS*	% ANO	% 12 MESES	%CDI MÊS	%CDI ANO	%CDI 12 MESES	TX. ADM. (% ANO)	APLIC. MÍN. (R$ MILHARES)	PL (R$ MILHÕES)
SPARTA CÍCLICO FI	1,03%	1,03%	33,79%	147,37%	147,37%	240,14%	4,00%	5	61,7
ALASKA RANGE FI	2,96%	2,96%	33,33%	425,18%	425,18%	236,84%	2,00%	5	81,0
BB MACRO ESTILO FIC LP	0,93%	0,93%	32,44%	133,88%	133,88%	230,55%	1,00%	NE	52,6
ITAÚ PRIVATE HEDGE PLUS FIC	1,76%	1,76%	32,41%	252,27%	252,27%	230,31%	2,00%	1.000	216,6
MAUÁ MACRO FIC	3,32%	3,32%	31,07%	477,21%	477,21%	220,82%	1,93%	5	250,8
VERITOR IMA-B HEDGE FI	2,38%	2,38%	28,02%	342,04%	342,04%	199,12%	2,00%	50	79,3

MULTIMERCADOS JUROS E MOEDAS	% MÊS*	% ANO	% 12 MESES	%CDI MÊS	%CDI ANO	%CDI 12 MESES	TX. ADM. (% ANO)	APLIC. MÍN. (R$ MILHARES)	PL (R$ MILHÕES)
JPM MULTISTRATEGY RATES AND FX FIC	1,04%	1,04%	16,92%	149,68%	149,68%	120,20%	1,00%	10	118,1
SUL AMÉRICA MOEDAS FI	1,07%	1,07%	16,79%	153,04%	153,04%	119,32%	1,00%	5	31,8
VOTORANTIM ATUARIAL FI	1,32%	1,32%	16,33%	189,97%	189,97%	116,06%	0,35%	1	152,2
ITAÚ UNICLASS FIX PLUS FIC	0,78%	0,78%	16,26%	111,54%	111,54%	115,51%	1,00%	100	163,0
CAIXA JUROS E MOEDAS FI LP	0,86%	0,86%	15,90%	123,34%	123,34%	112,96%	0,70%	20	156,6
SANTANDER PERFORMANCE TOP FI	0,98%	0,98%	15,67%	140,78%	140,78%	111,37%	0,10%	20.000	1.398,9

MULTIMERCADOS ESTRATÉGIA ESPECÍFICA	% MÊS*	% ANO	% 12 MESES	%CDI MÊS	%CDI ANO	%CDI 12 MESES	TX. ADM. (% ANO)	APLIC. MÍN. (R$ MILHARES)	PL (R$ MILHÕES)
PPACIFICO LB FIC	3,97%	3,97%	47,99%	570,03%	570,03%	341,00%	1,93%	100	84,4
OCEANA LONG BIASED FIC	2,56%	2,56%	45,27%	367,36%	367,36%	321,69%	2,00%	50	38,2
VIVA RIO FIC	2,52%	2,52%	44,40%	361,21%	361,21%	315,48%	2,00%	500	38,0
INVESTCENTER JGP EQUITY FIC	4,95%	4,95%	38,86%	710,67%	710,67%	276,17%	2,50%	200	47,2
SAFRA S&P REAIS PB FI	1,20%	1,20%	37,11%	172,04%	172,04%	263,73%	1,00%	1.000	77,2
WESTERN ASSET US INDEX 500 FI	1,17%	1,17%	36,83%	167,70%	167,70%	261,72%	1,00%	25	140,1

*NE = o fundo não exige
Dados fornecidos pela TAG Investimentos. www.tagInvest.com.br

TAG INVESTIMENTOS

Fontes: TAG / Anbima / Quantum Axis
OBS.: Valores atualizados até 19/01/2017, referente ao período de 20/01/2016 até 19/01/2017. Leia a advertência sobre riscos em www.istoedinheiro.com.br

INDICADORES ECONÔMICOS

CRESCIMENTO (FONTE: BANCO CENTRAL)	3º TRI/16	2º TRI/16	1º TRI/16	4º TRI/15	2015
PIB (DESSAZONALIZADO)	-0,83%	-0,44%	-0,46%	-1,15%	-3,8%
PIB EM US$ BILHÕES *	1.707,87	1.655,11	1.659,81	1.774,57	1.746

ATIVIDADE **	NOV/16	OUT/16	SET/16	AGO/16	NO ANO
PRODUÇÃO INDUSTRIAL (IBGE)	-1,1%	-7,3%	-4,6%	-5,0%	-7,1%
VOLUME DE VENDAS NO VAREJO (IBGE)	-3,5%	-8,1%	-5,7%	-5,5%	-6,4%
TAXA DE DESEMPREGO - PNAD CONTÍNUA (IBGE)	11,9%	11,8%	11,8%	11,8%	-
UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE INSTALADA (CNI) - DESSAZ.	77,5%	77,6%	77,6%	77,8%	-

INADIMPLÊNCIA ***	NOV/16	OUT/16	SET/16	AGO/16	MÉDIA EM 2016
PESSOA FÍSICA ATÉ 90 DIAS	5,30%	5,70%	5,70%	5,40%	5,50%
PESSOA F. ACIMA DE 90 DIAS	6,10%	6,20%	6,20%	6,20%	6,20%
PESSOA JURÍDICA ATÉ 90 DIAS	3,70%	4,00%	3,70%	3,90%	3,90%
PESSOA J. ACIMA DE 90 DIAS	5,40%	5,60%	5,50%	5,50%	5,20%

CONTAS PÚBLICAS (% PIB)* (A)	NOV/16 A DEZ/15	OUT/16 A NOV/15	SET/16 A OUT/15	AGO/16 A SET/15	JUL/16 A AGO/15
RESULTADO NOMINAL	9,28%	8,73%	9,32%	9,51%	9,46%
RESULTADO PRIMÁRIO	2,50%	2,20%	3,04%	2,74%	2,51%

	NOV/16	OUT/16	SET/16	2015	2014
DÍVIDA LÍQUIDA DO SETOR PÚBLICO (SEM PETROBRAS)	43,79%	43,70%	43,61%	35,61%	32,59%
DÍVIDA LÍQUIDA INTERNA	59,85%	58,94%	59,40%	54,81%	46,19%
DÍVIDA LÍQUIDA EXTERNA	-16,07%	-15,24%	-15,79%	-19,20%	-13,61%

CONTAS EXTERNAS (US$ MILHÕES)	DEZ/16	NOV/16	OUT/16	SET/16	NO ANO
INVESTIMENTO DIRETO ESTRANGEIRO	-	8.752	8.400	5.274	63.657
EXPORTAÇÕES	15.941	16.220	13.716	15.800	185.244
IMPORTAÇÕES	11.525	11.463	11.376	11.987	137.552
SALDO COMERCIAL	4.415	4.758	2.340	3.813	47.692
SALDO EM TRANSAÇÕES CORRENTES	-	-878	-3.339	-503	-17.818
RESERVAS INTERNACIONAIS LÍQUIDAS	-	372.761	375.433	377.797	372.761
DÍVIDA EXTERNA TOTAL	-	333.799	335.361	338.320	333.799

* Acumulado nos últimos 12 meses.
** Em relação ao mesmo período do ano anterior, exceto utilização de capacidade instalada e taxa de desemprego.
*** Em proporção do volume de crédito concedido.
(a) Superávit = (-) e Déficit = (+), conforme notas econômicas do BACEN

PRINCIPAIS ÍNDICES

INFLAÇÃO	DEZ/16	NOV/16	OUT/16	NO ANO	12 MESES
IPC - FIPE	0,72%	0,15%	0,27%	6,54%	6,54%
IGP-M (FGV)	0,54%	-0,03%	0,16%	7,17%	7,17%
IGP-DI (FGV)	0,83%	0,05%	0,13%	7,18%	7,18%
IPCA (IBGE)	0,30%	0,18%	0,26%	6,29%	6,29%
IPCA - NÚCLEO MM SUAVIZADO	0,37%	0,39%	0,40%	6,94%	6,94%

JUROS/APLICAÇÃO (EM %)	DEZ/16	NOV/16	OUT/16	NO ANO	12 MESES
CDI	1,12%	1,04%	1,05%	14,00%	14,00%
TR	0,18%	0,14%	0,16%	2,01%	2,01%
POUPANÇA	0,69%	0,64%	0,66%	8,30%	8,30%
TJLP	0,60%	0,60%	0,60%	7,50%	7,50%
SWAP PREXDI (30 DIAS)	1,06%	1,03%	1,04%	13,74%	13,74%

CÂMBIO/PETRÓLEO	20/01/2017	NO MÊS	NO ANO	12 MESES
REAIS/US$ (COMERCIAL VENDA)	3,192	2,11%	2,11%	28,02%
US$/EURO	1,066	1,03%	1,03%	-2,30%
IENE/US$	115,22	1,32%	1,32%	1,15%
PETRÓLEO À VISTA BRENT (US$/BARRIL)	55,49	-2,34%	-2,34%	99,03%

MERCADOS FUTUROS 20/01/2017	MAR/17	JUN/17	SET/17	NOV/17
CÂMBIO (R$/US$)	3,208	3,281	3,349	3,386
	MAR/17	JUN/17	SET/17	NOV/17
DI 1 DIA (% A.A.)	12,82	12,07	11,31	10,94
	FEV/17	ABR/17	JUN/17	DEZ/17
IBOVESPA (PONTOS)	65.136	66.172	67.242	70.236
	MAR/17	SET/17	DEZ/17	SET/18
CAFÉ ARÁBICA (60KG - ICF)	184,10	193,05	197,80	197,35

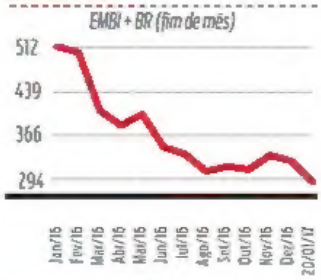
RENTABILIDADE DOS TÍTULOS PÚBLICOS (%)

* até 20/Janeiro/17 (inclui 13 = duas Semestrais)

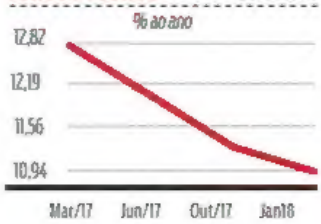
TÍTULO	VENC.	INDEXADOR	Últim. 30 dias	ano *	12 MESES
Tesouro Selic	07/03/2017	Selic	1,05%	0,74%	13,96%
Tesouro Prefixado (JS)	01/01/2021	Prefixado	2,99%	2,64%	35,90%
Tesouro IPCA+ (JS)	15/05/2017	IPCA	1,08%	0,81%	12,14%
Tesouro IGPM+ (JS)	01/07/2017	IGP-M	1,62%	1,19%	12,62%
Tesouro Prefixado	01/01/2018	Prefixado	1,39%	1,11%	20,63%

*** divulgação dos dados suspensa, devido a greve dos servidores

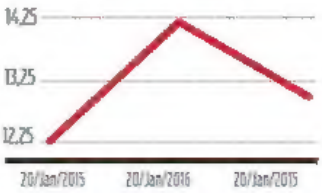
RISCO-PAÍS



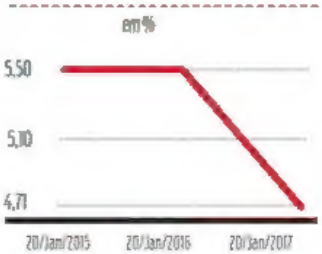
JUROS FUTUROS



SELIC



IPCA – Estimativa Focus SPA



Dólar nominal

NOTAS

DEMANDA POR CRÉDITO CORPORATIVO CAIU 2,2% EM 2016

A busca de crédito pelas empresas caiu 2,2% em 2016, segundo a empresa de cadastro Serasa Experian, que atribui o cenário ao aprofundamento da recessão e às altas taxas de juros. Trata-se do pior resultado em quatro anos. As companhias de médio porte foram as mais afetadas, com retração de 12%. Entre os setores, as maiores quedas aconteceram na indústria (-5%) e no comércio (-3,6%).

MOVIMENTO DO COMÉRCIO ENCOLHEU 4,1% NO ANO

O movimento do comércio foi 4,1% menor em 2016, em comparação com o ano anterior, segundo a empresa de informações financeiras Boa Vista SCPC. Apenas no mês de dezembro, a queda foi de 2,3%, em comparação com novembro, e de 0,8% em relação a dezembro de 2015. No entanto, segundo a Boa Vista, a perspectiva de desaceleração de preços e juros já oferece um horizonte mais benigno para as vendas deste ano.

CAPTAÇÃO DA POUPANÇA PELA CAIXA CRESCEU 275% EM DEZEMBRO

A captação líquida da poupança da Caixa somou R$ 4,7 bilhões em dezembro de 2016, alta de 275% em comparação com novembro. No ano, o saldo da poupança no banco estatal foi de R$ 249 bilhões, 37,5% do total do mercado. A inflação acumulada em 2016 foi de 6,3%. Com ganho de 8,3%, a rentabilidade real da poupança no ano foi de 1,9%.

FOTOS: DIVULGAÇÃO | DANILO VERPA

Precisamos falar de sexo também na economia

No início da semana passada, uma notícia passou despercebida pelo novo site da DINHEIRO (aliás, vale a pena conhecer como ficou mais simples navegar pelas notícias em tempo real, pelas reportagens da revista e pelo conteúdo online exclusivo, como vídeos e blogs). O texto estava entre os destaques secundários, mas com um título atraente: "Brinquedos sexuais suecos são mais seguros que brinquedos infantis (estudo)". Epa! O que o prazer tem a ver com a economia? A agência de notícias France Press trazia o estudo de uma autoridade de

inspeção de produtos químicos da Suécia que comparou a existência de materiais perigosos nos brinquedos para adultos e para crianças. O resultado é incômodo: 15% dos objetos para os pequenos contêm algo inadequado ou impróprio para a saúde contra apenas 2% nos para adultos. "É a primeira vez que realizamos esse estudo e foi um pouco surpreendente", disse a fiscal Frida Ramstrom.

Há 20 anos, Monica Lewinsky quase levou Bill Clinton ao impeachment ao expor a atividade sexual na Casa Branca. Donald Trump mal assumiu e já se vê em situação parecida

É óbvio que tudo o que envolve o bem-estar de crianças deve ser investigado e tratado como prioridade, mas impressiona como o sexo é um tema que ainda provoca espanto em qualquer parte do mundo. No Brasil, o deputado Marcelo Aguiar (DEM-SP) prefere se preocupar com o que as pessoas veem no seu celular a debater os graves problemas que atrapalham o desenvolvimento econômico do País. O parlamentar, ligado à bancada evangélica, criou um projeto de lei para que as operadoras bloqueiem todo o acesso a sites de sexo virtual e pornografia. É bom que se diga que um conteúdo nocivo não é, necessariamente, ilícito. O submundo dessa história é a pedofilia, a pornografia infantil e o vazamento de fotos íntimas, principalmente de mulheres. Esses, sim, são crimes e devem ser combatidos.

Mas é importante falar dos benefícios do sexo para a economia, um mercado bilionário onde a crise passa distante. Em 2016, a Associação das Empresas do Mercado Erótico e Sensual projetava uma expansão na receita das empresas de quase 20%, para R$ 1,2 bilhão no País. São 30 fabricantes, 15 importadores e 50 distribuidores, que geram mais de 125 mil empregos. Globalmente, essa indústria é uma potência. A pornografia (incluídas as produções em vídeo) movimenta algo em torno de R$ 200 bilhões, por ano.

Se os valores ligados ao mercado legal impressionam, o do paralelo ainda é objeto de controvérsias. Nos Estados Unidos, o Urban Institute, uma empresa de pesquisa especializada em temas que estão à margem da economia, escolheu oito cidades para calcular o peso financeiro da prostituição. O impacto somado é de US$ 1 bilhão, em cidades como Atlanta e Miami. Dois terços do pagamento, claro, são feitos com dinheiro em espécie. Diante dessa alta soma, **a Itália passou a inserir a prostituição no cálculo do PIB, há três anos. A decisão do instituto de estatística italiano seguiu uma recomendação da União Europeia, que permite legalizar algumas transações ilegais.** Nada como adequar o que é errado às suas necessidades.

Onde dificilmente tem acordo são as peripécias de homens públicos. Mal entrou na Casa Branca, Donald Trump está tendo de lidar com a ameaça de um dossiê russo que promete expor sua intimidade pouco convencional. Choca mais a opinião pública saber que seu presidente teria sido gravado com prostitutas urinando sobre ele (golden shower) do que sua posição racista, sexista e homofóbica. É motivo para *impeachement*? Há 20 anos, Bill Clinton escapou de um, após envolvimento com a estagiária Monica Lewinsky. O que ele conseguiu foi preencher o imaginário popular. E, como lembrou o cronista Luís Fernando Veríssimo, o significado de felação só foi conhecido por muitos nesse caso. É possível que Trump enriqueça os verbetes, enquanto empobrece os EUA.

** Márcio Kroehn é editor de Negócios Globais da ISTOÉ DINHEIRO*

 FOTO: AFP PHOTO